UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JULIANA SOFIA CARAPINHA MACHADO

Fraternidade: a pedra angular de uma nova ordem social.

Um estudo a partir da UL4 «Construir Fraternidade» do 5.º ano de escolaridade de EMRC

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professor Mestre Juan F. Garcia Ambrosio e Professor Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa
2022

«Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de Fraternidade».

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Àqueles que jamais me deixam desistir,

sobretudo ao João e à Clara.

Agradecimentos

Embora este trabalho seja de natureza pessoal, pude contar com a participação, colaboração e apoio de algumas pessoas, às quais quero aqui manifestar o meu mais sincero agradecimento.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Mestre Juan Ambrósio, pela sua orientação, que me fez crescer muito profissionalmente. Agradeço também todo o tempo dispensado, os seus sábios conselhos e a compreensão que demonstrou para comigo diante de alguns obstáculos.

Agradeço também ao Professor Doutor Isidro Lamelas, que com muita sabedoria me guiou na elaboração deste Relatório Final, mostrando-se sempre disponível, atento e empenhado em esclarecer todas as minhas dúvidas.

Ao Professor Paulo Costa, cooperante na Prática de Ensino Supervisionada, com quem muito aprendi e que me ofereceu um dos melhores exemplos do que é ser professor de EMRC. Agradeço o seu apoio incondicional, os seus conselhos, as suas críticas e elogios. Para além do meu obrigada, a minha amizade.

À Débora, a pessoa que partilhou comigo este percurso desde o início. Agradeço por ter estado sempre ao meu lado, por nunca duvidar de mim, pelos momentos que passámos juntas e experiências que partilhámos, pela boa e sincera amizade que criámos.

À Catarina Amaral, pela sua constante presença, apoio, força, pelas horas de conversa ao telefone e pelos seus sábios conselhos. Mais que o meu obrigada, a minha amizade.

Ao João, meu porto de abrigo, pela sua força nos momentos mais difíceis, por nunca duvidar das minhas capacidades, mas acima de tudo por encarar tudo quanto faço como um projeto a dois. Para além do meu obrigado, o meu amor.

À Clara, o maior e melhor presente de Deus na minha vida, por ser a razão da minha força e do meu acreditar, por todos os dias me colocar um sorriso no rosto. A ela o meu amor para sempre.

Aos meus pais, Roque e Ana, e aos meus irmãos, Catarina e Paulo, pelo seu amor, apoio e reconhecimento. Um agradecimento não chega para retribuir tudo quanto fazem por mim.

Índice

Introdução……8

1. A Prática Educativa Supervisionada……...11

1.1 O contexto pedagógico educativo dos alunos……...11

1.1.1 Caracterização do meio e da escola……11

1.1.2 Caracterização da turma……12

1.2 Reflexão sobre a prática pedagógica……15

1.2.1 A Unidade Letiva 4 - Construir Fraternidade……15

1.2.2 Pertinência do tema e interesse pedagógico……...17

1.2.3 Opções metodológicas……20

1.2.4 A prática letiva……22

1.2.5 Avaliação global da prática de ensino supervisionada……61

1.2.6 Avaliação dos alunos……..75

2. Redefinir a vivência da Fraternidade……78

2.1 A noção de comunidade como alicerce à vivência da Fraternidade……..78

2.1.1 A noção de comunidade……..79

2.1.2 A noção de Fraternidade……83

2.2 *Fratelli Tutti* (o apelo à Fraternidade)……...89

2.3 A Fraternidade segundo São Francisco de Assis……...92

2.4 A Fraternidade Universal……..96

2.5 Proteger a criação……102

3. Proposta Pedagógica……...105

3.1 Enquadramento da proposta pedagógica……107

3.2 Planificação da proposta pedagógica desenvolvida……110

3.3 Balanço final da implementação desta atividade……110

Conclusão……112

Bibliografia……..118

RESUMO

A Fraternidade assume-se, nos dias de hoje, como um dos valores humanos fundamentais, que deve ser urgentemente recuperado. Para tal, é necessário que os seres humanos se reconheçam como seres únicos e irrepetíveis, que vivem a sua singularidade numa comunidade plural, para com a qual devem ser responsáveis. Este reconhecimento deve refletir-se na forma como o ser humano vê o mundo, desencadeando um conjunto de ações fraternas para com os outros e para com a realidade circundante, rumo ao sonho de uma verdadeira Fraternidade. É certo que a educação se apresenta como o meio capaz de educar para a Fraternidade, derrubando barreiras e preconceitos, apelando à prática de valores humanistas, com vista ao bem comum e ao exemplo como forma de pedagogia. Tendo em conta os fundamentos e objetivos da disciplina de EMRC, reconhecemos nela a capacidade, por excelência, de potenciar este processo de ensino-aprendizagem, rumo ao alcance da Fraternidade Universal.

Atualmente, esta proposta surge muito bem fundamentada nos documentos eclesiais, os quais se constituem como uma boa fonte de informação e um forte apelo à ação. Este Relatório Final descreve o percurso realizado, no sentido de fazer cumprir este apelo e de aliar os conhecimentos teóricos à prática, perspetivando uma mudança significativa e consciente de atitude junto dos alunos e de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Comunidade; Fraternidade; *Fratelli Tutti*; São Francisco de Assis; Criação; Fraternidade Universal; EMRC.

ABSTRACT

Fraternity assumes itself today as one of the fundamental human values, which must be urgently recovered. To this end, it is necessary for human beings to recognize themselves as unique and unrepeatable beings, who live their uniqueness in a plural community for which they must be responsible. This recognition should reflect the way human beings see the world, triggering a set of fraternal actions towards others and towards the surrounding reality, towards the dream of a true Fraternity. It is true that education present itself as the means capable of educating for the Fraternity, tearing down barriers and prejudices, appealing to the humanistic values practice, with a view to the common good and to example as a form of pedagogy. In view of the foundations and objectives of the EMRC discipline, we recognize in it the ability, by excellence, to enhance this teaching-learning process towards the reach of the Universal Fraternity.

Currently, this proposal is very well founded on ecclesial documents, which are an excellent source of information and a strong call to action. This Final Report describes the path taken in order to fulfil this appeal and to combine theoretical knowledge with practice, looking ahead with a significant and conscious change of attitude towards students and the entire school community.

Key-words: Community; Fraternity; *Fratelli Tutti*; Saint Francis of Assisi; Creation; Universal Fraternity; EMRC.

Siglas e Abreviaturas

Act Actos dos Apóstolos

Cf. Confrontar

Cor Coríntios

CV Concílio Vaticano

EMRC Educação Moral Religiosa Católica

Fl Carta aos Filipenses

FT *Fratelli Tutti*

Gn Génisis

Jo João

Jz Juízes

Lc Lucas

LS *Laudato Si*

Lv Levítico

Mt Mateus

PEE Projeto Educativo de Escola

PES Prática de Ensino Supervisionada

RM Romanos

SL Salmos

Tg Tiago

UL Unidade Letiva

Introdução

Os nossos dias estão ainda marcados por um ambiente de pandemia, que em muito afetou a humanidade e a forma como esta estabelece e vive as suas relações. O estarmos privados uns dos outros, em nome de um bem comum, levou a que se reacendesse o sonho de um mundo mais fraterno, pois a pandemia tornou ainda mais evidente que «ninguém se salva sozinho». A crença de que tudo ia ficar bem foi repetida muitas vezes, de várias formas, em várias línguas e em todos os contextos, houve até quem acreditasse que estávamos perante o «século da Fraternidade», onde a Fraternidade esquecida nos séculos XIX e XX seria atual protagonista do século XXI. E, no entanto, vivemos tempos de guerra, novos muros se levantam, novas políticas separam povos, o que nos leva a acreditar que a promessa falhada da modernidade, volta a falhar na era pós-moderna. A este propósito, no contexto do encontro inter-religioso «Paz sem fronteiras»[1], realizado em Madrid, Monsenhor Paglia[2], afirma que os povos devem «deixar para trás 20 anos tristes deste Terceiro Milénio a fim de tecer novas décadas de Fraternidade, solidariedade e amizade entre os povos»[3].

Os media, para além de reportarem constantemente o fracasso deste modelo social, propõe outros, que no nosso entender, em nada cooperam com as necessidades do mundo, nem oferecem aos jovens um modelo plausível de relação e de vivência em comunidade. Falamos por exemplo de *reality shows* como o *Big Brother*[4], onde um administrador invisível, controla aqueles que aceitam viver na sua casa, sujeitos ao cumprimento das suas ordens, ao mesmo tempo que divulga a imagem audiovisual dos próprios. Será este o modelo que devemos oferecer aos nossos jovens, será que cabe à escola incentivar e divulgar um modelo semelhante, ao invés de propor alternativas?

---

[1] Encontro promovido pela Comunidade de Santo Egídio, em conjunto com a diocese católica de Madrid (Espanha), no qual foi feito um "apelo de paz", com manifesta preocupação pelo futuro das novas gerações, sobretudo por causa da destruição do planeta, com o crescimento dos nacionalismos e com a dimensão exclusivamente económica da globalização. Ainda neste encontro o cardeal Osoro manifestou a importância de se tomarem «decisões claras e apostar na cultura do encontro», lutando «contra a divisão, as ruturas, os enfrentamentos, a violência, a discriminação e a guerra». No final, proclamou aquelas que para ele devem ser as «bem-aventuranças da paz sem fronteiras». Cf. Pierangelo Sequeri et al., «SALVAR A FRATERNIDADE – JUNTOS. Um apelo à fé e ao pensamento», acedido a 30 de junho de 2022, https://www.academyforlife.va/content/pav/en/salvare-fraternita/il-documento/il-testo/il-testo-pt.html.

[2] Atual Presidente do Pontifício Conselho para a Família. Cf. Wikipédia, «Pontifício Conselho para a Família», acedido a 15 de julho de 2022, https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pontif%C3%ADcio_Conselho_para_a_Fam%C3%ADlia&oldid=63436900

[3] Cf. Francesca Sabatinelli e Mariangela Jaguraba, «Dom Paglia: fraternidade universal, promessa fracassada da modernidade», acedido a 18 de julho de 2022, https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/dom-vincenzo-paglia-santo-egidio-madri.html

[4] *Big Brother* é a versão portuguesa do formato holandês do *reality show Big Brother*. Baseia-se na inclusão de um número variável de participantes que sem se conhecer aceitam o desafio de viverem numa casa, fechados cerca de quatro meses, sem qualquer tipo de comunicação com o exterior, enquanto são gravados 24 horas ao dia em todos os espaços da casa, sob escuta de microfones. O formato foi criado pelo empresário holandês John de Mol e desenvolvido pela sua própria produtora.

Na era em que vivemos, perante a realidade social em que estamos inseridos, compreendemos que, cada vez mais, o papel da escola não se pode esgotar na transmissão de conhecimentos. A educação enfrenta desafios constantes e solicitação de respostas cada vez mais variadas e diversificadas, não só do ponto de vista científico, mas também social, algo a que jamais a escola e os seus agentes se podem manter indiferentes. É neste contexto também que o Papa Francisco, recuperando os ideais de São Francisco de Assis, volta a apelar ao evangelho e a ética da Fraternidade.

Enquanto profissionais, nesta área, cabe-nos a procura destas respostas e a sugestão de algumas soluções que possam auxiliar a educação no cumprimento do seu real e verdadeiro objetivo. Enquanto professores de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) interessa-nos ainda perceber qual o papel da disciplina na escola e qual o seu contributo na sociedade para o alcance do bem comum e do cuidado do outro.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada com alunos do 5.º ano de escolaridade e após análise das Unidades Letivas e do trabalho que nos interessava concretizar, decidimos escolher, como área temática central, a Unidade Letiva 4 do programa do 5.º ano de EMRC: Construir Fraternidade. O objetivo inicial foi explorar o tema centrando a visão da Fraternidade em atitudes práticas e comportamentos efetivos, rumo à efetivação da necessidade de agirmos de forma fraterna e justa para com os outros e com o mundo.

No fundo, procurámos articular o nosso trabalho de modo a oferecer aos alunos a visão prática de como podemos tornar o mundo um lugar melhor para todos, com base no respeito e na entreajuda, e dotá-los de ferramentas que os auxiliem a pensar de forma a contemplar o todo, não apenas o singular, na certeza de que tudo quanto fazemos e o modo como fazemos interfere na forma como vivemos juntos.

Pretendíamos assim, que no final desta unidade, o trabalho desenvolvido desse sentido não só à temática da Fraternidade em si, mas a todo o trabalho desenvolvido no decorrer do ano letivo, trazendo uma luz diferente às outras três unidades letivas que compõem o programa do 5.º ano (Viver Juntos, Advento e Natal, A Família, Comunidade de Amor). Privilegiámos por isso, as dinâmicas práticas, os jogos pedagógicos, o trabalho em grupo e a valorização do exemplo, por meio da boa relação com o outro.

A par do trabalho que fomos desenvolvendo em contexto de sala de aula, realizámos também uma procura mais detalhada, fazendo por consultar bibliografia especializada que nos permitisse obter a resposta a algumas questões: Porque é tão difícil a compreensão da Fraternidade?; Qual o impacto dessa dificuldade na forma de atuação e gestão de comportamentos por parte das crianças?.

De modo a dar a conhecer as respostas a estas questões, decidimos organizar este relatório em três seções distintas. Na primeira seção apresentamos a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas no decurso da PES, contextualizando a intervenção letiva e pedagógica com a caracterização da escola e da turma onde esta decorreu e apresentando uma análise à Unidade Letiva de referência para a

condução deste estudo. Nela expomos ainda as opções metodológicas concretizadas durante a PES, as planificações e os relatórios dos momentos letivos desenvolvidos e, por fim, um resumo da prática letiva e uma avaliação global da PES.

Na segunda seção fazemos uma abordagem aos conceitos de Comunidade e Fraternidade, apelando para a reintegração destes dois conceitos de forma corelacionada, fundamentando com apelos frequentes do Papa Francisco, apresentando a fonte de inspiração deste para a proposta deste modelo de organização social: São Francisco de Assis. Da experiência de lecionação resultante da PES, articulada com a experiência acumulada na docência de EMRC, prévia à frequência do Mestrado em Ciências Religiosas do qual este trabalho se constitui como Relatório Final, demonstraram a dificuldade na compreensão da proposta e vivência da Fraternidade pelos alunos. Foi o reconhecer desta dificuldade que nos motivou à reflexão mais teórica sobre estas questões.

Acresceu a esta motivação os apelos frequentes para que a Fraternidade no mundo seja salva, como visado na Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, sobre a qual muitos se têm debruçado atualmente, no sentido de, a partir dela fazermos emergir novas soluções para o mundo. É o caso do projeto internacional «Salvar a Fraternidade», confiado a um grupo de teólogos e teólogas, por organização da Pontifícia Academia para a Vida, Dom Vincenzo Paglia, e do ex-presidente do Pontifício Instituto Teológico João Paulo II para as Ciências do Matrimónio e da Família, Pierangelo Sequeri, com o objetivo de «Promover um debate aberto sobre o presente e o futuro da humanidade, em busca da Fraternidade»[5]. No posfácio que encerra este apelo, o Monsenhor Paglia, convida as instituições eclesiais à promoção de um diálogo mais profundo e assíduo entre a inteligência da fé e o pensamento humano, sublinhando que a teologia e a pastoral devem convergir como as duas faces de uma mesma ação, no sentido de se alcançar «uma inversão de tendência no pensamento de época»[6].

Esta noção é aprofundada nos últimos pontos da seção dois, ligada à proposta de São Francisco de Assis, inspiradora dos Santos Padres, atualizada na visão e proposta do Papa Francisco. Por último, apresentamos uma proposta pedagógica a ser trabalhada nas escolas, de forma a cumprir as metas e os objetivos propostos para esta Unidade Letiva, ao mesmo tempo que se trabalha para o alcance desta inversão de pensamento atual, na procura pelo alcance da Fraternidade Universal como base estrutural de uma nova ordem social.

[5] João Duque, «Salvar a Fraternidade», *Brotéria* 2 (2022), 147-155.
[6] Vatican News, «"Salvando a Fraternidade-Juntos", por uma Igreja aberta ao mundo», acedido a 18 de julho de 2022, https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-06/fraternidade-apelo-teologia-igreja.html

1. A Prática de Ensino Supervisionada (PES)

1.1 O contexto pedagógico e educativo dos alunos

1.1.1 Caraterização do meio e da escola

A PES decorreu na escola António José D'Ávila, também conhecida como Escola Básica e Integrada da Horta, situada na ilha do Faial, no arquipélago dos Açores, no centro da cidade da Horta. A nível demográfico a ilha do Faial é a terceira maior ilha da Região Autónoma dos Açores.

Esta ilha apresenta como grande marca identitárias o vulcão dos Capelinhos, resultante de uma grande erupção vulcânica, ocorrida a 27 de setembro de 1957. Este fenómeno natural desencadeou um elevado fluxo migratório, particularmente para o Canadá e Estados Unidos da América, marcando de forma pronunciada a história e a cultura desta ilha e deste povo. Hoje, este vulcão está classificado como reserva natural e representa uma atração turística para quem visita a ilha do Faial.

A ilha possui uma vista privilegiada para a Montanha da ilha do Pico, sua vizinha, com quem mantém uma ligação marítima diária. Esta comunicação foi fundamental para a realização da PES a que este relatório se reporta. Paradoxalmente, foi também fonte de algumas restrições e contratempos.

A cidade da Horta, composta por treze freguesias, corresponde a um modelo de cidade litoral de raiz portuguesa e de traçado medievo-renascentista, assente nas edificações dos séculos XV ao XVIII. Comporta uma das sedes da Administração Regional e também a sede da Assembleia Legislativa Regional dos Açores.[7]

A criação da unidade orgânica António José D'Ávila data de dezembro de 2005 com a publicação do Decreto Regulamentar Regional nº26/2005/A que definiu a Escola Básica Integrada da Horta como uma estrutura administrativa e pedagógica que congregou todas as escolas de Educação Pré-Escolar e dos 1.º e 2.º Ciclos de Ensino Básico do concelho da Horta. A partir da publicação do Decreto Regulamentar Regional nº18/2011/A de 10 de agosto, passou também a fazer parte desta estrutura o Conservatório Regional da Horta. Atualmente é composta por dez escolas, das quais sete se localizam geograficamente em meio rural e as restantes três num meio mais citadino, todas elas pertencentes, administrativamente, ao concelho da Horta. Recentemente, foi submetida a obras de reconstrução na parte do edifício que acolhe as turmas do 1.º ciclo.

No que diz respeito à área curricular de EMRC, esta possuía um espaço próprio para a lecionação, adequada às práticas de ensino vigentes e com elementos muito próprios e construídos ao pormenor. Correspondia a uma sala ampla, com mesas e cadeiras ajustadas às características físicas dos alunos, possuía dois armários para o arrumo de materiais, um quadro de escrita manual e um quadro interativo. Estava equipada com projetor, computador, colunas de som e acesso *WiFi*.

[7] Cf. Wikipédia, «Horta», acedido a 28 de janeiro de 2022, https://pt.wikipedia.org/wiki/Horta.

Segundo os dados do Projeto Educativo de Escola (PEE), no triénio letivo 2019/20 – 2021/22, na sua totalidade frequentavam, esta Unidade Orgânica, 1045 alunos, sendo 218 da Educação Pré-Escolar, 552 do 1.º Ciclo e 316 do 2.º Ciclo. Da totalidade dos alunos, 94 estavam integrados no Regime Educativo Especial. Como o Conservatório é parte integrante da escola esta englobava ainda, no ensino artístico, 181 alunos. Visto serem dados de triénio letivo, é possível que hajam alterações do total de alunos no geral e também por cada ciclo, mas não muito acentuadas.

Dos 316 alunos que frequentavam o 2.º Ciclo de Ensino, 200 encontravam-se matriculados em EMRC, representando cerca de 63% do total de alunos para este ciclo de ensino. A docência de EMRC foi sempre assegurada por um único docente. O projeto educativo de escola, enquanto instrumento de construção identitário desta, foi elaborado de acordo com os normativos em vigor, após auscultação dos departamentos e analisadas todas as propostas em Conselho Pedagógico, tendo sido definido com o título "**Uma escola Para Todos**". Este documento declara a intenção da escola de se assumir como um espaço agradável e apetecível, aberto à diversidade, em que todos os alunos se sintam respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, formando assim uma escola atrativa, num espaço com vida e que convida à participação de todos, que proporciona um ambiente amistoso e acolhedor aos alunos.

1.1.2 Caraterização da turma

A turma do 5.º B era composta por 19 alunos, dos quais 15 frequentavam a área curricular de EMRC. Com o intuito de melhor dar a conhecer os alunos que compunham esta turma e de forma a não interferir com o respeito pela proteção dos seus dados foi criado com estes um avatar que abaixo apresentamos para cumprir com este propósito. Para além dos alunos, as professoras estagiárias e o professor cooperante também criaram o seu avatar.

As informações aqui apresentadas foram recolhidas através de grelhas com informações fornecidas pela Diretora de Turma, que se assumiram como um recurso importante para a caracterização da turma, levantamento de necessidades específicas e como ferramenta fundamental no planeamento e seleção das estratégias didático pedagógicas a utilizar ao longo do ano.

No seu todo, a turma era composta por 10 elementos do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Contudo a caracterização aqui apresentada baseia-se apenas nos alunos matriculados em EMRC, concretamente, 8 rapazes e 7 raparigas.

EB1,2/EA/JI António José de Ávila

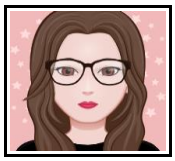
5º B

Ano Letivo - **2021/2022**

AVATAR

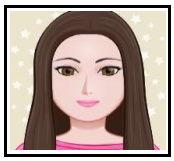
1 (4122)

2 (3716)



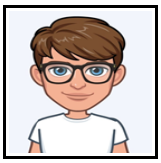
A R M

3 (3719)



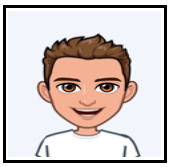
C S G

4 (3852)



D R D

5 (3827)



D S R

6 (3728)

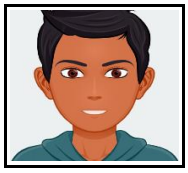
7 (3856)

F E M

8 (3777)

F A S P

9 (3859)



G P A

10 (3858)

J M G L

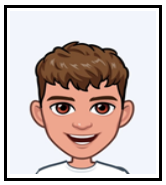
11 (4528)

12 (3349)

L P I

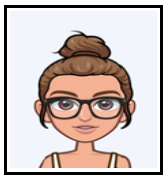
13 (5673)

14 (3715)



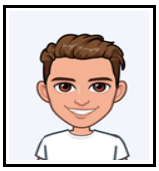
M G M

15 (3654)



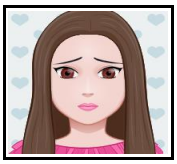
M O M

16 (3861)



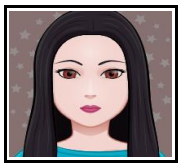
S S F

17 (3717)



V S C M

18 (3503)



V B D

19 (3726)

Y A L S

PJCC

DVAA

JSCM

Em relação à idade dos alunos a turma apresentava 53% de alunos com 9 anos, 27% com 10 anos, 13% com 11 anos e 7% com 12 anos. Todos os alunos se encontravam a frequentar o 5.º ano pela primeira vez.

Relativamente ao local de residência, 10 alunos residiam na freguesia dos Cedros, 2 alunos na freguesia do Salão, 2 alunos na freguesia de Pedro Miguel e 1 aluno na freguesia da Ribeirinha. No que

concerne aos Encarregados de Educação, verificou-se que na maioria dos casos são as mães que assumem este papel.

Na primeira aula com a turma foi entregue aos alunos uma carta de apresentação redigida pelas professoras estagiárias e em anexo uma folha de resposta, para que os alunos pudessem facultar mais algumas informações pessoais, sobretudo ao nível de gostos e preferências. De entre as questões colocadas, serão destacadas três: *tenho o sonho de…*; *estou em EMRC porque…* e *nos meus tempos livres gosto de…*. Em relação à primeira foram registados oito sonhos diversificados, apenas um obteve mais registos. Foram assinalados os sonhos de: ir à Disney (3), viajar a outras ilhas como São Miguel, Terceira, Flores, Corvo e Graciosa (1), ter um cão (1), ser agricultor (1), ter um hámster (1), tratar de animais (1), ser jogador de futebol (1) e viajar (1).

Sobre a pergunta "estou em EMRC porque?" foram registados seis motivos, nomeadamente: gosto de pintar (1), gosto de EMRC (4), é divertido (1), gosto do professor (1), para ser uma pessoa melhor (1), quero conhecer a vida de Jesus (1) e não sei (1).

Sobre as preferências dos tempos livres, as respostas foram muito diversificadas, como se pode atestar: ver televisão (3), falar com os meus pais (2), brincar (6), ouvir música (2), estudar (1), ler (3), jogar no telemóvel (3), andar de bicicleta (1), dançar (4), passear (4), estar com o meus animais (2), jogar futebol (1), comer (2), dormir (1), andar (1), ver vídeos (2), conversar com pessoas (1), visitar os avós (1) e jogar no tablet (1).

No decorrer da observação das aulas verificou-se que a turma é assídua e pontual e que apresenta um bom comportamento e um bom nível de participação útil, ainda que nem sempre de forma constante. Inicialmente, os alunos não se revelaram participativos, sendo necessário reforçar e incentivar à participação com frequência. Esta dificuldade em participar em grande grupo foi dando lugar a conversas paralelas que por vezes dificultaram a atenção/concentração em alguns momentos da aula. Gradualmente, e graças à mudança da planta da sala, estas conversas foram sendo cada vez mais esporádicas e a participação útil tornou-se cada vez mais frequente.

No geral, a turma revelou-se empenhada, responsável, autónoma, respeitadora e interessada. Os alunos demonstraram boa capacidade de realização de inferências e um gosto particular por assuntos que motivassem a reflexão, quer individual quer em grande grupo.

1.2 Reflexão sobre a prática pedagógica

1.2.1 A Unidade Letiva 4 – Construir Fraternidade

A Unidade Letiva Construir Fraternidade representa a quarta unidade letiva proposta pelo manual de 5.º ano da disciplina de EMRC. Nela é proposto que os alunos adquiram o significado de "Fraternidade" no entendimento de que somos irmãos, temos uma origem comum, somos dotados de razão e consciência, iguais em dignidade e que o universo e a terra são a nossa casa.

Propõe ainda que os alunos contatem com a declaração do amor universal de Deus e que acedam ao exemplo da vida em Comunidade dos primeiros cristãos. Também sugere que os alunos compreendam as ameaças e as fragilidades que atentam contra a Fraternidade, como por exemplo o mal moral e a crueldade das guerras. Passada a mensagem cristã sobre o perdão, os alunos são desafiados à construção de um mundo mais fraterno, por meio de exemplos concretos e apelos diretos.

Os objetivos traçados como forma de cumprir as metas de ensino definidas para esta Unidade Letiva estão elencados no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica,[8] articulados ainda com um conjunto de aprendizagens essenciais que abaixo registamos em tabela:

METAS	OBJETIVOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. **G.** Identificar os valores evangélicos. **N.** Promover o bem comum e o cuidado do outro.	**1.** Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. **2.** Valorizar a comum filiação divina. **3**. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs. **4**. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à Fraternidade. **5**. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão. **6**. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	- Descrever o que é Fraternidade e o seu alcance social e religioso; (Port; CD) - Identificar fragilidades e ameaças à Fraternidade; (Port; CN;CD) -Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de Fraternidade; (Port) -Reconhecer a regra de ouro do cristianismo e de outras tradições religiosas; (Port; CD) -Promover o valor do perdão nas relações interpessoais (Port; CD) - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro. (Port; CN; ET; EV; CD)

[8] Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 60-61.

L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	**7**. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	

No desenvolvimento do trabalho a realizar ao longo desta unidade letiva o aluno deve ser ajudado a construir e a aprofundar uma visão crítica das suas ações e das dos que o rodeiam, compreendendo o impacto dessas relações na sua vida, na vida dos outros e do mundo. É ainda fundamental que o aluno desenvolva um processo de reflexão sobre os desafios que hoje se colocam perante os sujeitos e a sua ação no mundo. Isto com implicações diretas nas sociedades existentes que apelam a grandes transformações e mudanças na forma como se articulam e dinamizam a sua ação perante o mundo. Sendo também necessário ajudá-los a identificar possíveis estratégias de atuação, novas formas de ser e de estar no mundo e de encarar a vida em sociedade. Para tal, ajudam alguns exemplos de pessoas que ao longo da história foram capazes de empreender tais mudanças, quer do ponto de vista da sua história pessoal, quer da história da própria história, fazendo a diferença na vida de tantos quantos os que com eles se cruzaram.

Nas planificações referentes a esta unidade letiva foram ainda sempre tidos em conta os conteúdos programáticos apresentados, quer no programa, quer no manual da disciplina, seguindo-se, no geral, a sequência proposta nos mesmos, relativamente às temáticas a abordar com os alunos. Ainda que esta seja uma unidade letiva extensa e com bastantes conteúdos para abordar foi possível ajustar e pensar o trabalho a desenvolver de modo a contemplá-los a todos nas planificações, assim como aconteceu com as metas, os objetivos, tal como refletimos na tabela que abaixo se apresenta.

			Aulas								
Domínios	**Metas**	**Objetivos**	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ética e Moral	**Q.** Reconhecer, à luz da Mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	**X**								
		2. Valorizar a comum filiação divina.	**X**	**X**							
	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.						**X**	**X**	**X**	**X**

Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	**G.** Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.			**X**						
		4. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à Fraternidade.			**X**	**X**					
		5. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão.					**X**				
	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.						**X**	**X**	**X**	**X**

As Aprendizagens Essenciais definidas para esta unidade letiva,[9] apesar de mais sucintas face aos objetivos estipulados pelo Programa, encontram-se plenamente alinhadas com os mesmos. Assim sendo, foram cumpridas durante a lecionação também todas as aprendizagens essenciais definidas para esta unidade letiva.

Ao longo da lecionação desta unidade letiva foi ainda possível fazer ponte com todas as outras unidades letivas lecionadas ao longo do ano, sobretudo com a primeira, Viver Juntos, o que permitiu aos alunos compreenderem e acederem de uma forma muito mais simples à necessidade de todos nós adotarmos um comportamento mais fraterno, pautado pelo perdão e focado no bem comum. No decorrer do trabalho desenvolvido ao longo desta unidade letiva foi também possível estabelecer uma estratégia de complementaridade das temáticas e conteúdos abordados ao longo do ano nas diversas unidades letivas exploradas com os alunos. Tal permitiu, não só, mostrar aos alunos a forma como todas as unidades se complementam, como também ir mais longe e mostrar o seu sentido e a atualidade da sua mensagem, face ao período de desenvolvimento que os alunos atravessavam.

1.2.2 Pertinência do tema e interesse pedagógico

A integração desta unidade letiva no quinto ano de escolaridade, momento em que os alunos mudam de ciclo de ensino, integrando turmas diferentes, e uma nova escola, parece-me ser determinante para o ganho de uma consciência cada vez mais efetiva sobre o poder das suas relações e da ação sobre os outros e sobre o mundo que os rodeia. A forma como as unidades letivas propostas para este nível de ensino, e o encadeamento entre elas, leva facilmente a que os alunos compreendam, tal como escrito no

[9] Cf. Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais», acedido a 15 de janeiro de 2022, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf

manual, que «o ser humano, enquanto ser social que vive em constante interdependência com os seus semelhantes, pode condicionar a vida destes, através dos seus comportamentos»[10]. Isto de forma positiva ou negativa, pelo que temos de centrar aqui grande parte da nossa reflexão ajudando os alunos a reconhecerem mais facilmente a forma positiva de atuação.

A este propósito, na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco refere que a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza (Cf. LS, 215). Foi nesta linha de pensamento que procurei desenvolver as atividades propostas, realçando sempre a necessidade de nos preocuparmos cada vez mais com as questões ligadas à proteção da natureza e à necessidade da humanidade se unir na construção de uma nova sociedade. Para tal, a exploração da história de Malala e o exemplo de São Francisco de Assis foram muito importantes, no sentido de os alunos poderem associar estas questões a rostos e a formas concretas de intervenção.

O facto de, no decorrer da abordagem realizada, podermos oferecer aos alunos exemplos reais e concretos de pessoas que se depararam com situações novas e a sua forma de reação, sendo esta última, um exemplo positivo, é fundamental para que os alunos vão tendo acesso a bons modelos, que no próximo ano os ajudarão na abordagem do tema da pessoa humana, por exemplo. No que se refere a este ponto poder abordar histórias, como por exemplo a história da Malala, foi fundamental para darmos a conhecer aos alunos alguém com uma idade relativamente próxima à deles, que muito jovem recebeu o Prémio Nobel da Paz, pela sua capacidade de persistência, coragem, luta pelo bem comum, ao mesmo tempo que oferecemos um excelente exemplo sobre o perdão.

Ainda mostrando exemplos, podemos associar as questões da Fraternidade ao exemplo dado por São Francisco de Assis, falando de simplicidade, de Fraternidade universal, de paz do vínculo com a Terra, do diálogo entre as religiões, concretizamos as questões ligadas à necessidade de regeneração, quer humana, quer natural. Este exemplo permitiu ainda estabelecer o paralelismo entre a missão de reparar a igreja em ruína, confiada por Deus a São Francisco, e a que nos é hoje entregue de reconstruir a nossa casa comum e de reabilitar as nossas relações humanas.

Ao ler a Encíclica *Fratelli Tutti*, que o Papa Francisco publica no dia 3 de outubro, deparamo-nos com um convite à reflexão, que justifica ainda mais a pertinência de trabalharmos estas questões com os nossos alunos, neste documento, o Santo Padre apela para que "antes as várias e atuais formas de eliminar ou ignorar os outros possamos reagir com um novo sonho de Fraternidade e amizade social que não pare nas palavras" (Cf. FT, 6). Para o Santo Padre, a Fraternidade não é resultado apenas de situações onde se respeitam as liberdades individuais, nem mesmo da prática de uma certa equidade. Embora sejam condições que a tornam possível, não bastam para que surja como resultado necessário a Fraternidade. Esta tem algo de positivo a oferecer à liberdade e à igualdade (Cf. FT, 103).

[10] Elisa Urbano, Sérgio Martins e Mónica Pires, Conta comigo!, (Lisboa: Fundação SNEC, 2021), 95.

Esta Encíclica propõe um roteiro de ação que fez muito sentido na organização e planificação das aulas. Em primeiro lugar, expressa a ideia de que nos cabe viver reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, num apelo para que seja devolvida a Esperança. Esclarecendo que, no mundo atual, os sentimentos de pertença à mesma humanidade e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parecem cada vez mais uma utopia de outros tempos (Cf. LS, 30).

Nesta Encíclica somos ainda alertados para o facto de estarmos todos no mesmo barco e de, exatamente por isso, ser preciso fazer crescer a consciência de que, hoje, ou nos salvamos todos, ou não se salva ninguém. A pobreza, a degradação, os sofrimentos de um lugar da terra são um silencioso terreno fértil de problemas que, finalmente, afetarão todo o planeta. É preciso, por isso, avançar para uma civilização do amor. Só partindo do amor social é possível avançar para uma civilização do amor onde todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos o amor social (Cf. LS, 183).

Somos também alertados para a importância do diálogo, para o dever de nos aproximarmos do outro, expressarmo-nos, ouvirmo-nos, olharmo-nos, conhecermo-nos, esforçarmo-nos por nos entendermo-nos e procurar pontos de contato (Cf. LS, 198).

O Santo Padre refere que cada vez mais é preciso que nos assumamos como artesãos da paz. Afirmando que os processos efetivos de uma paz duradoura são, antes de mais nada, transformações artesanais realizadas pelos povos, onde cada pessoa pode ser um fermento eficaz com o seu estilo de vida diária. Cada um de nós «desempenha um papel fundamental, num único projeto criador, para escrever uma nova página da história, uma página cheia de esperança, cheia de paz, cheia de reconciliação» (Cf. LS, 231).

Avança consciencializando para a importância do perdão, o perdão livre e sincero é entendido como uma grandeza, que reflete a imensidão do perdão divino (Cf. LS, 250). Finalmente, apela a que saiamos ao encontro, que peçamos a Deus que prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura e religião.

Planificar esta unidade ciente destas ideias principais foi fundamental para a garantia de que seguia no caminho certo, permitiu ainda a inclusão de diferentes símbolos que remetem para estas ideias de uma forma natural e lúdica como é o caso da referência aos barcos e às pedras que permitem a reconstrução da nossa casa comum.

1.2.3 Opções metodológicas

A planificação desta unidade resultou de múltiplas leituras acerca deste tema e de uma pesquisa cuidada de algumas atividades e dinâmicas que pudessem, ao mesmo tempo, servir as metas e os objetivos, mas também representar atividades mais práticas e dinâmicas. Da experiência de lecionação da unidade letiva anterior verificamos que a turma reage melhor a dinâmicas práticas, do que a momentos expositivos, a desafios do que a exercícios, por isso procurámos aqui privilegiar as atividades dessa natureza.

Foi de extrema importância garantir que as atividades propostas eram do interesse dos alunos, assim, mesmo tendo já algumas ideias sobre o trabalho a desenvolver, ouviu-se os alunos, aferiu-se as suas expectativas e preferências, de forma a poder contemplar nas planificações algumas das suas sugestões, para que ao longo de todo este processo estes se sentissem verdadeiramente implicados e comprometidos com as suas aprendizagens.

Em primeiro lugar, interessou-nos começar a abordagem desta unidade letiva oferecendo aos alunos a visão de que são únicos, irrepetíveis, especiais e capazes de fazer coisas diferentes, mas igualmente importantes. Ajudá-los a reconhecer que, à luz da mensagem cristã, são pessoas com dignidade. Para além disto, interessou-nos ainda que os alunos compreendessem que não vivemos sozinhos no mundo e que somos responsáveis também pela forma como tratamos os outros e os fazemos sentir. Assim, começou-se por realizar uma atividade prática onde, por meio de algumas comparações, os alunos compreendessem que, entendidos na sua individualidade, todos possuem competências e qualidades diferentes, e que têm ainda o poder de decidir o que fazer com essas competências e qualidades. Depois, levámo-los a pensar na riqueza que conseguimos gerar quando toda essa individualidade se agrupa e se torna capaz de agir como um todo.

Para que os alunos adquirissem gradualmente a noção de Fraternidade foi-lhes proposto que participassem num desafio conjunto em que o objetivo era encontrar a solução para um problema, apresentado como individual, mas que no fundo era de todos os participantes, procurando assim aferir se os alunos conseguiam pensar e assumir a visão de conjunto, proposta na primeira aula.

Uma vez explicado o conceito e compreendidas as suas implicações, quer positivas quer negativas, foi contada aos alunos a história de Malala. Esta história permitiu dar a conhecer alguém com uma idade relativamente próxima à deles, que muito jovem recebeu o Prémio Nobel da Paz, algo que normalmente os alunos consideram impossível para alguém tão novo, e sobretudo porque diz respeito a uma excelente história sobre o perdão. A exploração desta história permitiu ainda perceber a visão que os alunos têm acerca daquilo que é preciso mudar no mundo para que este seja um lugar melhor para todos.

Mediante a noção de que a procura por um mundo mais fraterno e justo é da responsabilidade de todos e não só daqueles que se preocupam diretamente com estas questões, os alunos foram desafiados a construir um mural que permitiu envolver toda a comunidade educativa e simultaneamente dar a conhecer a esta, o trabalho realizado dentro da sala e que espelhava as preocupações dos alunos relativamente ao mundo que nos rodeia e às pessoas com quem coabitamos.

Para dar a conhecer aos alunos alguns dos nomes mais comuns quando se pensa ou fala de Fraternidade, elaborei um *peddy paper* para que, por meio de pistas e tarefas, os alunos conseguissem descobrir quem foi Nelson Mandela, Martin Luther King e Madre Teresa de Calcutá. Consciente da importância de colocar os alunos em contato com novas estratégias e ajudá-los a desenvolver sobretudo competências digitais, realizei esta atividade recorrendo códigos QR espalhados por diferentes espaços da escola com vista ao preenchimento de uma folha de resposta e com o objetivo de cada grupo de trabalho apresentar à restante turma a pessoa que descobriu.

Como exemplo máximo de Fraternidade foi dado a conhecer São Francisco de Assis, por meio de um pequeno vídeo e da reflexão sobre a sua história. O facto de Deus lhe ter pedido que *reconstruísse a casa de Deus*, foi recriado por meio do pedido a cada aluno que pintasse uma pedra e nela escrevesse uma ação referente a uma ação/sentimento capaz de regenerar o mundo em que vivemos. Pretendíamos assim, que os alunos compreendessem que a construção de uma sociedade mais justa e igual para todos depende de todos e de cada um de nós.

Este foi acompanhado de leituras que realizei ao longo do ano, sobretudo a leitura da Encíclica *Fratelli Tutti*, cruzada com as metas os objetivos e as Aprendizagens Essenciais previstas para esta unidade letiva que abaixo apresentamos em tabela.

METAS	OBJETIVOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. **G.** Identificar os valores evangélicos. **N.** Promover o bem comum e o cuidado do outro. **L.** Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	**1.** Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. **2.** Valorizar a comum filiação divina. **3**. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs. **4**. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à Fraternidade. **5**. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão. **6**. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno. **7**. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	- Descrever o que é Fraternidade e o seu alcance social e religioso; (Port; CD) - Identificar fragilidades e ameaças à Fraternidade; (Port; CN;CD) -Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de Fraternidade; (Port) -Reconhecer a regra de ouro do cristianismo e de outras tradições religiosas; (Port; CD) -Promover o valor do perdão nas relações interpessoais (Port; CD) - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro. (Port; CN; ET; EV; CD)

1.2.4 A prática letiva

Para a concretização daquele que foi o percurso realizado ao longo da PES, foi determinante a mobilização da grande maioria dos conhecimentos, das competências e das ferramentas pedagógicas adquiridas ao longo da frequência do Mestrado em Ciências Religiosas. Foi ainda de extrema importância a minha experiência enquanto professora de EMRC, ainda que sem especialização nesta área, ao longo dos últimos anos. O facto de ter consciência da responsabilidade que é estar numa sala de aula, com a missão de conduzir um processo de ensino-aprendizagem significativo para os alunos que acompanhamos e a seriedade com que tal processo tem de ser encarado, ajudou, nos primeiros momentos, a planificar todas as aulas ciente dos objetivos a que me propunha alcançar.

Ainda que habituada a conhecer novos alunos, novas turmas, com necessidades e interesses diferentes, esta turma representava um desafio na medida em que era composta por alunos que não tinham frequentado a disciplina de EMRC no Primeiro Ciclo. Tal, significa que esta experiência

representou para estes alunos o primeiro contato com a natureza do trabalho que desenvolvemos nesta área. Assim, mais do que conhecer os alunos e propor-lhes atividades que os motivassem para a aprendizagem, foi preciso também estar consciente de que a abordagem realizada no decorrer deste ano permitiria a estes alunos reconhecer a identidade da disciplina e o encontrar de sentido na integração desta no seu currículo.

Sabendo ainda da importância da relação que se estabelece entre a professora e os seus alunos, sendo que acredito que o sucesso desta relação, marca também o sucesso das aprendizagens que se realizam ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, procurei, mesmo nos momentos em que não estava a intervir, manter com os alunos uma relação de proximidade, de acolhimento, de partilha e de companheirismo, quer em contexto de sala de aula, quer em contexto de recreio.

Neste sentido, eu e a minha colega procurámos funcionar sempre como um verdadeiro par pedagógico, que se auxilia e que trabalha em conjunto para o sucesso das aprendizagens dos alunos, o que permitiu a interligação efetiva do trabalho desenvolvido no decorrer de todas as unidades letivas e não a abordagem isolada de diferentes temas desligados uns dos outros ou sem uma relação clara e facilmente identificada pelos alunos que compunham a turma. O facto de o professor cooperante se ter envolvido também desta forma e acompanhado de perto todos os passos que iam sendo dados e supervisionando todas as decisões tomadas, foi também determinante não só para a boa relação entre todos, mas também para o alcance dos melhores resultados.

Assim, todas as atividades letivas foram pensadas e preparadas tendo por base os diferentes níveis de planificação, e conversadas entre todos os elementos do núcleo de estágio. Em primeiro lugar, a planificação de Nível 1 e de Nível 2, auxiliou na distribuição e organização das quatro unidades letivas que compõem o programa do quinto ano de escolaridade de EMRC pelo número de aulas previstas para este ano letivo. A distribuição realizada no início do ano e acordada entre todos os intervenientes neste processo foi sofrendo alterações ao longo do ano letivo, umas vezes motivada por alguns problemas de saúde, outras por alertas emitidos pelos serviços de Proteção Civil em virtude do agravamento do estado do tempo, que algumas vezes impossibilitou a nossa deslocação à ilha do Faial.

Ainda que tenham sido feitos alguns ajustes e revistas algumas decisões tomadas aquando dos primeiros momentos de planificação, a elaboração da planificação de nível 3, permitiu que fôssemos refletindo de forma mais aprofundada, as temáticas a abordar com os alunos, as estratégias a implementar e os recursos mais profícuos, tendo em conta o número de alunos, as características da turma e as condições oferecidas pelo espaço da sala de aula. No momento exatamente anterior ao desenvolvimento da prática, as planificações de nível 4, permitiram aceder a uma visão mais precisa e consciente de cada momento coletivo, articulando de forma decisiva o fator tempo com o trabalho que pretendíamos desenvolver.

Interessa ainda ressalvar que, mesmo tendo sido todas as planificações realizadas e pensadas com antecedência, todas elas foram sendo revistas, reajustadas e corrigidas ao longo da lecionação de cada unidade letiva, em função da progressão dos conhecimentos adquiridos, do feedback dos alunos, dos interesses e das dificuldades manifestadas por estes no decorrer de todo este processo. Lembramos assim, a importância de encararmos o ato de planificar como um ato imprescindível, dinâmico, flexível e nunca como um ato estanque. Para este exercício de revisão e reflexão foi fundamental o trabalho realizado de forma colaborativa entre os diferentes elementos do núcleo de estágio aquando das reuniões de núcleo realizadas após cada aula dada.

No decorrer da prática procurámos ainda incluir e trabalhar, sempre que possível, as competências previstas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* [11]. Procurámos também, diversificar as estratégias, os recursos e a forma de avaliar os alunos. Procurámos também, sempre que possível, colaborar nas atividades propostas pela escola e promover espaços e diferentes momentos que dessem a conhecer à comunidade educativa parte do trabalho que estava a ser realizado no contexto desta prática.

Ainda que o trabalho desenvolvido no decorrer da prática letiva tenha sido cuidadosamente pensado, refletir, ajustado e, em diferentes momentos se tenha tentado antecipar algumas dificuldades, é certo que uma vez chegado ao fim, conseguimos reconhecer sempre algumas fragilidades ou aspetos que poderiam ter sido pensados de outra forma, antevistos ou geridos de maneira diferente. Em determinadas aulas, face a planificações talvez um pouco ambiciosas, não foi possível cumprir a totalidade do plano inicialmente previsto em função do tempo útil da aula, levando a que a planificação seguinte tivesse de ser ajustada. Por vezes, o querer introduzir novas ferramentas, sobretudo as digitais, como fator motivante e facilitador de algumas aprendizagens, acabou por não se revelar tão eficaz quanto pretendido, seja por aspetos de cariz mais técnico, seja pelo desconhecimento dos alunos relativamente a algumas dessas ferramentas[12].

Em virtude da experiência do preenchimento da grelha de observação diária, aquando da lecionação da UL 2, e concordando com uma chamada de atenção feita pelo professor cooperante, relativamente à dificuldade de preencher a totalidade dos espaços, relativamente a todos os alunos em todos os parâmetros, decidi, para a UL 4 elaborar, uma grelha de observação com o que pretendia observar ao longo de toda a unidade e não aula a aula como havia feito numa primeira fase. Assim, esta grelha foi sendo preenchida de acordo com o tempo que cada aluno precisava para evoluir, permitindo um preenchimento mais avançado para uns do que para outros, ou até mesmo recuar quando necessário. Considero esta uma das aprendizagens mais importantes ao longo deste processo. É recorrente

[11] Cf. Guilherme de Oliveira Martins et al., Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017), 19-30.
[12] Cf. página 55 deste Relatório.

querermos observar tudo, e ter a pretensão de no final de cada aula querer que os alunos revelem saber já muitas coisas, tal não respeita por vezes o ritmo de aprendizagem de todos os alunos, nem revela, de forma aproximada à realidade o percurso que cada aluno é capaz de fazer desde o início de uma determinada unidade letiva até ao seu término.

No decorrer de toda a prática, uma das estratégias educativas que pretendíamos utilizar era a construção, em sala de aula, de um jornal de parede. Interessava-nos o registo de aprendizagens, a promoção de valores como a cooperação e a solidariedade e preservar memórias. Tal como regista Carlos Costa[13], o jornal escolar pode cumprir e cumpre um papel educativo absolutamente insubstituível, pois as vantagens que a sua edição oferece são incontornáveis. Segundo o autor, este tipo de trabalho leva os alunos a sentirem uma implicação motivadora no seu processo de aprendizagem. As atividades e as práticas sociais são potenciadas com mediadores (instrumentais e sociais), uma vez que o jornal aglutina em si o escolar e o extraescolar. Contudo, tal não foi possível implementar, uma vez que todas as turmas inscritas em EMRC tinham o direito de utilizar as paredes da sala para exporem os seus trabalhos e não apenas esta.

Conscientes das mais-valias deste trabalho, não querendo abandonar completamente esta estratégia, propusemos, como alternativa, a realização de um álbum de turma. O álbum de turma foi assim uma estratégia utilizada em substituição do jornal de parede, que procuramos utilizar na persecução dos mesmos objetivos. Personalizamos uma capa A4 de lombada grossa e colocamos no armário da sala, direcionando algumas atividades para compilação neste recurso. Foram introduzidos neste álbum os avatares da turma, um resumo das unidades letivas lecionadas, o registo escrito de informações referentes a dias assinalados e não comemorados, opiniões e partilhas pessoais de algumas experiências das aulas dos próprios alunos.

No final do ano tínhamos, na nossa opinião, um recurso valioso que ilustra o trabalho desenvolvido no decorrer deste ano, boas memórias e o registo de aprendizagens que se efetivaram para além do contexto da sala de aula, mas decorrente deste. Dado que o tempo com os alunos era pouco, nem sempre foi fácil construir tudo o que queríamos com os alunos, nem acompanhá-los no decurso da tarefa que propúnhamos em tempo útil, garantimos por isso que pedíamos tarefas simples, significativas e exequíveis fora do contexto da sala. No final do ano, o álbum foi digitalizado, fotocopiado, encadernado e entregue a cada aluno um exemplar do mesmo.

O facto de realizarmos o estágio numa escola onde a disciplina de EMRC tem uma sala própria, com materiais e espaços próprios, permitiu também uma gestão diferente de materiais e a concretização de algumas atividades que, caso não tivéssemos esse espaço, se tornaria mais difícil.

O horário em que decorreram as aulas foi também uma grande mais-valia, pois uma vez que para chegar à ilha de estágio tinha de realizar uma viagem de barco, foi muito bom saber que contava com

[13] Cf. Carlos Costa, *A aventura de fazer o jornal na escola*. (Direção-Geral da Educação, 2014): 11.

tempo suficiente para poder chegar à escola, falar com o professor cooperante e com a minha colega de estágio, preparar a sala, disponibilizar materiais e organizar as mesas de trabalho conforme mais se ajustasse à atividade que ia desenvolver.

O facto de a viagem de regresso estar condicionada pela greve da Transmaçor, empresa que realiza diariamente as viagens entre as ilhas do Pico e do Faial, permitiu tempos mais longos de reflexão partilha e aprofundamento de algumas estratégias após o fim de cada aula dada, sendo que para tal contamos sempre com a total disponibilidade e tempo do professor cooperante.

No sentido de melhor darmos a conhecer com mais algum pormenor o trabalho desenvolvido ao longo da PES, registamos abaixo as planificações referentes a esta unidade letiva, bem como, os referidos relatórios, onde consta a auto e hétero avaliação do trabalho desenvolvido no decorrer de cada aula. Todos os materiais, recursos e fotografias podem ser consultados no portfólio anexo a este documento.

PLANO AULA 22

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **1 de abril** **Lição nº 23 /UL 4 Aula 25**

SUMÁRIO: Introdução à Unidade Letiva 4: Construir Fraternidade. A igual dignidade dos seres humanos. Realização de uma dinâmica prática.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior (nota 1*)**	- Caneta/quadro	- 2 min - 3 min - 10 min	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- O signidficado da palavra «Fraternidade» e o seu alcance social e religioso; - Somos todos irmãos: -Todos somos seres humanos; -Todos somos dotados de razão e consciência (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo I); - Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar;	**- Conversa com os alunos e preenchimento de uma folha com vista à recolha de expetativas. (nota 2*)** **- Dinâmica de coloração de sal grosso (nota*3)** - **Síntese** Proposta: Somos seres únicos e especiais e enriquecemo-nos na partilha das nossas diferenças.	- Folha de registo -Sal grosso, marcadores de feltro, copos de plástico, garrafa de vidro, funil. - Caneta/Quadro	- 10 min - 15 min - 5 min	Reconhece o significado da palavra Fraternidade. Reconhece no outro um ser igual em dignidade.
Aprendizagens Essenciais: - Descrever o que é a Fraternidade e o seu alcance social e religioso; (Port; CD)						

Nota 1*- Uma vez que na aula anterior a minha colega realizou com os alunos um exercício de avaliação, esta revisão da aula dará lugar à entrega dos resultados dessa avaliação e uma breve conversa com os alunos sobre os mesmos.

Nota 2*- Sendo que esta é a primeira aula com os alunos acerca do tema Fraternidade, interessa-me, até para efeitos de avaliação futura, compreender o que os alunos já sabem sobre o tema. Para poder implicá-los cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem, interessa-me ainda saber como gostariam de ver tratado o tema nas aulas, para poder assim propor estratégias significativas e coincidentes com as suas expetativas. Elaborei por isso a folha de registo que se encontra no anexo 1 desta planificação.
Nota 3*- Esta dinâmica irá permitir aos alunos colorirem uma porção de sal com uma caneta de feltro, representativa da personalidade e individualidade de cada um, conscientes de que provém da mesma natureza (neste caso representada pelo sal). Permite prosseguir com a junção das diferentes cores obtidas num recipiente de vidro (representativo do mundo) para que os alunos compreendam que somos todos habitantes da mesma casa e seres dotados de razão e consciência, sendo que as diferenças que podem existir apenas servem para nos enriquecer.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **1 de abril de 2022** **Lição nº 24 /UL 4 Aula 26**

SUMÁRIO: A história da Páscoa e a Fraternidade.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			- Acolhimento **- Sumário/ Motivação** **- Revisão da aula anterior**	- Caneta/quadro	- 2 min - 3 min - 5 min	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- O signidficado da palavra «Fraternidade» e o seu alcance social e religioso; - Somos todos irmãos: -Todos somos seres humanos; -Todos somos dotados de razão e consciência (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo I); - Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar;	**- A história da Páscoa: caça aos ovos (Nota 1*)**	- Caixa de ovos com símbolos referentes à história da Páscoa. - Cartões com explicação dos símbolos escolhidos. - Ovos de Chocolate. - Cesta para recolha dos ovos.	- 20 min	- Compromete-se na construção de um mundo fraterno. - Age de igual pra igual, com respeito. - É participativo.
	2. Valorizar a comum filiação divina.	- Deus, como Pai, ama a todas as pessoas. - Jo 13, 14; - Mt 7, 11; Mt 5, 43-48.	**- Conversa com os alunos sobre a história da Páscoa em relação com o ser fraterno. (Nota 2*)** **- Síntese**		- 5 min	

			Proposta: Todos merecemos o mesmo respeito.	- Caneta/Quadro	- 5 min	
Aprendizagens Essenciais: - Descrever o que é a Fraternidade e o seu alcance social e religioso; (Port; CD)						

Nota 1*- Esta caça aos ovos será realizada utilizando o recurso Ovos da Ressurreição, uma caixa com 12 ovos de diferentes cores e com diferentes símbolos que permitem o reconto da história da Páscoa às crianças de forma lúdica e interessante. As fotos deste recurso encontram-se nos anexos desta planificação. Sendo que os alunos são 15 e a caixa apenas tem 12 ovos irei usar ovos complementares de chocolate de modo a que todos os alunos encontram ovos. No final, pretendo que os alunos que encontraram os ovos de chocolate percebam que há ovos de chocolate suficientes para todos se os dividirmos e partilharmos .

Nota 2*- Para melhor sustentar esta conversa com os alunos seria pertinente a visualização do vídeo A verdadeira história da Páscoa, contada por crianças, disponível no link (147) A Verdadeira História da Páscoa Contada Por Crianças... Lindo! COMPARTILHE!!! - YouTube.

Relatório das aulas

Reencontrar os alunos, depois de algum tempo foi muito bom e senti que foi recíproco, todos estávamos com saudade, por isso o início da aula ficou marcado por estes momentos de querer saber uns dos outros e de como as coisas estavam a correr na escola. A satisfação por serem dois tempos de EMRC era visível e fez parte dos comentários dos alunos.

Passados estes primeiros minutos, a aula decorreu conforme o planificado. A Débora entregou os resultados da sua avaliação e falou um bocadinho com os alunos sobre os mesmos, dando-lhes os parabéns pelos resultados obtidos. Aproveitando, enquanto a Débora falava, fui escrevendo as lições e os sumários no quadro para que os alunos passassem para os cadernos na primeira oportunidade.

Depois de já todos os alunos terem escrito o sumário nos cadernos, perguntei-lhes se a palavra Fraternidade, escrita no quadro, lhes dizia alguma coisa, se alguma vez tinham ouvido falar ou sabiam do que se tratava. Os alunos disseram que não, expliquei-lhes então que este será o tema que vamos desenvolver nas próximas aulas e disse-lhes ainda que, para poder orientar esse trabalho, era muito importante para mim saber o que eles já sabiam até ao momento, ainda que não soubessem nada, bem como a forma como gostavam de ver tratado este assunto no decorrer das aulas.

Expliquei que entregaria por isso uma folha, com o intuito de recolher as suas expectativas e as suas primeiras impressões sobre o tema, que depois pretendia contemplar nas minhas planificações, pedi ainda que fossem o mais sinceros e honestos possível e que enriquecessem a caixa das sugestões com aquilo que realmente lhes interessava. Os alunos comprometeram-se com essa tarefa e assim nos minutos seguintes preencheram as suas folhas.

Quando os alunos terminaram de preencher as folhas, recolhi-as e expliquei-lhes que iríamos passar à realização de uma atividade prática, que nos ajudaria a compreender no futuro o significado desta palavra, ainda que essa não fosse uma preocupação a ter na aula de hoje.

De seguida, fui entregando o material que os alunos precisavam para realizar a atividade: primeiro um copo de plástico, que eu pedi que eles entendessem como representação da própria pessoa, depois uma pequena quantidade de sal que pedi que eles entendessem como sendo a essência de cada pessoa e, finalmente, permiti que cada um escolhesse uma cor de um marcador de feltro, de acordo com a sua preferência. Uma vez entregue o material, pedi a cada aluno que destapasse o seu marcador e que começasse a colorir o sal que estava dentro de cada copo. Quando todos os alunos terminaram de colorir o sal, pedi que cada um viesse à minha mesa despejar a quantidade de sal que tinha dentro do copo, numa garrafa de vidro, que pedi que eles imaginassem como sendo o nosso mundo, com a ajuda de um funil, criando inúmeras camadas de sal de diferentes cores até enchermos a garrafa.

Terminada a dinâmica, foi então possível explicar aos alunos que somos seres individuais, que cada um possui características muito próprias, diferentes capacidades, potencialidades e dificuldades que ganham uma interpretação diferente quando vistas no conjunto de todos os seres humanos, a prova

disso é a comparação que podemos realizar com o sal que cada um tinha no seu copo, de apenas uma cor, e o resultado final quando juntamos tudo na garrafa de vidro. Pretendia que os alunos compreendessem que mesmo sendo diferentes somos semelhantes e iguais perante aqueles que são os nossos direitos. Falámos então a este respeito sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que reconhece a individualidade de cada pessoa, mas procura garantir que ainda na sua individualidade cada ser humano é respeitado exatamente pelo aquilo que é. Lemos, por este motivo, o primeiro artigo que compõe esta declaração e entreguei a cada um dos alunos para que o pudessem colocar no caderno e revisitá-lo outras vezes. Procurei ainda sustentar esta reflexão fazendo a ponte entre esta atividade e o tempo quaresmal que vivemos, lembrando a importância do perdão, da partilha, do cuidado com outro.

A satisfação na realização desta atividade foi notória, os alunos mantiveram-se calmos, atentos às instruções que fui dando e procuraram sempre respeitá-las, admiraram-se, de forma positiva, com o resultado final deixando claro que tinham compreendido efetivamente a mensagem que lhes pretendia passar, o que a mim me deixou muito feliz.

No momento em que recolhi o material, expliquei aos alunos que se esta aula tivesse sido dada no dia em que estava previsto era meu objetivo, propor-lhes que reutilizassem o copo usado para colorir o sal, para eles construírem algo que pudessem oferecer aos seus pais no Dia do Pai. Ainda assim e lembrando que não é preciso haver um dia para dizermos aos nossos pais o quanto gostamos deles, disse que lhes ia entregar a folha com o molde da atividade, que eles podiam realizar se assim entendessem para entregar aos seus pais ou alguém de quem gostassem muito.

Como já aqui expliquei, foram diversos os motivos que levaram a que estas aulas se realizassem ambas no mesmo dia e as duas no último dia de aulas do segundo período. Foi, visivelmente, para os alunos interessante a experiência de uma aula de 90 minutos de EMRC, pois não é algo comum ou a que eles estejam habituados. Estavam felizes por isso e essa felicidade transpareceu no decorrer de todo o tempo de aula. Como tudo o que decorre de imprevistos o plano de aula foi sofrendo algumas alterações até ao omento de poder acontecer.

Inicialmente era nosso objetivo realizar com estes alunos uma caça aos ovos que foi pensada e planeada de diferentes formas e contemplando vários cenários, para tentar acautelar diversas situações. Primeiro e em função do mau tempo que se tem vivido nas últimas semanas realizá-la na rua não parecia ser uma boa opção tentámos, por isso procurar um novo espaço que permitisse aos alunos realizar a caça aos ovos ainda que tivessem de voltar à sala para terminarem outras atividades relacionadas com esta. Infelizmente tal não foi possível e tivemos que planear a caça só ao nível da sala de aula.

Os alunos realizaram a primeira parte da aula com grande entusiasmo e grande satisfação, como já referi, mas foi percetível que esperavam que a segunda parte da aula fosse uma caça aos ovos, diferente daquela que ocorreu, ainda assim, para nosso agrado, o sucesso da mesma não ficou comprometido.

Antes dos alunos entrarem na sala, eu e os meus colegas escondemos os ovos debaixo das cadeiras de cada aluno prendendo-os ao tampo da cadeira com fita adesiva.

Ao contrário do que tem vindo a ser realizado no momento de entrada para a sala de aula, em que os nomes colocados na mesa ditam os lugares onde eles se sentam, neste dia os alunos puderam sentar-se livremente, pois sabíamos que em algumas cadeiras havia ovos de plástico e noutras, ovos de chocolate. Era nossa intenção com isto, aproveitar para lembrar aos alunos que as nossas escolhas acarretam consequências

A Caixa dos ovos da Ressurreição apenas tem 12 ovos, nós temos 15 alunos, logo três não encontrariam ovos, assim, como alternativa escondemos ovos do mesmo tamanho, mas de chocolate. Terminado o primeiro tempo da aula, expliquei aos alunos que deviam levantar-se, virar a sua cadeira a ver o que encontravam debaixo das mesmas. Os alunos reagiram com grande entusiasmo a esta indicação e com bastante curiosidade sobre o que iriam encontrar. Ao verem o ovo de plástico apressaram-se a abri-lo e a ver o seu conteúdo, aqueles que tinham um ovo de chocolate ficaram contentes por tê-lo, ainda que estivessem na mesma curiosos relativamente aos elementos que cada um dos colegas tinha encontrado.

Depois de cada aluno já ter o seu ovo na mesa perguntei-lhes se eles me saberiam dizer porque é que aquele elemento ou símbolo faria parte da história da Páscoa e em que momento se encaixaria nesta. Os alunos foram dizendo que não e então propus que visualizássemos um vídeo sobre a história da Páscoa na tentativa de nos ajudar a compreender os elementos que tínhamos à nossa frente.

Assim, passei de seguida o vídeo a verdadeira história da Páscoa contada por crianças que refere os momentos principais da história da Páscoa e permite o conhecimento mínimo acerca desta. Depois de verem o vídeo perguntei-lhes se agora me saberiam dizer o porquê daqueles elementos serem constituintes da história da Páscoa, desta vez já foi mais fácil, todos eles arriscaram uma explicação, umas mais próximas e mais completas, outras nem tanto, mas todas elas assertivas.

Depois de ouvir cada aluno e a explicação que atribuiu a cada um dos elementos, entreguei o respetivo cartão, onde se podia ler o porquê daquele ser um símbolo da história da Páscoa e o momento a que pertencia. Desta forma, fomos recriando e relembrando os diferentes momentos da história da Páscoa e tirando algumas conclusões acerca da mesma. Falei com todos os alunos embora tenha deixado aqueles que tiveram ovo de chocolate para o fim e expliquei-lhes que, no caso deles, tinham de tomar uma decisão. Perguntei-lhes se estavam interessados em dividir os seus ovos com o resto dos colegas da turma. De imediato alguém disse: não faremos mais do que Jesus também fez. E de forma pronta disponibilizaram-se a dividir o seu ovo com os colegas, para que todos pudessem ter um bocadinho de chocolate. Quando os alunos se preparavam para abrir o ovo e parti-lo, expliquei que não havia necessidade disso pois tinha ovos para lhes entregar, apenas queria ver a atitude que assumiriam perante a consciência de que tinham algo que os outros não tinham e que possivelmente também gostariam de ter tido.

Finalmente, entreguei aos alunos um copo decorado com um coelho, cheio de pequenos ovos de Páscoa para que eles pudessem levar para casa, entreguei também o mini livro de bolso com a capa em forma de cordeiro, onde, em leque, estavam dobradas as imagens da história da Páscoa correspondentes às situações que tínhamos analisado em aula e que eles poderiam pintar durante as férias, se assim fosse do seu entender. Os alunos apreciaram o livro adoraram os ovos e terminaram a aula com uma expressão satisfeita pelo trabalho que tinha sido realizado nestes dois tempos de aula.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **22 de Abril de 2022** **Lição nº 25 /UL 4 Aula 27**

SUMÁRIO: Realização de um Cruzeiro.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.	- Os primeiros cristãos propõe-nos uma comunidade modelo: - Act 2, 42-47; Act 5, 12-16;	- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior** - **Elaboração de um barco em origami. (Nota 1*)** **-Cruzeiro de EMRC. (Nota 2*)** - **Conversa com os alunos sobre a realização da dinâmica.** - **Síntese** Proposta: A Fraternidade prevê a verdadeira comunhão e partilha entre todos.	- Caneta/quadro - Folha de registo da atividade - Caneta/Quadro	- 2 min - 3 min - 5 min -5 min - 20 min -5 min - 5 min	- Age de igual pra igual, com respeito. - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.
Aprendizagens Essenciais: - Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de Fraternidade; (Port) - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro. (Port; CN; ET; EV; CD)						

Nota 1*- O resultado desta atividade será utilizado para posterior registo da síntese da aula.

Nota 2 *- A realização desta atividade foi inspirada numa atividade partilhada no grupo Docentes de EMRC.

Relatório da aula

A aula decorreu conforme o planificado. Quando cheguei à escola os alunos encontravam-se no intervalo o que me permitiu falar com estes fora do conexto de sala de aula. Nesta breve conversa falamos da interrupção letiva e os alunos aproveitaram para perguntar o que fariamos na aula deste dia, ao que respondi ser surpresa, dizendo, contudo, que precisava saber se eles sabiam fazer barcos de papel, tendo percebido que apenas um aluno sabia.

Já dentro da sala de aula reforcei as boas-vindas a mais um período de aulas e entreguei-lhes o separador anexo à planificação com vista à organização dos cadernos diários. A propósito deste marcador falámos do dia da Liberdade, do Dia da Mãe no mês de maio (lembrando ainda o 13 de maio, dia de Nossa Senhora), e o dia da criança que augura o final do ano letivo, e que é um dia sempre muito apreciado pelas crianças.

Posto isto, abriu-se a lição no quadro e escreveu-se o sumário, verificando-se a propósito deste um borburinho saudável e curioso pelo facto de o sumário referir um cruzeiro. Após o sumário, os alunos perguntaram logo se iríamos sair da sala, revelando mais uma vez muita vontade que isso aconteça (já o referiram também nas estratégias que gostariam que aplicasse aquando da leccionação do tema). Ao dizer que não iríamos sair da sala e sim realizar um exercício apelando ao imaginário de cada um foi notória alguma desilusão que se dissipou assim que a estratégia seguinte foi posta em prática.

Confirmando que todos os alunos tiveram tempo de escrever o sumário, voltei a perguntar se algum dos presentes sabia fazer um barco de papel, apenas o aluno que me tinha dito que sim no intervalo levantou o dedo, pelo que lhe pedi que me ajudasse a explicar aos colegas como fazê-lo. Distribui então uma folha de papel por cada aluno e desloquei-me para a mesa mais alta colocada no meio da sala, onde já me esperava o aluno que iria ajudar na realização da tarefa. Permiti que o aluno desse as instruções aos colegas e fui seguindo com ele e ajudando os restantes que se encontravam nas suas mesas, tendo também o professor cooperante e a minha colega ajudado nesta tarefa.

Uma vez terminado o barco pedi que o colocassem no canto superior das auas mesas, pois iriamos precisar dele no final da aula. A satisfação pela realização desta atividade foi visivelmente notória, os alunos gostaram imenso desta atividade e o colega que os ensinou pareceu-nos francamente feliz por uma participação tão ativa, tendo ele próprio, por várias vezes, saído da mesa para ajudar os colegas. No final da tarefa os alunos estavam já muito descontraídos e bem dispostos.

Assim passámos ao momento seguinte, pedi aos alunos que imaginassem que eu chegava à sala e os informava da nossa participação num cruzeiro. Avancei dizendo que iríamos embarcar numa viagem sem sabermos o destino, a duração, nem quem nos acompanharia e que deviam prepar as suas malas cientes disso. Informei ainda que as malas deviam ser preparadas de acordo com a

seguinte informação: cada aluno poderia apenas levar dez objetos na sua mala, ainda que sem estarem preocupados com o tamnho ou o peso desses objetos. Assim, entreguei aos alunos a folha que tinha o desenho do cruzeiro, com dez janelas, desenhadas justamente para que eles pudessem escrever nelas os objetos escolhidos. Prossegui dizendo aos alunos que tinham três minutos para concluir esta tarefa. Foi efetivamente necessário mais tempo para além dos três minutos, pois houve alunos indecisos quanto ao que deviam levar na viagem.

Terminadas as listas pedi então que continuassemos a nossa viagem imaginária, agora já a bordo do navio, onde percebemos que eramos os únicos passageiros, além da tripulção, e que o cruzeiro dispunha de uma sala comum fantástica, onde podíamos estar todos juntos. Avancei dizendo que naquele momento nos encontravamos em alto mar e que gradualmente nos fomos apercebendo de alguma inquietação por parte da tripulação, que parecia preocupada e apreensiva, tendo logo depois aprecido o comandante do navio para nos comunicar que o barco havia sofrido uma avaria e que a única forma de continuarmos a viagem em segurança era desfazendo-nos de cinco dos objetos que continhamos nas nossas malas.

Dei então um minuto aos alunos para que fizessem a sua escolha, advertendo para o facto de não querer que eles riscassem as palavras que escreveram, que deviam apenas fazer uma cruz num cantinho da janela, para que no fim pudessemos ler a lista completa. Uns com mais certeza e facilidade eliminaram os objetos pedidos, outros precisaram de mais um bocadinho. Quando todos terminaram prosseguimos viagem, uns mais satisfeitos que outros por ter tido de eliminar os seus pretences, mas felizes por estarem todos bem.

Seguidamente, disse aos alunos que enquanto jogávamos às cartas fomos nos apercebendo que as condições do tempo se alteraram e que se fazia sentir imensa chuva e vento e que o tamanho das ondas era visivelmente maior. O mau tempo presistia e uma trovoada imensa fazia-se sentir, o que levou a que o comandante do navio viesse de novo à sala onde permaneciamos em grupo informar que as condições do barco não eram as melhores para enfrentar aquela tempestade, assim, cada um de nós devia eliminar mais três dos seus pertences. Os alunos reagiram a esta informação, lamentando ter de eliminar mais pertences, mas ainda assim com um sorriso divertido, que deixava transparecer a boa disposição com que realizavam o desafio.

Quando já todos tinham feito as suas escolhas, prosseguimos a viagem, já com melhores condições ao nível do tempo, ainda que o estado do navia tenha motivado uma nova vinda do comandante para informar que dadas as condições do navio, deviamos desembarcar na próxima extensão de terra, pois o navio não tinha condições de prosseguir viagem naquele estado. Passado algum tempo desta visita, uma das alunas avista terra e informa os colegas que logo de seguida ouvem no altifalante do barco o comandante informar que temos ordem para desembarcar, mas que por não nos conhecerem, nem esperarem pelo nosso navio, a alfândega daquele lugar irá fazer um controlo rigoroso no desembarque, sendo permitido a cada passageiro desembarcar com apenas um

objeto pessoal. Esta notícia desanimou alguns dos alunos que estavam em dúvidas quanto à sua escolha, outros porém afirmaram saber de imediato o que levar.

Terminámos assim a nossa viagem. Pedi então a cada aluno que lesse a sua lista inicial e dissesse com que objeto tinha desembarcado e porquê. A maioria dos alunos terminou o desafio com o seu telémovel, um com roupa, dois com algum dinheiro. A justificação para terem guardado o telemovel prendia-se com o facto de poderem ligar aos pais, mas quando fui questionando pela bateria, pela necessidade do telemovel ter carregador, por não sabermos se a rede daquele lugar era compatível com o nosso serviço, a dúvida perante a escolha foi-se instalando. Pedi então que nos lembrassemos da dinâmica do sal, onde no copo tinhamos apenas a nossa cor, que uma vez na garrafa tinha ganho outra riqueza e importância, oferecendo novamente a importância de olharmos para o conjunto.

Logo que fizemos esta reflexão a aluna C., que na grande maioria das vezes nos surpreende com a sua perspicácia e que muito enriquece as aulas com a sua participação disse, antes que eu pudesse concluir alguma coisa, que tinhamos feito mal a escolha, pois se tivessemos combinado e se cada um tivesse ficado com um objeto diferente podíamos ter partilhado e de certo ganharíamos muito mais. Era aqui que eu pretendia chegar, não estava certa de que eles conseguissem sozinhos, pensei que eu teria de os conduzir a esta reflexão, mas não foi preciso, concordaram todos com a colega, mostrando ter alcançado a mensagem que eu pretendia passar.

A minha intenção era neste momento pedir que cada um pegasse no seu barco de papel e escrevesse a sua proposta de síntese, para que eu pudesse aferir as aprendizagens de cada um, contudo, mais uma vez o tempo se revelou insuficiente para realizar tal pedido. É um dos aspetos que lamentei no final da aula, pois é realmente importante para mim que esta proposta fosse feita em contexto de sala de aula, logo no momento após à aplicação da estratégia e não algo que realizam mais tarde em casa, como acabei por sugerir.

Sendo que neste dia se comemorava o dia da Terra e que a mensagem de Fraternidade que pretendo passar ao longo das aulas que vou estar com eles contempla também a necessidade de olharmos pela nossa casa comum preparei um desafio que passa por encontrar um dente-de-leão e soprá-lo, acreditando de forma simbólica que as suas sementes são sementes do amor, que cada um deve espalhar ao seu redor. Não foi possível uma explicação promenorizada deste desafio, mas foi entregue o cartão com a sua explicação e será pedido na próxima aula que cada um partilhe se o realizou ou não.

Refletindo sobre a aula dada acredito que para os alunos foi um momento muito positivo desde a construção do barco, à realização do desafio, foi notória a satisfação destes no fim da aula. Para mim foi muito importante e extremamente significativo o facto de uma aluna ser capaz de concluir o que eu achei que teria de ser eu própria a concluir e fomentar como elemento de reflexão. Foi ainda gratificante verificar que a experiência realizada com o sal alcançou o objetivo com que a propus e que a sua presença na sala os ajuda a pensar em si enquanto individuos, e no todo enqaunto grupo e

que conseguem a partir daí perceber que o que um faz tem implicações diretas para os outros, sejam elas positvas ou negativas. Para mim é muito importante saber que mesmo sem a definição do conceito eles, por meio das experiências das aulas já o vão adquirindo.

Acredito que estão reunidas as condições para no decorrer da próxima aula sintezar estas aprendizagens e associá-las devidamente ao conceito de Fraternidade.

A minha colega referiu que gostou muito a aula e que esta correu muito bem. Considerou interessante a entrega do marcador referente ao terceiro período de aulas, com o objetivo de ajudar os alunos a organizarem-se. Disse ainda ter considerado muito importante a revisão feita da aula anterior e muito interessantes as dinâmicas de construção do barco e realização de uma viagem imaginária de cruzeiro. Tendo sido visível que também os alunos tinham gostado muito.

O professor cooperante disse ter apreciado muito o facto de ter convidado o aluno que sabia fazer os barcos de papel a ensinar os colegas, que os próprios colegas apreciaram tal possibilidade. Disse ter gostado imenso da aula que foi dada, que a mesma tinha sido muito bem planeada e estruturada. Referiu que no exercício de imaginação podia ter encurtado algumas explicações no sentido de ganhar mais algum tempo depois no final da aula. Refere ter sido um plano ambicioso, que num ritmo normal de aulas podia ter sido dado em dois tempos, contudo reconhece que a planificação foi cumprida e os seus objetivos atingidos.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **29 de abril de 2022** **Lição nº 27 /UL 4 Aula 28**

SUMÁRIO: As fragilidades e ameaças à Fraternidade.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior**	- Caneta/quadro	- 2 min - 3 min - 5 min	
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.	- Os primeiros cristãos propõe-nos uma comunidade modelo: - Act 2, 42-47; Act 5, 12-16	- **Diálogo com os alunos sustentado pela montagem de algumas fotografias das aulas dadas até ao momento. (Nota 1*)**	- Fotos, computador e projetor	- 10 min	- Reconhece nas primeiras comunidades cristãs um modelo de Fraternidade.
	4. Verificar quais são as fragilidades e ameaças à Fraternidade.	- O mal, fragilidade e ameaça contra a Fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: - Mentir; - Pensar mal do outro; - O conflito não resolvido e a violência; - A maledicência; - O egoísmo; - A inveja; - A ofença; - A rejeição.	- **Realização da dinâmica: O Feitiço vira-se contra o Feiticeiro. (Nota 2*)**	- Folha para registo dos feitiços	- 20 min	- Reconhece o significado da palavra Fraternidade. -Age de igual para igual com o respeito. - É participativo.
			- **Síntese** Proposta: Faz aos outros o que queres que te façam a ti. **(Nota 3*)**	- Quadro/Caneta	- 5 min	

Aprendizagens Essenciais:
- Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de Fraternidade.

- Reconhecer a regra de ouro do cristianismo e de outras tradições religiosas.
- Promover o valor do perdão nas relações interpessoais; (Port; CD).

Nota 1*- Será projetada no quadro uma fotomontagem de algumas das atividades desenvolvidas que nos auxiliam a sintetizar, com os alunos, o conceito de Fraternidade.

Nota 2*- A dinâmica consiste em pedir aos alunos que lancem um feitiço ao colega do lado, em modo de instrução, que deve poder ser cumprida em contexto de sala de aula. Prevê-se que entre algumas instruções simples, haja alunos a propor determinados desafios que deixem os colegas de certo modo desconfortáveis. Quando todos tiverem apresentado os desafios a cumprir eu informo que os desafios terão de ser cumpridos pelos autores dos mesmos, uma vez que o "feitiço vira-se contra o feiticeiro". Esta dinâmica permitirá realçar a necessidade de fazermos aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem, sendo este o princípio que nos torna, para além de humanos, cristãos.

Nota 3*- Considero mais provável que os alunos apresentem esta síntese na forma negativa: Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. Esta é a mensagem mais comummente utilizada e ensinada às crianças, contudo é a apresentação da síntese na forma positiva que permite explicar aos alunos que aos cristãos é pedido mais para além do não fazer o que não queremos que nos façam a nós. É pedido que façamos o que queremos que nos façam, é pedido que amemos os outros sem exceção, é pedido que vejamos no outro um irmão, este é o verdadeiro significado da Fraternidade.

Relatório da aula

A aula decorreu conforme a planificação e permitiu a consecução dos objetivos que pretendia trabalhar. Dadas as boas vindas aos alunos e apresentado o professor Juan a estes, prosseguimos com a escrita da lição e do sumário no quadro. Certificando-me que todos tiveram o tempo necessário para escrever a lição e o sumário questionei os alunos sobre a última aula, verificando que estes se lembravam plenamente das atividades realizadas e que conseguiam sintetizá-la de forma correta.

Posto isto escrevi a palavra Fraternidade no quadro e disse que havia chegado o momento de sintetizarmos algumas conclusões sobre o conceito da palavra Fraternidade, com base no trabalho que vínhamos desenvolvendo ao longo das últimas semanas. Neste momento foi projetada a montagem com as fotos das aulas anteriores que permitiram rever com os alunos as atividades desenvolvidas e rever as aprendizagens que estas nos proporcionaram. Foi muito bom verificar que os alunos se lembravam das dinâmicas presentes nas fotos e que as aprendizagens promovidas por estas se tinham efetivado.

Revisão feita permitiu chamar a atenção dos alunos para que o modelo de Fraternidade que se pretende instituir no mundo não é uma ideia recente nem inovadora do nosso tempo, mas sim o tentar instituir de um modelo apresentado pelos primeiros cristãos, onde tudo o que tinham era partilhado de forma a garantir o necessário para todos, tal como podemos comprovar nas passagens Act 2, 42-47; Act 5, 12-16. Informei ainda os alunos que no decorrer de uma das próximas aulas iria fornecer o registo das conclusões a que chegamos, mas que por agora, ficaria apenas a foto no álbum da turma, pois precisaríamos do restante tempo da aula para realizar uma nova dinâmica.

Esta recuperação de conhecimentos, no sentido de ajudar os alunos a sintetizarem as principais ideias a reter, correu na minha opinião muito bem. Os alunos mostram-se participativos, revelaram ter presente as aulas anteriores, bem como o que tinham aprendido nestas. Participaram sem atropelos, respeitando os colegas e contribuindo para o enriquecimento do assunto em questão. Para mim representou um momento muito positivo e esclarecedor daquilo que os alunos já sabem e daquilo que retiveram.

Na segunda parte da aula realizamos a dinâmica “O feitiço vira-se contra o Feiticeiro”, expliquei a dinâmica aos alunos e esclareci que os desafios deviam ser propostos tendo em conta que teriam de ser cumpridos no contexto de sala de aula e dentro do tempo desta. Tal como havia previsto, fui eu a primeira a propor o desafio à minha colega, de modo a exemplificar o que pretendia e propondo algo que de certa forma os desinibisse e afastasse grandes cuidados com o que iam propor por se encontrarem muitos adultos na sala. O meu receio dissipou-se logo nas primeiras propostas apresentadas, apesar de termos terminado de falar sobre as principais aprendizagens realizadas sobre Fraternidade, apelando para que tivessem esses ensinamentos presentes, os alunos propuseram desafios, que percebi que quando soubessem terem de ser eles a cumprir, estes apresentassem algumas reservas.

As propostas dos desafios decorreu de forma tranquila e divertida, cada aluno ia dizendo o que pretendia que o outro cumprisse e eu fui registando na tabela construída para o efeito, para depois incluir-mos no nosso álbum de turma. Quando terminámos, voltei a referir o nome da dinâmica e perguntei aos alunos se sabiam o que tal queria dizer. Mediante a minha questão dois dos alunos disseram logo: isso significa que vamos ter de ser nós a fazer o que mandámos os outros fazerem. Tal conclusão gerou riso, desconforto, e até mesmo alguma negação. Houve uma aluna que disse não querer cumprir e dois alunos a tentar mudar o desafio proposto. Neste momento soube que o objetivo da aula estava alcançado.

Avançamos para a concretização dos desafios, começando por mim e pela minha colega e terminando pelo professor Juan e pelo professor cooperante. Foi sem dúvida um momento muito divertido e significativo do ponto de vista dos alunos, que acredito terem aprendido a lição. Concluído o cumprir dos desafios foi fácil chegar à síntese e à explicação que pretendia de que a todos é pedido não fazer o que não queremos que nos façam, sendo que aos cristãos é pedido que façamos o que queremos que nos façam.

Na minha opinião a aula correu muito bem, apesar da ansiedade inicial relativamente à forma como decorreria a estratégia dissipou-se logo no início desta, os alunos aprenderam divertindo-se, assim como os professores presentes na sala, que se envolveram e motivaram os alunos a participar sem reservas, mantendo o à vontade habitual que normalmente temos uns com os outros. Relativamente a isto, destaco pela positiva a participação do professor Juan que os deixou à vontade, interagiu com eles e os auxiliou no cumprimento de alguns desafios. Destaco também a participação do professor cooperante que numa postura descontraída e de brincadeira cumpriu o seu desafio, aumentando este bom ambiente a boa vontade dos alunos e a sua predisposição para nos ouvirem e aprenderem connosco.

Relativamente aos aspetos menos positivos, lamento não ter feito a ponte com a realidade próxima dos alunos na explicação do conceito Fraternidade, uma vez que a nossa ilha vizinha, ilha de São Jorge, passa neste momento por uma crise sísmica que tem motivado a deslocação de imensos residentes para as ilhas do Pico e do Faial, contando estas com a boa vontade e generosidade de outos em acolhê-los. Algo que facilmente recupero nas próximas aulas, mas que podia ter acontecido já nesta. Lamento ainda não ter chamado à atenção, nem ter entregue material com instruções para que os alunos elaborassem, se assim entendessem para o Dia da Mãe, tal como fiz para o Dia do Pai. A preocupação com o desenrolar da aula e a melhor forma de a colocar em prática não me permitiram alcançar determinados pormenores a que tenho procurado manter-me sensível.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **6 de maio de 2022** **Lição nº 28 /UL 4 Aula 29**

SUMÁRIO: A importância e o valor do perdão. Conto e exploração da história: O Lápis mágico de Malala.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior**	- Caneta/quadro	- 2 min - 3 min - 5 min	
G. Identificar os valores evangélicos.	5. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão.	- A mensagem cristã sobre o perdão: - Sir 28, 1-7, perdoar o outro e recusar a vingança; Lc 6, 36-38, ser misericordioso.	**-A História de Malala (Nota 1*)**	- História, suporte visual em ppt e livro físico, vídeo, computador e projetor.	- 15 min	Reconhece a regra de ouro do Cristianismo; Promove o valor do perdão.
			- Reflexão com os alunos acerca da história contada e preenchimento de um cartão com base na pergunta: O que desenharias se tivesses um lápis mágico? Porquê?	- Cartão de registo, lápis e borracha.	- 15 min	Compromete-se na construção de um mundo fraterno.
			- **Síntese** Proposta: O bem pertence a quem o pratica.	- Caneta/quadro	- 5 min	

Aprendizagens Essenciais:

-Reconhecer a regra de ouro do cristianismo e de outras tradições religiosas.

-Promover o valor do perdão nas relações interpessoais.

-Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e cuidado do outro.

Nota 1*- A história será introduzida por um PowerPoint criado por um aluno do 6.º ano com base numa pesquisa que realizou para a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Posteriormente será lido o livro.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **6 de maio de 2022** **Lição nº 29 /UL 4 Aula 30**

SUMÁRIO: Elaboração de um mural sobre a Fraternidade.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior**	- Caneta/quadro	- 2 min - 3 min - 5 min	
N. Promover o bem comum e o cuidado com o outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	- Construir um mundo fraterno promovendo a Concórdia nas relações interpessoais: -Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.	**-Elaboração de bolas de sabão com vista à construção de um Mural da Fraternidade (Nota 1*)**	-Bolas de sabão desenhadas, silhuetas de menina e menino.	- 15 min	Compromete-se na construção de um mundo fraterno.
			- **Construção do mural. (Nota 2*)**	- Material construído, fita cola dupla face.	-15 min	
			- **Síntese** Proposta: Todos podemos realizar algo incrível no mundo em que vivemos.		- 5 min	
Aprendizagens Essenciais: -Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e cuidado do outro.						

Nota 1*- Este mural assumirá a imagem de uma criança a soprar bolas de sabão, onde estarão registadas as frases dos alunos sobre a Fraternidade, podendo assim dar a conhecer a toda a comunidade educativa o trabalho que temos vindo a desenvolver ao longo das últimas semanas de aulas.
Nota 2*- Este mural será construído na parede onde expusemos os presépios no tempo do Natal.

Relatório das aulas

Os planos de aula 27 e 28 foram dados numa aula de 90 minutos, em função de uma nova troca realizada com a professora de história, de modo a podermos concluir atempadamente o plano de aulas desenhado no início do ano. Desta aula não participou a minha colega de estágio, por motivos de saúde.

Foi feito o acolhimento aos alunos, que se encontravam radiantes por mais um bloco de noventa minutos, de seguida procedemos à escrita da lição e do sumário, esclarecendo os alunos sobre alguns dos momentos da aula. Questionando os alunos sobre o que tinha sido a aula passada, fomos revendo a aula e sintetizando algumas conclusões. Depois parti da ideia de que a Fraternidade não é uma invenção do nosso tempo, ou um conceito inovador com vista à mudança do mundo em que vivemos, e sim, algo que já vem sendo proposto desde a existência dos primeiros cristãos e da igreja primitiva. Assim, perguntei aos alunos se eles conheciam ou tinham ouvido falar de alguém que tivesse lutado pela instituição da Fraternidade no mundo, ao que os alunos responderam que não. Aproveitei assim para falar dos exemplos de Nelson Mandela, Martin Lutter King e Madre Teresa de Calcutá, tal como previsto na minha planificação.

Os alunos não conheciam nenhum destes nomes nem a sua ação no mundo, ainda assim não pude demorar em longas explicações, pois pretendia introduzir a história da Malala. Expliquei então que de entre os nomes dados como exemplo e ainda outros tinha escolhido um para descobrirmos em conjunto. Expliquei então que iria partilhar com eles um trabalho realizado por um menino de 6.º ano sobre a Malala, que nos ajudaria a perceber melhor quem era e o contexto em que vivia.

Apresentei o PowerPoint, esclarecendo quem era Malala, o que sonhava para o mundo, algumas ideologias do seu país que impediam as meninas de frequentar a escola e o facto de ela ter assumido como luta pessoal contrariar esta realidade. Apresentado o PowerPoint, decidi ao invés de ler a história passar o vídeo onde se ouve uma criança ler a história, ilustrado com as imagens do livro, tornando assim estas acessíveis a todos os alunos.

No final da história, conversamos sobre o facto de ela nunca ter desistido, mesmo depois do atentado e falámos de perdão, não tanto como gostaria, mas o tempo marcado no relógio assim o exigiu. Contudo, percebemos a necessidade de perdoar e o quão difícil é, por vezes, perdoar alguém.

Conversando um pouco mais com os alunos sobre a história que acabamos de ouvir, questionei-os sobre a possibilidade de também eles terem um lápis mágico, as reações surgiram de forma espontânea e entusiasta, então entreguei aos alunos os cartões que tinha construído para este efeito e pedi que cada um escrevesse/desenhasse a sua ideia. Os resultados desta atividade foram muito interessantes, fizeram-se partilhas sinceras sobre problemas reais do nosso mundo, lamentando o facto de por vezes sentirmos que pouco há a fazer. Recuperámos então a frase de Madre Teresa de Calcutá sobre o oceano, adaptando a forma de a dizer, para que os alunos reconhecessem nela o devido sentido: O que eu faço é uma gota

no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor. Isto para de certa forma encaminhar os alunos para a necessidade de nos comprometermos com a mudança que gostaríamos de ver no mundo.

Cientes destas conclusões, avançamos reforçando a ideia de que é preciso nos consciencializarmos todos daquilo que podemos fazer e da importância que tal assume ao nosso redor. Neste sentido, desafiei os alunos a levarmos para fora do contexto da nossa sala as conclusões das nossas últimas aulas, partilhando com a restante comunidade escolar mensagens sobre Fraternidade escritas em bolas de sabão, procurando passar para os alunos a imagem de soprarmos estas mensagens e as fazermos chegar o mais longe possível dentro da nossa realidade.

Assim, os momentos finais da aula foram passados a elaborar estas bolas com as mensagens dos alunos e a sua personalização, de modo, a eles identificarem a sua bola no contexto das restantes sem ser necessário recorrer à sua identificação com o nome. Experimentámos assim mais um momento descontraído e de partilha com todos apreciaram. No final da aula passámos o vídeo enviado pela colega Débora que, por motivos de saúde, não pôde estar presente.

Procedendo ao balanço da aula dada refiro ter sido o mesmo, no geral, bastante positivo. Os alunos continuam a revelar alguma dificuldade de concentração em momentos mais expositivos e um maior interesse por atividades práticas/dinâmicas de grupo. Pedir-lhes para começar a aula com a exploração de um PowerPoint, não foi o momento mais cativante ou aliciante para estes que tendem a dispersar a sua atenção. Contudo, reconheço que fizeram um esforço por se manterem atentos, tendo sido mais fácil, após conhecimento da história, prender a sua atenção ao vídeo com a história da Malala.

Ao longo das aulas fomos recorrendo a estratégia de os sentar separando duplas ou trios que tendem a ser mais conversadoras, com o dinâmica Caça ao nome, nesta aula tal não aconteceu, deixando-os à vontade para se sentarem onde quisessem o que proporcionou novamente alguma dispersão nos primeiros momentos da aula.

Relativamente à história apresentada em vídeo foi possível ver o interesse dos alunos e a curiosidade aguçada por alguém que tão novo consegue alcançar algo tão grandioso como um prémio Nobel da Paz. O pedido de imaginarem que tinham um lápis mágico foi algo que os envolveu, produzindo resultados muito interessantes e desabafos muito sérios em relação a algumas problemáticas como o Bullying, a homossexualidade, a guerra e a fome no mundo. Não tenho dúvidas de que colhia aqui material para propor ainda mais alguns planos de aula, não estivéssemos o fator tempo a considerar.

A construção do mural teve de ser repensada ainda no decurso da aula, pois tornou-se visível que não conseguiríamos construir os materiais e ainda montar o mural. Algo que não encaro como negativo mas sim como uma possibilidade de fazer algo diferente. Combinei com o professor cooperante que seríamos nós a montar o mural para eles, como uma surpresa, referindo o professor cooperante achar por bem alargar a construção das bolas também às suas restantes turmas de quinto ano. Amadurecida esta ideia, e uma vez que faremos algo para a escola, decidimos ainda incluir no nosso mural, mandalas a

construir pelos alunos de DPS. Não tendo a mesma confissão religiosa poderão assim participar na atividade, mostrando aos alunos que a Fraternidade é um conceito aplicado a seres humanos, toda e qualquer pessoa e não a grupos, sejam eles religiosos, políticos, sociais, etários ou outros.

Na opinião do professor cooperante aula correu como planeado, correu bem, referiu que em 90 minutos nem sempre é fácil manter a atenção dos alunos, contudo estas situações foram bem resolvidas, tendo sido feita uma boa gestão da aula e da necessidade de, por vezes, chamar à atenção.

O professor cooperante elogiou o exemplo escolhido pela professora estagiária da Malala por ser um exemplo de tenra idade e por ser o exemplo vivo de alguém que passa pelo que passa e que consegue perdoar. Foi alcançado o objetivo pretendido de que mais do que fazer aos outros o que queres que te façam a ti, temos que fazer o que gostamos que nos façam, realçando o exemplo da Malala que atingiu a parte difícil de conseguir perdoar quem lhe fez mal. Os materiais construídos quer para o álbum, quer para as atividades seguintes foram, na opinião deste, muito importantes para entender se os alunos tinham ou não conseguido atingir a ideia de Fraternidade, revelando claramente que sim.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **13 de maio de 2022** **Lição nº 30/UL 4 Aula 31**

SUMÁRIO: Aprendo a ser Fraterno por meio de gestos e atitudes.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
N. Promover o bem comum e o cuidado com o outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	. - Construir um mundo fraterno promovendo a Concórdia nas relações interpessoais: -Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.	**- Acolhimento** **- Sumário/ Motivação** **- Revisão da aula anterior** **- Visualização do vídeo: Faça uma mudança visível. (Nota 1*)** **- Apresentação de um desafio à turma. (Nota 2*)** **- Pintura de conchas para oferecer às mães. (Nota 3*)** **- Síntese** Proposta: Cada um de nós deve responsabilizar-se por empreender a mudança que quer ver no mundo.	- Caneta/quadro - Computador, projetor, vídeo. -Jornais, pedras, tintas, pincéis. -Jornais, conchas, tintas, pincéis, verniz em spray, imanes. - Caneta/Quadro	- 2 min - 3 min - 5 min - 10 min - 10 min -10 min - 5 min	

Aprendizagens Essenciais:
- Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e cuidado do outro.

Nota 1* - O vídeo encontra-se disponível no link (208) Faça uma mudança visível - YouTube. O segundo vídeo encontra-se disponível em https://www.youtube.com/watch?v=IdHGmA7yo0A .

Nota 2*- O desafio que pretendo apresentar tem por base o vídeo visualizado e consiste no encontrar um sinónimo para a palavra Fraternidade e escrevê-lo numa pedra para entregar a alguém, desafiando esta a fazer o mesmo para com outra pessoa. Esta atividade será preparatória da atividade da aula seguinte sobre São Francisco de Assis, no sentido de os alunos compreendem que somos as pedras vivas de uma igreja que se quer em mudança.

Nota 3* - No dia 29 de abril era suposto ter entregue aos alunos uma tarefa que pudessem desempenhar sozinhos para oferecerem às suas mães, tal como aconteceu para o dia do pai, mas não o fiz. Tratava-se de uma aula diferente e não perspetivei tempo restante para explicar a atividade. Assim, pretendo no final desta aula, dia 13 de maio, lembrar o dia da Mãe. Disponibilizarei a cada aluno uma concha a ser pintada depois da atividade de pintura das pedras, com um íman colado na parte de trás, para que eles levem e ofereçam às suas mães.

Relatório da aula

A aula decorreu conforme planificado e permitiu a consecução dos objetivos propostos. Os alunos chegaram à sala bem dispostos, entusiasmados e interessados em saber o que se iria passar nesta aula. Acredito que a disposição das mesas e os materiais visíveis aguçaram o seu interesse e a sua curiosidade. À medida que foram entrando, foram entregando as suas mandalas e começaram a caça ao nome, com vista a encontrarem o lugar onde se deveriam sentar. Na aula passada não recorri a esta estratégia e senti claramente diferença no comportamento dos alunos nos momentos iniciais da aula pelo que hoje decidi voltar a usar esta estratégia, que para os alunos já se tornou rotineira.

Uma vez sentados nos seus lugares os alunos registaram a lição e o sumário no quadro e participaram comigo na revisão da aula passada, lembrando o que tínhamos visto sobre a Fraternidade e como. Relembraram a história da Malala, a grandiosidade das suas ações, o seu lápis mágico capaz de transformar o mundo. Com base nesta revisão expliquei aos alunos que não precisamos de um projeto tão grandioso, tão ambicioso, nem tão conhecido como o da Malala para fazermos a diferença na vida de alguém. Expliquei ainda que, às vezes, por melhores projetos que tenhamos, por mais que nos esforcemos por propor algo que parece ter tudo para dar certo, nem sempre as nossas expetativas se efetivam ou conseguimos alcançar aquilo a que nos propomos, pelo menos na sua plenitude.

Assim, introduzi o primeiro vídeo que queria mostrar aos alunos nesta aula: Faça uma mudança visível. A propósito deste questionei os alunos sobre as semelhanças entre o projeto da criança do vídeo e o da Malala, questionei sobre o facto de a criança ter dado o seu projeto como infrutífero do ponto de vista que o tinha pensado inicialmente, contudo reconhecer que de alguma forma resultou, sobretudo para a sua mãe que não falava com a sua avó há anos, tendo superado esta divergência. Refletimos sobre o porquê de este projeto ter falhado, chegando à conclusão que dos três escolhidos para participarem na corrente inicial, nem todos encarram a missão da mesma forma, lhe atribuem a mesma importância ou valor, acabando por comprometer o esquema inicial.

Mostrei aos alunos a este propósito o exemplo de algo menos ambicioso, decorrente até de uma primeira intenção não muito nobre, capaz de promover efetivamente a diferença na vida de alguém. Vimos como, com base na partida que um dos meninos queria fazer ao pobre senhor que se encontrava a trabalhar no campo, a liberdade e a possibilidade de escolher entre fazer o bem e o mal existe e a decisão cabe apenas a nós próprios. A proposta maliciosa da primeira criança tornada numa forma de praticar o bem, escondendo moedas nos sapatos do senhor, ao invés de lhe esconder a roupa foi capaz de promover a diferença na vida daquela pessoa e ainda revelou uma ação transformadora sobre a primeira criança que propôs a partida. Foi visível que este vídeo tocou os alunos presentes na sala e após a visualização do vídeo as suas observações revelaram isso mesmo, mostrando grande apreço pela

atitude destas duas crianças, reconhecendo que o bem que acabaram por praticar superou aquilo que alguma vez pensaram poderem ser responsáveis por promover.

Com base na visualização destes vídeos e na reflexão efetuada sustentada pelos mesmos propus aos alunos que de uma forma simples, nos propusemos também a fazer algo de bom/útil por alguém, procurando deixar o dia dessa pessoa mais feliz. Relembrando que neste dia se comemora o dia de Nossa Senhora de Fátima e que no próximo domingo, dia 15 de maio, se celebra o dia da Família, propus que começássemos por procurar deixar as nossas mães mais felizes. Para tal, expliquei aos alunos que tinha trazido para a sala conchas para que eles pintassem e decorassem com a palavra mãe. Expliquei ainda que as conchas disponíveis para que eles escolhessem já continham um íman colado na parte de trás, para poderem ser expostas por exemplo no frigorífico de casa. Claro que esta tarefa foi proposta mediante o conhecimento da relação que estes meninos têm com as suas mães e a proximidade destes com as mesmas.

Na mesa dos materiais disponíveis havia também pedras expostas que chamaram a atenção dos alunos, querendo estes saber para que seriam então as pedras. Expliquei então que as pedras seriam para a segunda parte do desafio, deviam ser também elas pintadas/decoradas por eles e cada um devia questionar-se sobre uma palavra que fizesse para eles sentido e que eles achassem que poderia fazer sentido também para outras pessoas. Esta atividade é preparatória da próxima aula pelo que não me interessava muito desvendar o sentido nem o significado da pedra.

Ambas as atividades foram realizadas em dois pequenos grupos que se dispuseram a partilhar materiais num verdadeiro ambiente de Fraternidade, aprendizagem e partilha que os alunos apreciaram e que me deixaram muito feliz. Nesta aula foi fundamental o apoio do professor cooperante para garantir o desempenho da atividade dentro das mesmas condições e com o mesmo apoio nos dois grupos criados na sala. Por se encontrar ainda em isolamento a minha colega de estágio apenas assistiu à aula por videochamada.

O balanço que faço destas dinâmicas é francamente positivo, os alunos gostaram dos desafios, envolveram-se e empenharam-se nas atividades propostas criando um ambiente muito positivo na sala de aula, de verdadeira partilha e entreajuda, mostrando mais uma vez que o sentido e o significado do conceito de Fraternidade, está adquirido e é positivamente posto em prática sem esforço.

O professor Paulo Costa, referiu que a aula correu bem e de acordo com o que tinha sido planificado. O professor cooperante elogiou ainda a escolha dos vídeos fazendo notar a importância de se mostrar duas situações diferentes. Na opinião deste, o primeiro vídeo permitiu mostrar que quando alguém faz um projeto nada garante que este não possa, por diversas razões. Já o segundo permitiu mostrar a possibilidade que todos temos de escolher entre fazer o bem e o mal. Na opinião do professor cooperante, ambas as mensagens foram muito bem passadas. Quanto aos trabalhos desenvolvidos considerou importante a referência ao mês de maio como o mês de Maria e considerou astuta a ideia de não fazer a comemoração do dia da mãe no primeiro de maio como seria esperado, mas fazê-lo sim

apenas no dia 13 de maio. Para este, tal permitiu passar aos alunos a mensagem de que o dia da mãe não é um domingo no ano, mas algo que devemos lembrar todos os dias. Foi notório que os alunos se divertiram tanto na elaboração da prenda para a mãe como na pintura da pedra. Acrescentou ainda que a ideia da pintura da pedra é muito interessante, pois permitirá transmitir a mensagem de que todos encontramos pedras no nosso caminho, mas podemos sempre usá-las para construir algo maior, como será explicado a partir da referência a São Francisco de Assis. O comportamento dos alunos foi excelente assim como o empenho em qualquer das atividades propostas.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **27 de maio de 2022[14]** **Lição nº 31 /UL 4 Aula 32**

SUMÁRIO: Realização de um peddy paper.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
N. Promover o bem comum e o cuidado com o outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	. - Construir um mundo fraterno promovendo a Concórdia nas relações interpessoais: -Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.	- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior** - **Visualização de um powtoon. (Nota 1*)** - **Realização de um peddy paper (Nota 2*)** - **Apresentação da informação recolhida**. - **Síntese** Proposta: Podemos aprender a ser Fraternos por meio dos exemplos apresentados.	- Caneta/quadro - Folhas de registo, Códigos QR, lápis. - Caneta/Quadro	- 2 min - 3 min - 5 min - 20 min -10 min - 5 min	-Compromete-se na construção de um mundo fraterno.
Aprendizagens Essenciais: - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e cuidado do outro.						

Nota 1*- O Powtoon encontra-se disponível em (23) Mission Impossible. codigo QR - YouTube

Nota 2*-Na realização deste peddy paper pretendo recuperar os nomes dados como exemplos de pessoas que lutaram pela Fraternidade no mundo, algo que considero não ter ficado suficientemente explorado, sendo que os alunos revelaram não ter qualquer conhecimento dos nomes apresentados. Pretendo ainda apresentar aos alunos São Francisco de Assis como um ideal de Fraternidade.

[14] Esta aula era para ter sido dada no dia 20 de maio, contudo, em virtude de o professor cooperante ter testado positivo à Covid-19 a mesma teve de ter sido adiada para este dia.

Nota 3* - Os vídeos que cada grupo terá acesso para a recolha de informação encontra-se disponível nos seguintes links (23) MARTIN LUTHER KING CONSCIÊNCIA NEGRA (PT) - YouTube; (23) Teresa de Calcutá - YouTube; (23) O Pequeno Francisco - Desenho animado infantil - Arte piedosa - YouTube.

Relatório da aula

A aula decorreu conforme planificado até à realização do *peddy paper*. Os alunos sentaram-se por grupos de trabalho, colocaram as pulseiras para melhor identificarem os restantes membros do grupo, tendo estes ficado visivelmente felizes com a entrega das pulseiras. Visualizaram o *powtoon* com atenção, tendo este sido ainda acompanhado de uma breve explicação oral. Uma vez que eram os alunos a ler a mensagem, receei que pudessem ter ficado com dúvidas, mas pareceu-me que não.

Seguidamente, mostrei aos alunos os códigos QR afixados na sala, explicando que o primeiro diria sempre respeito a uma tarefa que estes deviam cumprir e o segundo a uma pista que os encaminharia para novos lugares. Questionei os alunos quanto a dúvidas nas leituras dos códigos QR, explicando como deviam fazer. Neste momento percebemos que a internet da sala não estava a dar resposta pelo que o professor cooperante se disponibilizou a partilhar os dados móveis do seu telemóvel. Ainda assim viemos a perceber que a internet seria um entrave pelo que os alunos foram procurando as pistas, mas precisaram regressar à sala para as conseguirem ler e ver os vídeos que permitia chegar às respostas que procuravam para registar nas suas folhas.

Dos três grupos criados, um deles conseguiu preencher as folhas sem grande dificuldade, obtendo todas as respostas certas; outro conseguiu também preencher a folha, ainda que com algumas respostas dadas de forma incorreta; o outro grupo teve dificuldade em ler as pistas dos códigos, acabando por procurar a cor do código que não lhes correspondia, o que comprometeu as respostas a serem dadas, mostraram alguma relutância em ver o vídeo, pelo que deixaram respostas em branco.

De modo geral, o fraco sinal de internet, a confusão de alguns alunos quanto à cor dos códigos que deviam procurar e ler, levou a que a atividade fosse mais demorada e um dos grupos não a conseguisse terminar com sucesso. Assim, não foi possível dar oportunidade aos grupos de realizarem a sua apresentação, nem de falarmos de São Francisco, como estava planeado para o final da aula.

Os alunos revelaram gosto pela dinâmica, pela possibilidade de realizarem a aula fora do contexto de sala de aula, por terem uma tarefa a cumprir em grupo, mas não conseguiram gerir o tempo que lhes foi dado para o cumprimento da tarefa. Tal, deixou-me a pensar que provavelmente os códigos QR deviam ter sido explorados noutra situação em primeiro lugar, para que depois os alunos se sentissem mais à vontade e conseguissem ter mais sentido prático na utilização dos mesmos. Sabendo que na maioria das vezes recorremos aos nossos equipamentos para a concretização de algumas atividades e tarefas podia ter projeto um *peddy paper* com pistas somente em papel.

Relativamente à entrega das conchas para levarem para casa, as mesmas deixaram os alunos muito contentes, colocando com a nossa ajuda as conchas no saco preparado e atando-o com uma fitinha azul. Levar algo para as suas mães foi algo que deixou os alunos felizes.

PLANO AULA

5.º Ano - UL 4 Construir Fraternidade. **3 de junho de 2022** **Lição nº 32/UL 4 Aula 33**

SUMÁRIO: Conclusão da Unidade Letiva 4. Balanço final das atividades desenvolvidas ao longo do ano.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO FORMATIVA
N. Promover o bem comum e o cuidado com o outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	. - Construir um mundo fraterno promovendo a Concórdia nas relações interpessoais: -Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.	- **Acolhimento** - **Sumário/ Motivação** - **Revisão da aula anterior** **- Conclusão dos trabalhos iniciados na aula anterior. (Nota1*)** **- Escrita de palavras nas pedras pintadas. (Nota 2*)** **- Realização de uma dinâmica de avaliação do trabalho desenvolvido ao longo do ano. (Nota 3*)** **- Entrega de uma lembrança preparada para cada aluno e alguns trabalhos realizados.** - **Síntese** É bom estarmos juntos!	- Caneta/quadro; - Vídeo de São Francisco de Assis, computador, projetor; - Pedras pintadas, tinta corretora, lápis de cera; - folha branca; - Caneta/Quadro	- 2 min - 3 min - 5 min - 10 min - 5 min -10 min -5 min - 5 min	
Aprendizagens Essenciais: - Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e cuidado do outro.						

Nota 1*- Uma vez que na aula anterior os alunos precisaram de mais tempo do que o previsto para a realização do PeddyPaper, será necessário, nos primeiros minutos desta aula, visualizar o vídeo de São Francisco de Assis e concluir a Unidade Letiva 4.

Nota 2*- Para esta atividade recuperar-se-ão as pedras que os alunos pintaram e pediremos que escrevam nelas uma palavra que, na opinião deles, expresse uma atitude capaz de renovar "a nossa casa".

Nota 3*- Para a realização desta dinâmica iremos passar uma folha branca com a frase "Para mim, as aulas de EMRC foram…" escrita no cabeçalho. Pediremos a cada aluno que escreva a sua frase, dobre a folha, de modo a que a sua frase fique coberta e passe ao colega seguinte. No final, conseguiremos, desta forma, reunir as opiniões dos alunos de forma geral.

Nota 4- Não foi possível concretizar esta aula na data prevista, pelo que a mesma foi entregue ao professor cooperante e acabou por ser implementada no final do período. Nessa data não foi possível a minha colega se deslocar ao Faial por estar convocada para reuniões de avaliação na sua escola, assim a aula foi convertida num balanço final de ano e de PES com os alunos, cumprindo-se apenas a escrita das palavras nas pedras.

1.2.5 Avaliação Global da PES

> Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.
>
> Paulo Freire[15]

Terminado o percurso realizado ao longo da PES, realizei o exercício de o colocar em retrospetiva para melhor poder avaliar o meu desempenho e os frutos que colhi, pois é colocando aquilo que fizemos em análise e refletindo sobre as decisões que tomamos que conseguimos evoluir, amadurecer diferentes aprendizagens e progredir enquanto futuros profissionais de educação.

Para Gómez[16] a ação de refletir traduz-se na capacidade de nos voltarmos sobre nós mesmos, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento, à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e as suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer.

Desta forma, olhar de forma crítica e reflexiva para a nossa realidade educacional assume-se como algo fundamental para descobrirmos situações e caminhos que podem ser contornados com maior segurança, efetividade e sem constrangimentos, objetivando um crescimento pessoal e profissional. A reflexão favorece e valoriza a construção pessoal do conhecimento, permitindo novas formas de aprender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, possibilitando a aquisição de uma maior consciência e controle sobre o que se faz e o modo como se faz[17].

Iniciei a minha prática letiva já com algum tempo de experiência, experiência essa que serviu de base, mas que não me impediu de reconhecer que estamos longe de saber tudo, que a realidade de uma escola nunca pode ser comparada à de outra, que não existem turmas iguais,

---

[15] Cf. Paulo Freire, *A Educação na Cidade*. (São Paulo: Cortez, 1991): 58.
[16] Cf. Peres Gómez, *La cultura escolar em la sociedad neoliberal*. (Madrid: Morata, 1999): 11.
[17] Cf. Terezinha Azeredo Rios. «Competência ou competências - o novo e o original na formação de professores». Em *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. ed.* Rosa DEG, Souza VTC (Rio de Janeiro: DP&A, 2002).

que as atividades que melhor se aplicam a um grupo de alunos podem não funcionar de forma generalizada e podemos sempre fazer e aprender mais.

Com base na minha experiência, sabia que em primeiro lugar me devia dedicar ao conhecimento da turma, aos seus interesses e ir abrindo caminho a uma relação sem a qual a missão de ensinar se vê muito empobrecida. Pois, conforme afirma Gadotti[18] a relação estabelecida entre professores e alunos constitui o ápice do processo pedagógico.

O facto de estar integrada num núcleo com três colegas, que trabalham nesta área, desencadeou também inúmeras aprendizagens, permitiu abrir e alargar horizontes e partilhar formas de ver e entender a disciplina de um modo muito enriquecedor. O desafio de conhecer uma turma de quinto ano pela primeira vez, quando estava habituada a que os meus alunos de quinto ano fossem os mesmos que acompanho desde o primeiro ano, do Primeiro Ciclo, foi sem dúvida um grande desafio.

Poder conversar sobre a melhor gestão do programa, ouvir a opinião dos colegas acerca das unidades letivas e a forma como para eles mais fazia sentido operacionalizá-las, ajudou-me a contemplar na minha prática outras visões, outras estratégias e a propor outro tipo de atividades e percurso educativo. Neste processo, ajudou-me ainda o respeito pelos diferentes níveis de planificação, algo que não tinha como hábito e que hoje reconheço fazer toda a diferença.

O trabalho colaborativo entre os professores foi aqui entendido com base na proposta de Lima[19] que o define como o momento em que dois ou mais professores trabalham em conjunto e ocorre o benefício na qualificação profissional para todos os envolvidos. Este entendimento favoreceu e promoveu o ultrapassar das dificuldades que surgiram, o encontrar de novas estratégias e soluções que em muito enriqueceram a minha prática.

Para Anastasiou[20] o processo de construção do conhecimento é tanto mais eficaz quando são consideradas, tanto as experiências dos alunos como as dos professores inseridos nesse processo. De acordo com o autor, através de um método dialético, a partir de uma reflexão e discussão conjunta são encontradas novas formas de abordagens e de ação, que se efetivam entre sujeitos e que englobam tanto o processo de ensinar como o de aprender. Estes momentos de reflexão e partilha permitiram ainda a realização de algumas atividades de intervenção na escola, durante o tempo que lá estive.

---

[18] Cf. Moacir Gadotti, *Convite à leitura de Paulo Freire.* (São Paulo: Scipione, 1999), 59.
[19] Cf, José Lima. *As culturas colaborativas nas escolas: Estruturas, processos e conteúdos*. (Porto: Porto Editora, 2002), 35.
[20] Cf. Léa Anastasiou e Leonir Pessate Alves. *Processos de Ensinagem na Universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.* (Bom Retiro, Univille, 2005), 95.

A turma com quem trabalhei foi uma turma que se manteve, na grande maioria das vezes, calma atenta e empenhada nas diferentes tarefas propostas. Contudo, algumas vezes chegavam à sala mais agitados e com maior dificuldade em se concentrar, distraindo-se mais facilmente e sobretudo, sempre muito dispostos a conversar. No sentido de conseguir desenvolver com os alunos o trabalho a que me propus, fui procurando e estudando algumas estratégias que me ajudaram a mim, e à minha colega, a controlar e a contornar algumas destas situações.

Acolhi então algumas das sugestões feitas por Richard Arends[21], tais como: fazer sempre um acolhimento aos alunos fora do contexto da sala de aula, muitas vezes enquanto estes ainda se encontravam no recreio, introduzir na aula tarefas rotineiras como a escrita da lição e do sumário em primeiro lugar. Introduzi ainda com a minha colega a realização de uma dinâmica a que chamámos caça ao nome, que nos permitia, no momento anterior à aula, sentar os alunos de forma que os dois colegas sentados na mesma mesa não fossem alunos conversadores. Os alunos aderiram muito bem a esta estratégia, revelando gosto pela mesma desde início, tendo nós optado por mantê-la até ao final.

Quanto a dificuldades encontradas, a maior terá sido sem dúvida, em algumas aulas, gerir o tempo de forma a cumprir todas as atividades que tinha planificado e ainda respeitar o tempo da síntese. Houve aulas em que a síntese teve de ser feita oralmente, por já não haver tempo útil que permitisse a escrita desta no quadro, e consequentemente nos cadernos diários, e houve ainda outras em que não foi possível realizá-la na própria aula. Ainda no que diz respeito à gestão do tempo, a vontade e a motivação para desenvolver com estes alunos um determinado tipo de trabalho, pô-los em contato com diferentes estratégias e recursos, levou a que, em algumas aulas, tivesse de recuperar o trabalho iniciado na aula anterior ou ainda que tivesse planificado aulas em função de alguns conteúdos menos explorados.

Outra das dificuldades que encontrei foi a introdução de alguns recursos digitais, tendo sentido algum desinteresse por parte dos alunos, falo sobretudo da proposta de visualização de vídeos como o *powtoon*, que carecem de uma leitura enquanto decorrem, algo que os alunos nem sempre apreciaram, talvez por haver nesta turma alunos com algumas dificuldades de leitura. Senti ainda dificuldade na realização do *peddy paper* onde propus na realização dos mesmos a leitura de códigos QR, acreditando que seria algo inovador e motivador para os alunos, contudo, tal não se verificou para todos. Houve dificuldade na leitura dos códigos e na

[21] Richard I Arends, 7th ed. (Madrid: McGraw Hill, 2008), 23.

própria dinâmica de realização do *peddy paper* ainda que a mesma tenha sido explicada, tendo os alunos alegado nunca terem realizado um *peddy paper* antes.

Estas dificuldades levaram a que procurasse outras estratégias e desenvolvesse mecanismos de gestão do trabalho que pretendia desenvolver, diferentes daqueles que havia pensado em primeiro lugar. Ainda que tenha arriscado algumas vezes a introdução de recursos inovadores, no sentido de expor os alunos a formas de abordagem diferentes daquelas a que estão habituados, fui percebendo que com esta turma funcionavam sempre melhor as dinâmicas práticas, as dinâmicas de grupo, e as atividades onde o objetivo final não era apresentado de forma tão explícita. O fator surpresa foi sempre algo que funcionou muito bem com esta turma.

Partilho da opinião de Gómez[22] de que a participação dos alunos nas aulas é de extrema importância, pois muitas vezes ao participarem nas aulas e o modo como o fazem os alunos expressam, para além dos seus conhecimentos, as suas preocupações, os seus interesses, os seus desejos e as suas vivências, participando assim de forma bastante ativa e crítica na construção e reconstrução da cultura e dos conhecimentos do grupo turma. É assim fundamental que as estratégias a utilizar permitam a construção de pontes entre aquilo que o professor quer ensinar e o que os alunos já sabem, promovendo esta partilha e interação. Foram por isso ponderadas todas as estratégias propostas, mesmo quando algumas implicavam correr alguns riscos, pois só assim poderíamos todos evoluir.

Estas dificuldades e estes ganhos levaram a que a minha planificação fosse feita de forma mais atenta e mais cuidada no sentido de antever algumas situações que poderiam não ser tão motivadoras para os alunos e consequentemente não desencadear aprendizagens significativas. Tal, fez-me ganhar um maior treino de planificação e auxiliou-me no ajustar desta aos alunos, ao seu contexto e aos seus interesses pessoais. Além disto, tentei sempre compreender aquilo que para os alunos era mais significativo em termos de estratégias de aula recorrendo mesmo a uma folha específica para auscultar as suas preferências e interesses antes de realizar a minha planificação final.

Este reajustar constante da planificação, a procura por diferentes atividades e estratégias e a reação dos alunos ao trabalho que ia sendo desenvolvido ao longo das aulas, acabou por me ajudar também no processo de reflexão feito antes e depois de cada aula, sobre o processo de ensino aprendizagem que juntos fomos construindo. No fundo, quanto melhor fui conhecendo

[22] Cf. Pérez Gómez, «A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula». Em *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. (Porto Alegre: Artmed, 2000), 57.

a escola, a turma e os alunos maior capacidade de adaptação e pré-disposição para aprender e procurar novas soluções tive de encontrar.

O modelo de planificação aqui utilizado, as aprendizagens que realizei no âmbito da reflexão que fui fazendo e das diferentes situações que tive de gerir em contexto de sala de aula e a tipologia de atividades que implementei irão certamente influenciar e orientar a minha prática letiva futura.

No que diz respeito à minha relação pedagógica com os alunos, sinto que a mesma foi muito natural, desde início. Ainda quando era a minha colega a intervir e eles não tinham presente a minha forma de abordagem como professora, sempre se mostraram recetivos, curiosos e interessados em saber mais sobre mim e estabelecer uma relação sem dúvida de amizade.

Procurei ter sempre presente que em contexto de aula não cabe ao professor apenas transmitir conteúdos ou fazer perguntas, mas também ouvir, dar-lhes atenção e orientá-los para que aprendam a expressar-se e a partilhar as suas opiniões, de modo fundamentado e cuidado. Tal como afirma Libâneo[23], o trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor e isso foi sempre algo que valorizei muito.

Desde muito cedo me senti bem acolhida pelos alunos, sentindo também que estes gostavam de mim e da minha presença na sala, o que posteriormente facilitou muito a nossa relação professora-aluno. São provas desta boa relação, todas as partilhas mais pessoais que ocorreram em contexto de sala de aula ou até mesmo de recreio, a procura para a resolução de algum problema ou a partilha de um momento feliz.

Tal, foi ainda visível quando por questões de saúde não pude estar presente e houve sempre interesse da parte destes em realizar uma videochamada para que nos pudéssemos cumprimentar ou até mesmo para eu assistir à aula na íntegra. O papel do professor cooperante foi mais uma vez determinante no facilitar desta aproximação, pois fez sempre por garantir que tínhamos todas as condições necessárias para vermos e falarmos com os alunos à distância. Em contexto de sala de aula senti sempre um imenso respeito e carinho de todos eles para comigo e para com os restantes professores que estavam na sala.

Quanto à produção dos materiais pedagógicos considero que houve aulas, deste ponto de vista, mais exigentes que outras, mas de uma forma geral acredito que todos os materiais

[23] Cf. José Carlos Libâneo, *Didática.* (São Paulo: Cortez, 1994), 85.

produzidos se revelaram benéficos e facilitadores das aprendizagens que pretendia promover. Tive o cuidado de para além de diversificar estratégias apresentar também materiais e recursos diferentes, seja do ponto de vista digital, seja daqueles que construí para imprimir ou utilizar na sala. Na sua construção procurei promover a diferença, contemplar o novo, propor algo inovador.

a) A gestão do Programa

O primeiro passo dado relativamente à gestão do programa foi procurar tomar consciência da forma como se estrutura o currículo de EMRC, aprofundar o conhecimento do seu programa (2014), estudar as aprendizagens essenciais (2018), e centrar nestes documentos a orientação curricular para a planificação a construir, a sua concretização e avaliação.

De acordo com os desafios emergentes para a gestão curricular do Programa de EMRC, da responsabilidade da Universidade Católica Portuguesa o professor de EMRC deve configurar-se como "gestor da circunstância educativa" em que se insere. Sendo assim chamado a ser hermeneuta proficiente dos referenciais curriculares, no que diz respeito à seleção, estruturação e articulação de conteúdos relevantes e significativos, bem como da adequação de metodologias e atividades a propor[24].

O professor de EMRC desempenha um papel fulcral no exercício da sua missão educativa enquanto testemunho vivo daquilo que ensina. Neste sentido, considera-se que ser professor é uma vocação, pois é chamado a colaborar, intervir e orientar a formação do "carácter e o espírito das novas gerações"[25].

De acordo com o Programa de EMRC[26] o aluno que frequenta esta disciplina deve obter um conjunto de conhecimentos, capazes de garantir a apropriação eficaz da cultura em que está imerso e simultaneamente meios para adquirir e desenvolver determinadas competências. Assim, todo o processo se deve orientar para a aquisição e desenvolvimento de competências, solidamente sustentadas no uso e integração de uma variedade de conteúdos de conhecimento. Os saberes devem ser o ponto de partida e a matéria-prima para a aquisição e desenvolvimento de competências e não uma acumulação estéril de informação desligada, a

[24] Cf. Universidade Católica Portuguesa, «Desafios emergentes para a gestão curricular do programa de EMRC», acedido a 17 de janeiro de 2022, https://ft.ucp.pt/pt-pt/desafios-emergentes-para-gestao-curricular-do-programa-de-emrc

[25] Cf. Jacques Delors et al., *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. trad. J.C. Eufrázio (São Paulo: Cortez Editora): 131.

[26] Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 7.

que não se atribui mais sentido do que o da sua enunciação escolar e avaliativa. Foi para o alcance deste propósito que procuramos sempre trabalhar.

De acordo com as Aprendizagens Essenciais[27], em EMRC, o currículo desenvolve-se em espiral, sendo os conhecimentos, as capacidades e as atitudes trabalhados com maior profundidade ao longo do tempo, na medida em que a capacidade de cognição dos alunos evolui. Os conteúdos e a forma como se estruturam preveem uma crescente consciência do eu e da pessoa e uma apreciação do facto religioso com uma crescente atitude de cooperação e compromisso, algo que procurei ter em conta nas propostas que apresentei.

A abordagem apresentada pelo currículo integra uma visão crítica e sistemática dos valores que incorporam a construção da pessoa humana, a sua participação na sociedade, com vista ao exercício pleno da cidadania, de acordo com a perspetiva cristã, procurando ainda dar resposta àqueles que são os desafios da educação para o século XXI propostos, em particular, pela UNESCO[28].

Para o professor Juan Ambrósio[29], as finalidades apresentadas no programa são suficientemente claras e objetivas, sendo que algumas delas acabam mesmo por ser traduzidas quase que de modo literal ao nível das Metas Curriculares. Como refere o autor, o objetivo das Metas Curriculares é fornecer orientações claras aos professores, no sentido de os ajudar a planificar a sua ação para que os alunos façam uma leitura da realidade, tendo em conta uma determinada chave, em ordem à sua transformação. Permitem também que o itinerário educativo que se pretende traçar surja de um modo harmonioso, atingindo as finalidades pretendidas, em conformidade com aquela que é a identidade da disciplina.

Foi consciente das mensagens veiculadas por estes documentos que norteiam a disciplina na escola e do papel que o professor de EMRC deve assumir, bem como ao que o aluno deve estar sujeito, que passei então à elaboração dos três níveis de planificação que constam deste documento.

Com a indicação de que cada professor estagiário devia lecionar duas unidades letivas, num total aproximado de oito aulas cada, eu e a minha colega procedemos à contabilização do número de aulas disponíveis e conversámos sobre a melhor forma de as dividir e as perspetivar no tempo. Ponderámos ainda antecipar ou trocar a ordem de algumas das unidades letivas, mas para nós, tal não fez sentido, pois a primeira unidade letiva do quinto ano é Viver Juntos, a

[27] Cf. Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais».
[28] Cf. Comissão Nacional da UNESCO, «Educação para o século XXI». Acedido a 10 de outubro de 2021, https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/educacao-para-o-seculo-xxi.
[29] Cf. Juan Ambrósio, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», *Pastoral Catequética* 31-32(2015) 63-81.

segunda é Advento e Natal, a terceira é Família: uma comunidade de amor e a quarta é Construir Fraternidade. Esta proposta de percurso fez-nos todo o sentido, pois, no nosso entender, permite um fio condutor muito interessante das aprendizagens que gostaríamos de promover junto deste grupo de alunos. Conversada esta situação com o professor cooperante, que também aprovava, ficou certa a ordem das unidades letivas.

Inicialmente, acordámos que a unidade letiva Viver Juntos e Advento e Natal deviam ser unidades lecionadas de forma partilhada, para que tanto uma como outra professora estagiária pudessem, no decorrer destas primeiras aulas, conhecer os alunos e estabelecer com eles uma relação facilitadora da prática. Contudo, uma situação de saúde levou a que tivesse de me ausentar duas semanas da minha ilha de residência e consequentemente da ilha de estágio, o que levou à primeira alteração a realizar. Como esta minha ausência coincidiu com as últimas aulas da unidade letiva, Viver Juntos, eu e a minha colega acordámos que seria então ela a dar toda esta primeira unidade e, posteriormente, eu lecionaria sozinha a unidade letiva número dois Advento e Natal.

Mediante estas situações que não controlamos, incluindo nelas as vezes em que as condições do tempo não foram favoráveis a realização da viagem Pico-Faial fomos alterando e ajustando as planificações de nível 1 e nível 2. Individualmente, cada professora preparou a sua planificação nível 3 e nível 4, sendo que todas elas foram depois discutidas, aperfeiçoadas e ajustadas na reunião do núcleo que se realizava à sexta-feira depois da aula. Na semana que antecedia a aula, cada uma preparava e construía os respetivos materiais pedagógicos.

Nenhuma destas planificações foi elaborada de forma rígida, pois com o decorrer das atividades letivas e a forma como os alunos reagiam às mesmas, terminavam ou não aquilo que era proposto, as planificações iam sendo ajustadas e adaptadas. Todo este trabalho, ainda que às vezes, o tempo tenha sido um entrave, permitiu o cumprimento de todas as aprendizagens essenciais previstas para as unidades letivas aqui apresentadas.

b) Aprendizagens significativas

Todo este percurso formativo permitiu-me adquirir um maior conhecimento sobre todas as unidades letivas do programa do quinto ano de escolaridade, assim como das suas metas, objetivos, conteúdos e aprendizagens essenciais, aprofundando noções e conhecimentos que ainda não tinha tido oportunidade de aprofundar. Permitiu-me ainda o contato com formas de gestão diferentes daquela a que estava habituada, enriquecendo assim a minha visão e o meu sentido prático, sobretudo em termos de planificação.

Possibilitou-me ainda confirmar a importância do trabalho colaborativo, a partilha de métodos e diferentes formas de abordagem, a discussão de diferentes ideias, no sentido de obter a que mais se revestia de sentido, em função dos objetivos a alcançar e das características dos alunos com quem trabalhei. Aprendi ainda que, por vezes os frutos do nosso trabalho podem não ser necessariamente colhidos por nós e que às vezes aquilo que é feito em contexto de sala de aula produz efeitos não imediatos, mas sim a longo prazo, aceitar isto foi também uma aprendizagem.

Descobri ainda, de forma muito mais clara, a importância da formação docente em diferentes sentidos, a importância da constante atualização que devemos procurar fazer acerca dos conteúdos que ensinamos, a procura por novas formas de abordagem e implementação de estratégias diferentes e inovadoras e a importância da construção de recursos e materiais que motivem os alunos e ajudem a facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Confirmei a inviabilidade do método expositivo de forma exclusiva, e confirmei a importância das dinâmicas práticas e de grupo na promoção de aprendizagens significativas. Confirmei também a importância de envolver os alunos em todo o processo educativo desde o momento em que planificamos uma determinada atividade, até ao momento em que a concretizamos, permitindo ainda ouvi-los na conclusão dessa mesma atividade e de algum modo aferir a experiência que estes realizaram.

Verifiquei que não existem turmas iguais, atividades que funcionem da mesma forma com os mesmos alunos, materiais e recursos que os interessem da mesma forma ou planificações perfeitas. Tal, remeteu-me para a aprendizagem de que o processo de ensino-aprendizagem é uma dinâmica de relação constante, que se altera no tempo, no espaço, em função dos objetivos dos conteúdos e das atividades propostas. Percebi que é necessário, com o tempo, ir desenvolvendo alguma astúcia, no sentido de, munidos de um bom conhecimento da turma com a qual trabalhamos, sermos capazes de fazer a melhor gestão do trabalho que pretendemos desenvolver, em função de um conjunto de alterações. Talvez aqui resida um dos grandes segredos de uma prática letiva de sucesso.

Reconhecendo a importância da reflexão, sobretudo aquela que ocorre de uma forma já distanciada da prática, a oportunidade de reflexão conjunta criada em núcleo de estágio, onde além da minha visão, contava com a visão da minha colega e do professor cooperante foi algo determinante para o sucesso das atividades desenvolvidas. Todos os momentos de reflexão e partilha realizados contribuíram para uma consciência mais clara do percurso que íamos traçando, cientes de onde vínhamos, o que pretendíamos fazer e onde ambicionávamos chegar.

Todas estas aprendizagens foram de extrema importância para a conclusão da PES e sê-lo-ão, certamente, daqui para a frente no meu futuro como professora de EMRC.

c) Desenvolvimento de atitudes e competências profissionais

Por mais que tentemos contrariar, ao iniciar um percurso desta natureza quando contamos já com oito anos de lecionação prática da disciplina, há sempre "vícios" que tendemos a trazer connosco. Para mim, isto foi visível logo no início do estágio, quando me deparei com a necessidade de cumprir quatro níveis de planificação diferentes. É certo que, ao iniciar um ano letivo, as primeiras semanas de trabalho recaem sempre sobre a planificação, contudo reconheço que fazia uma planificação muito mais despreocupada do que aquela que realizei no início do estágio. Esta despreocupação não diz respeito, de forma alguma a desinteresse, mas sim ao facto de saber que durante um ano existem determinados fatores que nos levam a ter de alterar a planificação, ajustar algumas aulas, contar com aulas que poderão não ser dadas. Logo, todo este processo é levado com outra leveza e naturalidade.

Planificar as unidades letivas do quinto ano sabendo que as teria de dividir com a minha colega de estágio, que os conteúdos a abordar teriam de ser dados em menos tempo do que aquele que teria num ano letivo comum, obrigaram a uma planificação muito mais rigorosa da que costumava fazer.

A planificação de nível 1 foi determinante neste aspeto, pois permitiu-me fazer um levantamento de todas as possibilidades de aulas que poderiam ou não ser dadas e fazer a planificação ciente do número de aulas que teria para desenvolver o trabalho a que me propunha de uma forma quase certa. Ainda que a planificação feita tenha sofrido diferentes alterações, quer pelas condições do tempo, quer por motivos de saúde, a verdade é que mesmo não sabendo o tempo em que iria concretizar essa planificação, desde muito cedo soube o caminho que pretendia seguir e o trabalho que eu gostava de desenvolver com estes alunos dentro da sala de aula. Assim, considero que uma das primeiras competências profissionais que este estágio promoveu foi sem dúvida ao nível da planificação e da gestão do programa.

Outra das competências que considero ter desenvolvido foi a de me reorganizar enquanto professora, no sentido de clarificar muito bem quais seriam as minhas tarefas, as que devia priorizar. Isto conciliando as exigências da função docente, com a responsabilidade de assumir este estágio de forma comprometida e honrada, e ainda corresponder às obrigações dos seminários que frequentámos em simultâneo.

No decorrer de um percurso desta tipologia é natural encontrarmos em alguns colegas formas de pensar e de trabalhar próximas, que nos ajudam a desenvolver um trabalho mais colaborativo aberto à partilha de diferentes realidades e experiências. Ainda que os núcleos de estágio tenham estado muito centrados nas suas ilhas de residência, foi possível sentir este apoio e partilha por parte de alguns, que muito ajudou e facilitou a conclusão deste processo. Consequentemente, isto levou a que compreendesse a necessidade e as vantagens de desenvolver a minha prática letiva de forma flexível, recetiva a outras ideias e opiniões e partilhada com quem experimentava um percurso semelhante ao meu.

O facto de ter desenvolvido o estágio com uma colega também recetiva e esta partilha e à entreajuda favoreceu que estas competências profissionais fossem mais facilmente adquiridas. Muito importante foi também a relação estabelecida com o professor cooperante, alguém com uma formação teológica muito além da nossa, que lhe permite uma visão e um entendimento dos temas também muito diferente. O facto, de se ter mostrado sempre disponível para partilhar connosco o que sabia e diferentes possibilidades de o contemplar na prática foi de extrema importância e ajudou-me a crescer muito enquanto professora de EMRC, mas também enquanto ser humano.

Sei que a formação docente se pauta e rege pelo conhecimento científico e metodológico simultaneamente, sei também que a prática docente enfrenta hoje novos desafios que leva a que os professores reconheçam a necessidade de se formarem como profissionais reflexivos, autónomos, capazes de compreenderem a realidade em que atuam e o seu papel face a essa realidade. Este percurso mostrou-me a importância e a necesidade de cada vez mais ter de estar disponível a ser um agente transformador da realidade em que atuo, procurando sempre fazer a diferença, em prol dos meus alunos.

Aprendi muito com o professor cooperante, a sua forma de orientar, as pistas de reflexão que nos deixava de uma semana para a outra, as questões que levantou acerca do que propunhamos levou a que todas as aulas fossem devidamente pensadas, ponderadas, interligadas e que algumas dificuldades fossem antecipadas, a ponto de já nem virem a surgir na prática.

Esperava vir a conseguir aperfeiçoar competências pedagógicas e cientificas, adquirir competências ao nível da comunicação religiosa, aproximar-me cada vez mais do protótipo de perfil correspondente ao professor de EMRC, mobilizar os conhecimentos que adquiri ao longo da licenciatura de forma integrada, com uma ação profícua em contexto de sala de aula, aperfeiçoar técnicas e instrumentos de avaliação, algo que, com muito orgulho, considero, ter conseguido atingir.

Terminei o percurso de PES sabendo que o mesmo não representa o fim de um percurso formativo, apenas de uma etapa, pois o mesmo marca o início de uma caminhada constante de reflexão e procura de melhores práticas, enquanto professora de EMRC. Considero o fim desta etapa como o início de um percurso de constante questionamento e investigação, perspetivando sempre uma ação futura cada vez mais qualificada e motivadora.

d) Atividades de intervenção na escola

As seguintes atividades integraram o Plano Anual de Atividades da escola, na área curricular de EMRC, foram apresentadas, pelo professor cooperante e têm sido realizadas ao longo da permanência deste na escola. Foram, por isso, atividades acolhidas também por nós, que mesmo cientes de não podermos participar de forma plena, devido à distância, nos comprometemos a auxiliar o mais e melhor que pudéssemos.

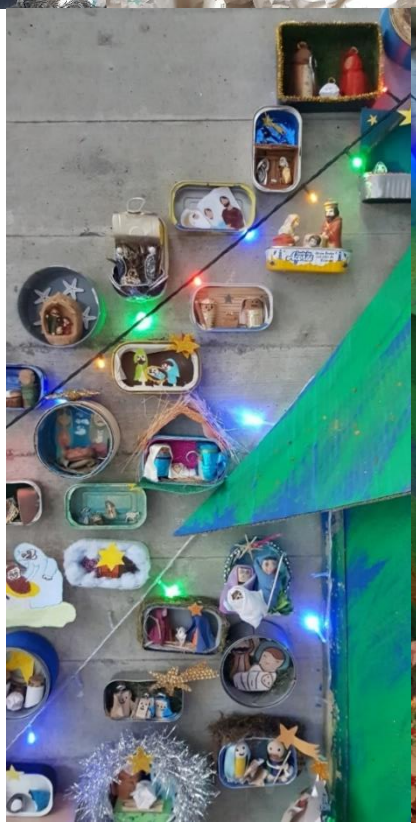
A primeira atividade que nos permitiu envolver de forma ainda mais integrada com a comunidade escolar, fora da sala de aula, foi o "Concurso de Presépios". Há doze anos, o professor cooperante Paulo Costa, organiza esta atividade pelo Natal, que envolve todos os alunos do 2.º ciclo e as suas famílias. Este ano, decidiu ir ainda mais longe e propôs envolver toda a comunidade escolar desde o 1.º ciclo ao 2.º ciclo, que prontamente aceitaram o convite.

Um dos objetivos desta atividade é o de realçar a identidade da disciplina no ambiente escolar, através dos trabalhos realizados pelos alunos, numa harmoniosa exposição, que costuma ter lugar definido para a sua realização. Um dos outros objetivos é o de destacar a festividade do Natal, abordada, particularmente, e de forma mais aprofundada no 5.º ano de escolaridade. Este ano o desafio para a construção de presépios era o uso de latas de atum e materiais recicláveis, tal como é referido no regulamento que abaixo se apresenta.

Os presépios são construídos em casa com a ajuda dos familiares, dos alunos do 2.º ciclo inscritos em EMRC. As turmas do 1.º ciclo colaboraram com a pintura e decoração de adereços alusivos ao Natal, como estrelas, anjos e as outras figuras do presépio. O professor Paulo fixa um prazo para entrega, de modo que os alunos tenham tempo de concretizar um bom trabalho e, assim, conseguir recolher o máximo de presépios possíveis para a exposição. Esta atividade também é um elemento de avaliação para as turmas do 5.º ano, permitindo aos alunos mostrarem o seu empenho, responsabilidade, colaboração e criatividade.

Mediante conhecimento desta atividade, no primeiro encontro de núcleo, as estagiárias aceitaram de imediato participar com o tempo que conseguissem, visto não morarem na mesma ilha da escola de estágio e limitadas pelo horário de funcionamento do barco de transporte de

passageiros. Nesse sentido, foi proposta uma atividade prática, na última aula da UL1, com a escrita de palavras que mostrassem a importância de viver em grupo, construindo uma aliança de convivência para a turma. Foi-nos possível ajudar em dois momentos da realização desta atividade, na elaboração da exposição com a pintura de cenários e colocação desses materiais no sítio da exposição, criando o imaginário de uma cidade e aldeia e em volta todos os presépios construídos para o concurso. A exposição esteve acessível a toda a comunidade educativa até ao final do mês de janeiro.



Outra atividade para a qual contribuímos, de acordo com as nossas possibilidades, nomeadamente, o tempo disponível para estarmos na escola, foi a atividade da campanha de solidariedade «Natal sem fome».

Esta campanha é habitualmente desenvolvida pelo Departamento de Ciências Humanas e Sociais, na área curricular de EMRC. Com o conhecimento da mesma, manifestamos interesse em ajudar, particularmente, com o contributo de alimentos para o cabaz.

Através do professor cooperante ficámos a saber que, normalmente, quando chega a altura de realizar esta atividade todos os departamentos curriculares da escola se organizam e assumem a responsabilidade de contribuir com alguns bens essenciais típicos da consoada. Para além destes todos os restantes membros da comunidade educativa, seja a título individual, seja em pequenos grupos, procuram contribuir com géneros alimentares, para que estes cabazes possam chegar às famílias selecionadas o mais completos possível.

A distribuição dos cabazes pelas famílias fica a cargo do professor cooperante que, em comunicação com entidades de cariz social da cidade da Horta, afere as famílias dos alunos com mais necessidades a quem atribuir estes cabazes. É assim uma atividade que mobiliza toda a comunidade educativa na procura de um Natal mais solidário e, consequentemente, cheio de sentido. Para que fique expressa a abrangência desta atividade interessa-nos aqui referir que no ano letivo transato foram distribuídos por diferentes famílias cerca de 300 kg de comida.

Trabalhando, neste ano de estágio, a importância de vivermos juntos, o significado do advento, a comemoração do Natal, a importância da família, na procura da construção de um mundo mais fraterno, fez todo o sentido para nós, associarmo-nos a esta causa, e testemunhar a envolvência dos nossos alunos no enriquecimento da experiência de vida em comunidade numa perspetiva de Fraternidade.

1.2.6 Avaliação dos alunos

A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.

A avaliação assume em primeiro lugar uma dimensão marcadamente formativa, e é um processo contínuo que assenta nos seguintes princípios[30]:

- ✓ Coerência entre os processos de avaliação e os princípios de gestão do currículo definidos nos diferentes documentos legais que a regulamentam;
- ✓ Utilização de técnicas e de instrumentos de observação e de registo diversificados que permitam evidenciar o desenvolvimento e as aprendizagens de cada aluno;
- ✓ A valorização dos progressos do aluno;
- ✓ Planeamento e avaliação com os alunos como atividades integradas na prática letiva o que permite observar, por um lado, o progresso das aprendizagens dos alunos e, por outro lado, adequar o processo educativo às necessidades da cada aluno e do grupo no geral.

Avaliar é, assim, segundo a Direção-Geral da Educação, um ato pedagógico que requer uma atitude e um saber específico que permite desenvolver estratégias adequadas, tendo em conta os contextos de cada aluno e do grupo, no respeito pelos valores de uma pedagogia diferenciada.

Constituindo a avaliação um elemento de apoio estratégico ao desenvolvimento/ regulação da ação educativa, permite, por um lado, analisar o percurso efetuado, na sua globalidade, e, por outro lado, perspetivar o futuro[31].

Para Cristina de Sá Carvalho[32] a primeira função da avaliação é

> «a de se propor ajudar os professores, os alunos, e os pais (como colaboradores indispensáveis do processo pedagógico escolar) a intervir de forma planeada e consequente no processo de ensino-aprendizagem, recolhendo informações que visam a tomada de decisões orientada para aperfeiçoar a atividade pedagógica e melhorar as aprendizagens nos diversos domínios da personalidade de educadores e educandos».

[30] Cf. Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto.

[31] Cf. Direção-Geral da Educação, «Avaliação», acedido a 10 de dezembro de 2021, https://www.dge.mec.pt/avaliacao-0

[32] Cf. Sá Carvalho, Cristina. Curso Geral de Catequistas - Psicologia (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2004), 21.

Ainda de acordo com esta autora, a avaliação deve ser um processo contínuo e sistemático, com base no plano de atividades delineadas e alicerçado em instrumentos adequados. Sabendo que no processo da avaliação não é possível evitar alguma subjetividade nas apreciações que se fazem, os docentes devem recorrer à sensatez, cientes de que não se trata de medir ou quantificar o trabalho de um aluno, mas sim de melhorar a relação e a eficácia pedagógica.

Ao longo da lecionação das unidades letivas a forma de avaliação privilegiada disse respeito aos trabalhos que os alunos desenvolveram para inclusão no álbum da turma. Estes trabalhos foram sendo desenvolvidos no decorrer das aulas, uns de forma individualizada, outros em grupo. A estrutura do álbum, assemelhava-se de um portefólio onde foram incluídos quer os trabalhos da turma, quer alguns dos materiais pedagógicos mais relevantes utilizados em aula. No final do ano este álbum foi fotocopiado e replicado em cadernos individuais entregue a cada um dos alunos.

No entender do professor Juan Ambrosio[33] um trabalho desta natureza contém enormes potencialidades que ultrapassam em muito a avaliação a partir de simples fichas ou da observação do desempenho dos alunos, no decorrer das tarefas que lhes são atribuídas, apesar de esta forma de avaliação ser também relevante. Vejamos que a observação direta potencia a intervenção atempada do professor junto do aluno, sempre que necessário. Como forma de auxiliar este processo de observação, foram elaboradas grelhas de verificação ao longo do ano.

O primeiro modelo de grelha adotada previa a construção de uma grelha diferente para cada aula lecionada, algo que mediante reflexão, motivada por algumas dificuldades em preenchê-las, por vezes, na sua totalidade optei por, no âmbito da unidade letiva 4 construir uma grelha única com as aprendizagens essenciais que cada aluno devia realizar. Do meu ponto de vista, o uso desta grelha foi mais profícuo, pois respeitava o ritmo de trabalho e aprendizagem de cada um, permitindo aferir a evolução dos alunos de forma mais clara e precisa.

No processo de avaliação foram realizados alguns trabalhos de grupo. Para Juan Ambrosio[34] os trabalhos de grupo podem ser exercícios preciosos, uma vez que, permitem observar e desenvolver as competências/capacidades dos alunos em atividades de aprendizagem cooperativa. Assim, o trabalho em grupo, para além de avaliar a qualidade do

[33] Cf. Juan Ambrosio, «Avaliar em EMRC. Pistas para um caminho». Apontamentos da disciplina de Currículo, Planificação e Avaliação. Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Teologia. Manuscrito não publicado. Acedido a 10 de dezembro de 2021, 11.
[34] Cf. Ambrosio, 25.

produto final, permite também a construção do conhecimento de forma colaborativa e a relação com os outros, podendo colocar igualmente as competências morais e sociais dos alunos em destaque.

O processo de auto e hétero avaliação foi sempre realizado e respeitado ao longo dos três períodos letivos, mediante o preenchimento de grelha própria, disponibilizada pela própria escola. Neste processo, contemplou-se sempre momentos de escuta dos alunos acerca das estratégias implementadas, o que gostariam de manter e o que gostariam de ver alterado.

Neste processo de avaliação, e uma vez que a unidade de referência deste relatório era a última, procurei também avaliar de forma reflexiva os temas abordados e a forma como o foram, no sentido de encontrar algumas das respostas às perguntas que motivaram a escrita deste trabalho, nomeadamente: o porquê de ser tão difícil, numa primeira fase, os alunos compreenderem o conceito de Fraternidade e, posteriormente, o porquê de munidos já deste conceito ser tão difícil para eles aplicá-lo em situações e contextos reais de vivência, que podiam e deviam ser de Fraternidade.

Este processo de reflexão levou-me a desenhar um percurso de investigação que me esclarecesse quanto ao verdadeiro sentido de sermos uma comunidade, a vivência da Fraternidade numa perspetiva cristã, os apelos sociais que são feitos a fim de noticiar a urgência da aplicação deste conceito na nossa realidade social, e ainda um exemplo concreto de alguém que tivesse sido, de alguma forma, esclarecido ou sido um verdadeiro exemplo na promoção da vivência da Fraternidade. Isto com o objetivo de desenvolver uma proposta pedagógica com estes alunos, no sentido de esclarecimento efetivo do conceito e também como forma de apelar à verdadeira construção de um mundo fraterno.

Deste modo, nas páginas seguintes desenvolvemos todo este itinerário mais teórico, recorrendo a bibliografia de especialidade, que nos permitiu, numa fase final da realização deste trabalho, intervir junto de toda a comunidade escolar e, no momento de conclusão apresentar algumas considerações sobre a temática que vamos desenvolver no ponto seguinte deste relatório final.

2. Redefinir a vivência da Fraternidade

Decorrente da prática letiva, aferimos que para os alunos a compreensão do conceito Fraternidade, ideia estruturante da última Unidade Letiva do Programa de EMRC para o 5.º ano de escolaridade,[35] constituía uma dificuldade. Talvez por ser necessário alguma abstração, ou talvez por vivermos num mundo cada vez mais individualista e centrado mais em egos, do que propriamente, em grupos/comunidades.

Atendendo à génese da disciplina de EMRC, a compreensão deste conceito torna-se, no nosso entender, determinante para que os jovens comecem a olhar para o mundo sob uma visão diferente daquela que hoje predomina. Tal, implica diretamente o reconhecimento do verdadeiro sentido de comunidade que parece cada vez mais desprovido de significado para os jovens dos nossos dias.

2.1 A noção de Comunidade como alicerce à vivência da Fraternidade

É certo que vivemos num mundo cada vez mais plural, diversificado e intercultural. É assim, muito importante fornecermos aos alunos ferramentas e chaves de leitura que lhes permitam ler a realidade, de forma clara e esclarecida, para que eles próprios possam fazer as suas escolhas e definam os seus princípios éticos com a maior seriedade e consciência. Do ponto de vista dos documentos eclesiais que têm vindo a ser publicados, a urgência da construção de um mundo fraterno, centrado no bem comum e no assumir de um compromisso de todos para com todos, veio reforçar o interesse no desenvolvimento deste trabalho.

Interessa-nos, a partir deste ponto, apresentar em traços gerais as raízes dos conceitos de Comunidade e Fraternidade, contemplando a visão que atualmente os diferentes documentos eclesiais veiculam sobre este assunto, e reforçando a necessidade urgente desta realidade social reintegrar o nosso mundo, e consequentemente as práticas educativas. Decorrente desta reflexão, pretendemos aferir o papel da escola e sobretudo da disciplina de EMRC como unidade basilar na promoção da vivência plena destes conceitos[36], como auxílio na construção

[35] Cf. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 60.

[36] A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, está vocacionada para a bem-aventurança que corresponde ao desejo natural de felicidade. Essa vocação humana reveste-se de uma forma pessoal que, para o crente cristão, significa manifestar a imagem de Deus e ser transformado à imagem de Cristo. No entanto, como o amor a Deus é indissociável do amor ao próximo, a felicidade e a realização humana não são possíveis sem a Fraternidade, na verdade e no amor. Cf. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 163.

desta nova visão, com implicações diretas para a forma como os jovens assumem e vivem a sua realidade.

Sendo que na grande maioria das vezes, as verdadeiras aprendizagens recaem sobre bons exemplos, interessa-nos, ainda neste capítulo, apresentar a pessoa de São Francisco de Assis como grande inspirador da Fraternidade concreta, que tanto tem inspirado a igreja e parte da sociedade. É no decorrer da percussão deste caminho que pretendemos encontrar as respostas para as perguntas acima formuladas e tecer algumas considerações finais.

2.1.1. A noção de Comunidade

A palavra comunidade proveniente do latim *communio e communitas*, significa aquilo que é comum ou geral e compartilhado por muitos. Normalmente, representa um grupo local, de extensão oscilante, e que integra pessoas que ocupam um mesmo território geográfico, definido pela mesma herança cultural histórica. O termo comunidade é também usado para designar um grupo altamente integrado, onde os seus membros se encontram ligados uns aos outros por laços de empatia, ou comunhão de ideais, como por exemplo, os ligados às crenças religiosas. É comum a todos os indivíduos, mais cedo ou mais tarde, tornarem-se parte integrantes de grupos com os quais possuem um contato mais próximo, com os quais dividem interesses, objetivos, proximidade de ideias, ideais e de condições. No nosso entender, uma integração que acontece aquando da frequência à escola, seja a partir da incorporação numa turma, seja na formação dos primeiros grupos de amigos, sendo neste contexto que ocorrem as primeiras noções de grupo e identificação social, que posteriormente darão significado ao conceito de comunidade.

Concretizemos com o contributo de alguns autores. Robert Redfield[37] define comunidade como um agrupamento distinto de outros agrupamentos humanos, assumindo que é visível perceber onde uma determinada comunidade começa e acaba. Qualifica ainda a comunidade como um grupo pequeno, a ponto dos seus limites estarem sempre ao alcance da visão daqueles que a integram, permitindo assim aos seus membros reconhecerem os outros que a ela pertencem. Para o autor, outra das características das comunidades é o facto de estas serem autossuficientes, ao ponto de conseguirem fazer face às necessidades daqueles que a

[37] Cf. Robert Redfield, *Little community and peasant society and culture*. (Chicago: University of Chicago Press, 1989), 37.

integram.[38] Algo a nosso ver muito importante, pois esta garantia de encontrar no outro o que precisamos, fomenta e fortifica os primeiros laços de amizade entre indivíduos, que mais tarde facilitam a compreensão e a vivência fraterna entre todos.

Atualmente, a experiência e noção de comunidade apresenta novos contornos ou até a falta deles. Efetivamente, numa cultura baseada no indivíduo e na desconstrução das tradicionais formas de agregação social, religiosa, e política, a comunidade representa sobretudo uma construção ideológica, baseada na necessidade individual de segurança, do conforto, de familiaridade e do sentimento de pertença, oferecendo a certeza de que fazemos parte de algo maior que nós próprios. A definição de comunidade engloba, assim, a delimitação do «nós» e dos «outros». Uma vez que, o reconhecimento do «eu» e do «outro» ocorrem normalmente na experiência em comunidade, citando Paula Pereira: «o nós e a comunidade são realidades e estruturas antropológicas que resultam da relação eu e tu e, como expressão máxima dessa relação, clarificam de modo mais preciso a identidade e o diálogo»[39]. De facto, a experiência em comunidade é propícia à procura pela compreensão do «outro», sem que tal implique o esquecimento ou o abandono do «eu». Contudo, esta parece-nos ser das aprendizagens mais complexas no âmbito das relações em comunidade, sobretudo quando pensamos em faixas etárias mais jovens. A promoção e compreensão do outro, normalmente geram, alguns conflitos com o «eu», nem sempre fáceis de gerir.

Concordando com o pensamento de Buber, podemos afirmar que toda a vida atual está marcada pela experiência do encontro.[40] De acordo com este autor, podemos conceber o «outro» como um «tu», como alguém que transporta a centelha Divina, e que, por isso mesmo, nós devemos respeitar e a quem devemos procurar unir também a mesma centelha Divina que o «eu» comporta. Para Buber,[41] é na relação com o «tu» que me torno «eu». Esta afirmação permite-nos compreender a exigência da relação interpessoal e a importância da vivência em comunidade, sobretudo juntos das camadas mais jovens das diferentes comunidades.

Zygmund Bauman contribui para o enriquecimento desta visão e esclarece que:

---

[38] No modelo deste autor a definição de comunidade é uma definição fechada, que não considera possíveis interferências das infinitas variáveis que podem condicionar o entendimento deste conceito.

[39] Cf. Paula Pereira, *Amor e conhecimento. Reflexões em torno da razão pedagógica* (Porto: Porto Editora, 2000), 97.

[40] Cf. Alexandra Pena, «"Toda vida atual é encontro": contribuições de Martin Buber para a Educação», *Educação*, *42*: 3 (2019), 506–513. https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.3.29874

[41] Cf. Martin Buber, *Sobre comunidade*. (São Paulo: Editora Perspectiva, 1987), 75.

> «pertencer a uma comunidade significa renegar parte de nossa individualidade em nome de uma estrutura montada para satisfazer as nossas necessidades de intimidade e da construção de uma "identidade"».[42]

Para o autor, a construção de uma fronteira entre o familiar e o que nos é estranho é aquilo que representa a essência do conceito de comunidade. Esta distinção possibilita, ainda de acordo com o autor supramencionado, a preservação de um ideal de pureza, que permite estabelecer e associar comportamentos e práticas de atividades que estão relacionadas diretamente a uma comunidade e não a outra. Neste sentido, o autor, oferece como exemplo as comunidades religiosas.

Ainda, na perspetiva deste autor, a comunidade representa um local de proteção e segurança, em que os seus membros são sempre reconhecidos como semelhantes. Isto significa que a comunidade assume um lugar marcado pela «boa vontade», pelo dever de entreajuda e pelo «direito de esperar obter ajuda quando necessário», não apenas sugere algo de iminentemente «bom» mas algo a que valeria a pena retornar face aos «tempos implacáveis, de competição e desprezo pelos mais fracos», considerando-se assim que: «comunidade» é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido, mas que esperamos ansiosamente retornar, e buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá».[43] De acordo com o autor, a experiência de comunidade como uma história social duradoura afirma-se mais segura e confiável do que o tempo de uma vida individual, sendo o predomínio do individualismo moderno corresponde o responsável pela crescente desintegração dos laços humanos.[44]

Para o autor, na realidade globalizada em que vivemos as comunidades construídas, no seio de um mundo cada vez mais individualizado, terá de ser construído em conjunto, a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo. O autor sugere uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos de sermos iguais e lutarmos em defesa desses mesmos direitos. Devemos, para isso, caminhar firmes no reconhecimento da diversidade e no acolhimento dos desafios que enfrentamos e que não podem ser vividos de forma individual[45], missão esta muito particular da escola, no nosso entender.

Na procura de enriquecermos ainda mais esta visão, registemos que para Tönnies, comunidade assume-se como um conceito amplo apoiado em fundamentos afetivos, emocionais e tradicionais. Para este autor, podemos subdividir este conceito em três tipos de comunidade: a «comunidade por sangue», unidade primária de existência, que expressa a

---

[42] Cf. Zygmunt Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, trad. Plínio Dentzien.(Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003), 15.
[43] Cf. Bauman, 9.
[44] Cf. Bauman, 17.
[45] Cf. Bauman, 7.

vivência em proximidade; a «comunidade de lugar», a base da vida em conjunto num espaço físico; e a «comunidade em espírito» aquela capaz de ligar os seus membros ao nível do pensamento consciente. É, para o autor, na união destes três tipos de comunidade, ou seja, aquela em que se partilha a mesma humanidade física, a mesma terra comum e a mesma partilha de espaços considerados sagrados que reside a verdadeira definição de comunidade humana[46].

Recorrendo a uma parábola, o Cardeal José Tolentino Mendonça, no seu discurso do dia 10 de junho de 2020, em Belém, esclareceu o sentido de comunidade que temos vindo a propor nos parágrafos anteriores. Citando:

> «Permitam-me pegar numa parábola. Circula há anos, atribuída à antropóloga Margaret Mead, a seguinte história. Um estudante ter-lhe-ia perguntado qual considerava ser o primeiro sinal de civilização. A expectativa geral era que nomeasse, por exemplo, os primeiríssimos instrumentos de caça, as pedras de amolar ou os ancestrais recipientes de barro. Mas a antropóloga surpreendeu todos, identificando como primeiro vestígio de civilização um fémur quebrado e cicatrizado. No reino animal, um ser ferido está condenado à morte, pois fica fatalmente desprotegido face aos perigos e deixa de se poder alimentar a si próprio. Que um fémur humano se tenha quebrado e restabelecido documenta a emergência de um momento completamente novo: quer dizer que uma pessoa não foi deixada para trás, sozinha; que alguém a acompanhou na sua fragilidade, dedicou-se a ela, oferecendo-lhe o cuidado necessário e garantindo a sua segurança, até que recuperasse. A raiz da civilização é, por isso, a comunidade. Foi na comunidade que a nossa história começou. Quando do «eu» fomos capazes de passar ao «nós» e lhe demos uma determinada configuração histórica, espiritual e ética.[47]»

É neste sentido que Paula Pereira, aponta a Fraternidade como a base daquela que é uma comunidade autêntica e que se revela capaz de atuar como um alicerce capaz de se transformar num verdadeiro imperativo ético concedendo sentido às ações solidárias e generosas. Apela ao assumir de uma atitude dialógica, uma vez que marcada pelo vínculo fraterno em comunidade, não só possibilita como promove a aceitação do outro num esforço fundamental «para não considerar os indivíduos como sobrepostos ou alienados, mas sim considerá-los na complexidade das suas relações, o que significa um esforço acrescido de não olhar tudo e todos com as determinações do próprio eu»[48]. É a partir deste ponto de vista que a autora sugere também que só pensando em comunidade a partir do ideal fraterno conseguimos fugir ao perigo de cair na esfera do subjetivismo ético, que torna impossível a existência da

[46]Cf. Ferdinand Tönnies, *Community and Civil Society*. (Cambrigde: Cambrigde University, 2001), 33.
[47] Cf. José Tolentino Mendonça, *O que é amar um país. O poder da esperança*. (Lisboa: Quetzal Editores, 2020), 19-20.
[48] Cf. Paula Pereira, *Amor e conhecimento. Reflexões em torno da razão pedagógica*, 89.

comunidade e a formação de uma consciência comum. É este entendimento que nos leva a aproximar o significado do conceito comunidade ao conceito bíblico de Fraternidade.

2.1.2. A noção de Fraternidade

Do atrás exposto compreendemos que na comunidade os indivíduos se mantêm próximos devido a uma relação de grupo, caraterizada por um vínculo subjetivo e consubstanciadas por algo em comum. A fraternidade vai além deste entendimento, na medida em que amplia o sentido de comunidade para o de humanidade, levando os indivíduos a empreender atitudes concretas não só para com os que lhes estão próximos, mas sim para com todos quantos se cruzam. Contudo, encontramos na comunidade as primeiras manifestações de fraternidade.

Frequentemente, na contemporaneidade laica, vemos o conceito de Fraternidade, associada aos ideais da Revolução Francesa. Outras vezes, vemos este conceito comumente ligado ao amor experimentado pelos irmãos. Contudo, é na sua raiz cristã que surge a dimensão prática da Fraternidade, amplamente ligada aos conceitos de hospitalidade e solidariedade. A noção de Fraternidade, no nosso entender, não deve ser dissociada do seu contexto cristão, que lhe confere um sentido muito mais amplo e profundo e que por isso muito nos interessa desenvolver a partir daqui.

A Fraternidade, enquanto conceito de cariz judaico-cristão, aproxima-se analogicamente da experiência de família e até de alguma consanguinidade: formam uma Fraternidade os "irmãos" (*fratres*), filhos de um mesmo pai e mãe, não falamos, portanto, de um valor opcional, mas sim de um valor que está no cerne do cristianismo e de todos os seus ensinamentos. Uma leitura atenta de algumas passagens bíblicas situa, porém, a noção de Fraternidade no entendimento de um sentimento de bondade e empatia, que transcende os laços sanguíneos e, consequentemente, as relações familiares. Na descoberta do Pai, descobrimos os irmãos, tal como a descoberta da Trindade (*communio*) experimentamos a vivência da comunhão e comunidade (*communicatio*). Jesus Cristo fez-se nosso irmão, justamente, para nos ensinar a viver como tal: «Todos vós sois irmãos», ensina Jesus (Mt 23, 8).

No Antigo Testamento vemos a ideia de Fraternidade muito ligada à de hospitalidade, num apelo efetivo para que o povo de Israel aja para com o estrangeiro da mesma forma que Deus agiu para com eles no Egito: acolhendo-os e tendo deles misericórdia. Encontramos este apelo expresso em Jó 31, 32: «o estrangeiro não pernoitava na rua, pois as minhas portas sempre

estiveram abertas ao viajante». Ter as portas abertas significava providenciar ao estrangeiro descanso, lavar-lhe os pés, dar-lhe alimento farto (Cf. Gn 18,4-7); tratá-lo como um servo trata seu senhor (Gn 18,8) e, por fim, proteger-lhe a vida a qualquer custo (Jz 19, 15-24). Neste sentido o texto de Lv 19, 33-34 pode ser lido não apenas como ordem de «amar o estrangeiro como a si», mas como mandato de amar os inimigos como a si mesmo. Algo para que, recentemente, o Papa Francisco apela na Encíclica *Fratelli Tutti*, recorrendo às mesmas passagens Bíblicas. Porém, o Santo Padre vai ainda mais longe e afirma que «Deus ama e vê todos nós com o seu coração. E talvez isso seja o único elo comum que une os homens, o elo do amor de Deus» (FT, 85). A propósito da narrativa do Génesis o Cardeal José Tolentino Mendonça diz-nos que: «a linguagem do poema do Génesis torna-se repentinamente mais solene quando fala do ser humano. Em vez do «Faça-se», Deus disse «Façamos...», recorrendo a um plural misterioso. «Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança...» (Gn 1, 26)[49]. Esta utilização do plural deixa antever também implicações para o entendimento da Fraternidade, optar pelo plural, neste caso, relembra-nos mais uma vez a importância de nos entendermos segundo a mesma natureza, algo que nos liga constantemente e para todo o sempre.

Ainda no Antigo Testamento, encontramos no livro do *Génesis* uma passagem com a estrutura de um mito de origem[50], que como tal pretende explicar algo de bom ou de menos bom, fazendo remontar esse acontecimento a um ato divino criador posto antes ou acima da história humana, neste caso para que se perceba o quão difícil é ser irmão, falamos da narrativa de Caim e Abel.

A história de Caim e Abel surge no seguimento da história de Adão e Eva e marcada por pontos comuns. Ambas se reportam a uma transgressão que termina numa maldição/expulsão, com funções particulares em cada uma. Há uma clara ligação entre o versículo 8 do capítulo 3 «onde estás?» (Gn, 3,8), correspondente ao versículo 9 do capítulo 4 «onde está o teu irmão?» (Gn, 4, 9). Inicialmente, o relato descreve uma situação harmoniosa que sugere que todos os seres humanos partilham a condição de irmãos, filhos do mesmo Pai Criador, ou pelo menos, que a humanidade assenta na base da Fraternidade. Logo de seguida, a história encaminha-se desfazendo as relações fraternais em que também se joga a perceção do ser pessoa e a relação eu-tu, colocando assim a prova a resistência desta relação entre irmãos.

[49] Cf. José Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e não crentes*. (Águeda: Paulinas Editora, 2011), 90.

[50] Ainda no âmbito dos mitos de origem, e a este propósito, podemos lembrar, a título de exemplo, o mito de origem do Japão que conta a história entre a deusa sol e o seu irmão Deus da tempestade Susanowo.

A relação entre irmãos supunha que estes se guardassem mutuamente («sou porventura guardião do meu irmão?»), por isso Deus questiona quem «onde está o teu irmão?». A resposta de quem «não sei» desvela desconhecimento no alcance desta relação fraterna e, consequentemente, a sua ausência. O fratricídio que põe fim à vida de Abel sugere assim a reflexão sobre o que atenta contra as relações fraternas entre humanos, tornando claro as consequências da ausência deste ideal na base das relações[51]. Nos dias que correm, já não estamos tão atentos ao mundo em que vivemos, não somos capazes de cuidar uns dos outros, nem de guardarmos aquilo que Deus criou para todos nós[52]. Daqui podemos também compreender as consequências da falta do entendimento e da experiência efetiva da vivência em comunidade, nos moldes em que foi descrita no ponto um.

A história trágica destes dois irmãos é prova de que não basta ter o mesmo pai para sermos irmãos ou garantirmos o ideal da Fraternidade. A par da Fraternidade do sangue, ou natural, existe a Fraternidade a construir, que depende do que cada irmão faz ou não, seja por ela, seja contra ela. Esta história mostra-nos o quão difícil é amar os irmãos, contudo é com este amor fraterno que sonhamos e propomos para o alcance de um mundo ideal, onde reina a paz e o bem comum entre os humanos. É esta dificuldade que a Bíblia nos mostra. Não o cronologicamente factual ou originário, mas o factual, o humanamente primordial. Vejamos que mesmo as relações mais sagradas estão marcadas pela desordem, desde o princípio, depois do pecado cometido por Adão, esta «guerra de irmãos» simboliza o pior do ser humano, enquanto aniquilador de si próprio. É relatada como uma guerra simbólica, mas extrema, que marca os limites do ser humano e de qualquer humanismo.

Quando olhamos para o Novo Testamento vemos que é Jesus o responsável por clarificar e ampliar a visão daquele que deve ser o entendimento do amor fraternal, pois, foi ele quem esclareceu que o amor fraternal não deve estar ou ser reservado apenas a familiares ou a alguém naturalmente próximo, mas a um sentimento maior que devemos colocar ao dispor até daqueles que desconhecemos ou que não são nossos amigos. O amor fraternal é, portanto, aquele que caracteriza o relacionamento dos verdadeiros cristãos, que através da sua verdadeira união a Cristo são recebidos e integrados na família de Deus.

Este ensinamento é expresso, por exemplo, na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,27-37). É ainda expresso no Sermão da Montanha, onde Jesus esclarece a interpretação do mandamento referente ao amor ao próximo, que ensina que devemos amar o próximo como a

[51] Cf. Armindo Vaz, «Caim e Abel: mito e mensagem », Revista Bíblica 375 (2018): 18-21.
[52] Cf. Papa Francisco. Proteger a Criação. Reflexões sobre o estado do mundo. (Braga : Sol nascente, 2016), 23.

nós mesmos (Cf. Mt 5: 43-44; Lv 19,18). Jesus foi ainda mais longe e assumiu ele próprio ser também irmão daqueles que o seguiam, explicando que também eles eram, igualmente, irmãos uns dos outros. É no assumir desta ligação que vemos a forma clara como Jesus aponta para aquela que deve ser a realidade da fé cristã e a forma como devemos olhar e agir para com o próximo (Jo 13:34; 15:12,17).

Jesus veio responder à questão colocada a Adão («Onde estás?») que deixa a descoberto o vazio da Fraternidade que começa quando não sabemos dos nossos irmãos, mostrando que a Fraternidade é cada vez mais um vazio doloroso de preencher, reflete ausência, indiferença, solidão, a falta de uma voz que responde. Ao ser questionado pelos doutores da lei sobre o alcance da vida eterna «Que fazer para possuir a vida eterna?», responde-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lês?» O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo». Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás» (Cf. FT 56). No Evangelho de João, Jesus esclarece ainda «Se alguém afirmar: «Eu amo a Deus», mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4,20).

Se olharmos com cuidado e procurarmos refletir sobre as palavras e as ações de Jesus, vemos que a sua primeira intenção é a de sublinhar sempre a igual dignidade de todos os seres humanos, enquanto filhos do mesmo Pai celestial (Cf. Mt 5, 45). Posteriormente, a sua intenção é de propor uma nova definição daquilo que entendemos por irmandade, não é negada a irmandade baseada na consanguinidade, contudo, Jesus procura instaurar uma nova Fraternidade que nasça a partir do espírito (Cf. Jo 3,1-7), pois para ele, só assim nos reconheceremos como verdadeiros filhos de Deus. Na Encíclica *Laudato Si,* o Papa Francisco, recorda-nos esta filiação comum, que nos torna a todos irmãos (Cf. LS, 228).

Tal como acontecia no Antigo Testamento também no Novo Testamento somos lembrados do quão difícil é por vezes amar os irmãos, recordemos a propósito a parábola do Filho Pródigo. Ao perdoar o filho mais novo e ao preparar aparatosamente uma receção em sua honra, o pai desperta sentimentos de injustiça e revolta no filho mais velho que afirma ter sempre trabalhado e feito tudo para agradar o pai sem receber nada em troca (Lc 15, 29-30). Esta parábola aparece no evangelho de Lucas, na sequência de duas outras mais curtas: a parábola da ovelha perdida e a parábola da dracma perdida. A partir delas, Jesus chama a atenção para o amor e para a Graça de Deus, ao procurar e perdoar aquele que peca e se encontra perdido. Esta parábola relembra-nos que Deus é pai de filhos todos eles diferentes (humanidade), mas que a todos eles ampara, cuida, dá segurança e acompanha.

Mantendo-nos ainda naquele que é o contexto da Sagrada Escritura, e procurando referências concretas do seu entendimento, podemos ainda acrescentar que, por exemplo, São Paulo, com frequência, se dirigia para quem falava designando-os de «meus irmãos caríssimos», e fazia-o para designar toda uma comunidade (Fl 4,1; Tg 1,16. 19; 2,5). Confirmamos este princípio sustentados na passagem Rm 8, 29, onde se lê «àqueles que conheceu, também os predestinou a ser conforme à imagem do Filho, para ser o primeiro nascido de uma multidão de irmãos».

Nas cartas de Pedro (ano 64) aparece pela primeira vez o termo «Fraternidade», expresso para designar a própria Igreja[53]: *adelphotès ἀδελφότης*. Nestas cartas encontramos também o termo *philadelphia* associado à designação do amor entre irmãos. Vejamos que, o primeiro nome dado à Igreja foi justamente o de *Fraternitas* (1Pd 1,2,17)[54].

A partir do século IV, vemos uma tendência crescente para ver a noção de *fraternitas* especialmente associado à comunidade monástica (Regra(s) de S. Basílio[55]). Contudo, nunca deixou de se aplicar também à Igreja. O próprio S. Basílio emprega o termo muitas vezes com esse sentido [Igreja]. Entretanto, a partir de meados do século V esta forma de nomear a Igreja deixa de ser tão comum e só volta a aparecer a partir do século VIII.

Face ao acima exposto, pretendemos apontar uma conclusão importante: a de que a um cristão é possível demonstrar o amor fraternal não porque este tem como fonte primária o próprio crente, mas sim Deus, segundo Jesus Cristo (Cf. Rm 15,5). Ou seja, é unidos a Jesus Cristo que nos tornamos filhos do mesmo Pai e, por isso, irmãos. Esta experiência de amor fraternal é aquela que deve ser experimentada no contexto das comunidades, neste caso daquelas que se unem em nome de Jesus Cristo. Isto leva-nos à conclusão de que quando falamos de Fraternidade cristã, falamos de um valor que assenta num alicerce trinitário e cristológico, isto é, pelo poder do Espírito Santo, Deus Pai faz de nós filhos no Filho[56]. Tal, significa que, perante Deus Pai, todos nós temos a mesma dignidade e todos nós somos chamados a participar num único projeto de amor. No projeto de Fraternidade, no qual é

[53] Cf. Michel Dujarier, L*'Église-fraternité, I. Les origines de l'expression « adelphotès-fraternitas » aux trois premiers siècles du christianisme*. (Paris, Ed. du Cerf, 1991).
[54] Cf. Michel DUJARIER, *L'Église fraternité en Chist notre frère*. Em *Les Pères et la naissance de l'ecclésiologie*, A.-M. VANNIER (Paris, 2009), 22-25.
[55] Para São Basílio, o cristão tem apenas uma regra: a Sagrada Escritura, contudo a explicação das escrituras que dava àqueles que desejavam viver uma vida verdadeiramente ascética foram entendidas como regras sobretudo para as comunidades monásticas. Na visão do próprio, ele não era um mestre, apenas um instrumento dado por Deus para explicar as Escrituras. Estas regras explicam os Mandamentos de Deus e sua ordem e advertem contra as ilusões e os assuntos deste mundo que são um grande obstáculo para a vida cristã e ascética.
[56] Cf. «Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus». Gl 3, 28.

verdadeiro arquiteto o Espírito Santo, somos levados e convidados a assumir os mesmos sentimentos que assumiu Jesus Cristo.

> «Para nós, este manancial de dignidade humana e Fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, «para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos» (FT, 277).

Ao abraçar a Fraternidade, o crente, fá-lo porque experimentou, em Cristo, que somos todos filhos do mesmo Pai, por meio do Espírito Santo e não porque reconhece pertencer à mesma espécie, à qual se une por interesses comuns, que nos fazem depender uns dos outros. Assim, torna-se também objetivo deste trabalho mostrar que não é só no âmbito das comunidades cristãs que devemos experimentar este amor Fraternidade, mas sim no seio de todas as outras. Para tal, devemos assumir este princípio como aquele que permite unificar uma comunidade e promover uma experiência de vida que assuma as caraterísticas de segurança, pertença, acolhimento, identificação e edificação enquanto pessoa, tendo em conta os outros.

A este respeito, Ropelato refere que a Fraternidade pode ser entendida como «princípio de construção social que aceita o dinamismo da composição dos interesses, garante as diversas identidades pessoais, que não desvaloriza, mas antecede e fundamenta com base na afirmação de uma identidade coletiva comum»[57]. Se assim a entendermos, podemos sugerir que o seu sustento assenta no sentimento de pertença a uma comunidade, onde os indivíduos reforçam as relações de reciprocidade face ao que vivem e experimentam em conjunto na procura da Fraternidade Universal que tanto se pretende alcançar e para o qual os apelos são constantes.

Se olharmos para a Declaração Universal dos Direitos Humanos, vemos apenas no primeiro artigo a referência expressa à Fraternidade, contudo, ao avançar com a leitura dos restantes artigos, compreendemos que estes a assumem como pano de fundo, pois só assim encontram sentido e significado. Por outras palavras, é no assumir da dignidade comum partilhada por todos os seres humanos que a Declaração encontra a base que fundamenta todos os outros. Centremo-nos no exemplo de uma parte do artigo vigésimo nono: «o indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade». Quer isto dizer que é no sentimento de pertença social, na comunidade, assente na Fraternidade que cada um encontra o lugar de exercício da sua plena liberdade e expressão das suas verdadeiras capacidades. Parece-nos lícito, por isto afirmar que a Fraternidade é o valor fundamental que permite aos seres humanos serem diferentes, ao mesmo

[57] Cf. Daniela Ropelato, «Notas sobre participação e Fraternidade». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Antonio Maria (Org.). BAGGIO (Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008), 106.

tempo que iguais em dignidade, pois dá a cada um a possibilidade de comunicar o seu projeto de vida e, consequentemente, o realizar. Não esquecendo que na visão judaico-cristã, as vidas humanas se encontram interligadas e vinculadas pela corresponsabilidade. Cabe, assim, a cada ser humano cuidar do outro, porque o reconhece como seu semelhante, diferente e, sobretudo, irmão[58]. Ao cuidar do outro e ao sentir-se responsável por ele o ser humano fortifica e realça a sua vivência em comunidade de forma mais coesa e unificada.

Atualmente, este apelo para que alcancemos esta unidade enquanto uma só humanidade, despojando-nos do individualismo que tem marcado as últimas décadas, surge nos discursos do Papa Francisco e consequentes publicações feitas por este. Aprofundemos estes apelos nas páginas seguintes, sobretudo ao nível da *Fratelli Tutti*.

2.2. *Fratelli Tutti:* o apelo à Fraternidade

«Sem uma abertura ao Pai de todos,
não pode haver razões sólidas
e estáveis para o apelo à Fraternidade».
Fratelli Tutti, 272

É nesta verdade que vemos fundamentada a noção de Fraternidade que o Papa Francisco evoca ao longo da encíclica *Fratelli Tutti*. Apresentando a passagem do Levítico e recordando a parábola do Bom Samaritano, o Santo Padre faz uma forte convite no sentido de, cada vez mais, a humanidade compreender que temos de superar preconceitos e barreiras históricas e culturais no sentido de alcançarmos a unidade enquanto povo de Deus. Entenda-se aqui o verdadeiro sentido de comunidade que desenvolvemos nas páginas anteriores.

Inspirando-se em S. Francisco de Assis que o acompanha desde o início do seu Pontificado, o Bispo de Roma propõe ao mundo não apenas uma nova visão da humanidade, mas um novo paradigma de relações sociais, a partir do conceito cristão de Fraternidade. A encíclica *Fratelli Tutti* é, de facto, um convite claro a toda a humanidade, crente ou não, a percorrer o caminho da «Fraternidade e amizade social». Fraternidade que só se pode basear num amor sem fronteiras, capaz de construir uma irmandade universal apta a derrubar muros e transpor todo o tipo de fronteiras.

A título de curiosidade lembremos a primeira entrevista que o Papa Francisco deu aos jornalistas onde esclarece a razão pela qual escolheu este nome e recorda Francisco de Assis,

[58] Cf. José Marí Olaizola, *En tierra de todos*. (Espanha: SalTerrae: 2020), 212.

aquele que para ele é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação. Lembra ainda que, numa época, em que a sede pela riqueza e o poder reinava o coração da Igreja, Francisco de Assis demonstrou que o serviço da Igreja é servir a humanidade.

Foi também em São Francisco de Assis que o Papa Francisco se inspirou para escrever a Encíclica *Laudato Si,* e fê-lo para propor à humanidade uma coexistência alicerçada na Fraternidade e na amizade social, descortinando as suas implicações e os seus desafios para todos os setores da sociedade, especialmente, às lideranças religiosas e políticas, e a todas as comunidades do mundo. Nesta Encíclica, o Papa Francisco afirmava já que a educação se assumirá ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza.

Anteriormente, o Papa Bento XVI, também inspirado na pessoa de São Francisco de Assis, no capítulo 3 da encíclica *Caritas in Veritate,* tinha preferido falar do princípio de «Fraternidade» no lugar de «solidariedade». Nas palavras deste, o «outro» não pode ser visto como mais um indivíduo entre muitos, mas um irmão que eu aprecio na sua singularidade. O Papa Francisco reitera afirmando que:

> a Fraternidade «constitui o complemento e ao mesmo tempo a exaltação do princípio de solidariedade. Com efeito, enquanto a solidariedade é o princípio de planificação social que permite aos desiguais tornar-se iguais, a Fraternidade é o princípio que permite aos iguais ser pessoas diferentes. A Fraternidade consente que pessoas que são iguais na sua essência, dignidade, liberdade e direitos fundamentais, participem diversamente no bem comum» (CV, 641-709).

Nas suas Encíclicas o Papa Francisco desenvolve o tema da Fraternidade integrando perspetivas complementares. A partir delas, esclarece que a irmandade humana apresentada na *Fratelli Tutti* é parte integrante da irmandade cósmica apresentada na *Laudato Si*.[59]Estas duas Encíclicas fazem um convite claro aos leitores de procurarem ouvir «tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres» (Cf. FT, 38). Nelas apela a que recordemos São Francisco de Assis, que «se sentia irmão do sol, do mar e do vento»[60], mas «sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne» (FT, 2), o Pontífice lembra que «foi o testemunho evangélico de São Francisco, com a sua escola de pensamento, que atribuiu a este termo [Fraternidade] o significado que sucessivamente se conservou ao longo dos séculos». [61] Além do mais, em São

[59] Cf. Martín Núnez, «A fraternidade na encíclica *Fratelli tutti.* Raízes Franciscanas», *Eborensia* 55 (2021): 199-220. https://antonianumroma.org/public/pua/bibliografia/3pgs_Eborensia_Fraternity-FT.pdf
[60] Núnez, «A fraternidade na encíclica *Fratelli tutti.* Raízes Franciscanas».
[61] Cf. Papa Francisco, *Fraternidade: princípio regular da ordem económica*. Mensagem por ocasião da assembleia plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais» (24 de abril, 2017). Acedido a 2 de setembro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/april/documents/20220429-plenaria-scienze-sociali.html

Francisco o Papa encontra o modo adequado para lidar com a natureza, que não se reduz à racionalidade tecnicista, cientificista e económica, mas sim a um gesto de admiração e encanto.

Na verdade, não é nas palavras de São Francisco que encontramos a definição para o conceito de Fraternidade, pois ele não nos deixou propriamente uma definição deste conceito que, aliás usa poucas vezes. Todavia deu prioridade às relações fraternas sobre os aspetos institucionais da sua forma de vida[62] e que nos permitem aceder ao entendimento do conceito. A este respeito, para Núñes a perspetiva de Francisco de Assis e a *Fratteli Tutti* oferecem uma visão trinitária e cristológica do conceito de Fraternidade, superando assim a forma habitual de o compreender na nossa sociedade. A encíclica defende claramente que a amizade social é essencial para alcançar uma vida comunitária «sadia e aberta».

Frequentemente, o Santo Pontífice convida os seres humanos a fazerem «renascer, entre todos, um anseio mundial de Fraternidade» (FT, 8), para que, juntos, possamos caminhar rumo a «um futuro modelado pela interdependência e a corresponsabilidade na família humana» (FT 127). Este convite não surge ligado a um manual de instruções previamente detalhadas e prontas a seguir, mas sim como um apelo para que todos nós iniciemos processos e assumamos valores e atitudes que envidem a orientar o esforço comum. Neste sentido, a Fraternidade passa a ser entendida como um processo básico na cura das relações humanas a todos os níveis: interpessoal, público, internacional, cósmico.

Entendamos, face ao exposto, que a novidade promovida pela *Fratelli Tutti* reside assim no facto de esta não reduzir a Fraternidade a uma teoria social, como propunham os Estoicos e o Iluminismo, mas apresenta-la ligada a uma visão transcendente. Joseph Ratzinger já tinha assumido que a Fraternidade cristã difere claramente da ideia de uma Fraternidade fechada e elitista, reservada aos iniciados, que encontramos, por exemplo, na Maçonaria liberal[63].

Para o Papa Francisco este entendimento gera desafios a nível educativo. A este propósito, o padre Antonio Spadaro, na última edição da revista dos jesuítas *Civiltà Cattolica*[64], que tem como título «Sete pilares da educação segundo Jorge Mario Bergoglio», escreve sobre o pensamento e atitudes pedagógicas do Santo Padre, na altura em que este vivia como pastor e bispo em Buenos Aires. Neste artigo, Spadaro regista sete princípios ligados à ação do Papa, a saber: educar é integrar; acolher e respeitar as diversidades; enfrentar a mudança

[62] Cf. Fernando Uribe, «La fraternidad en la forma de vida propuesta por Francisco de Asís», *Selecciones de Franciscanismo* 32 (2003): 236-249.
[63] Cf. Joseph Ratzinger, La fraternità Cristiana, *Giornale di teologia* 311(2005): 26.
[64] Cf. António Spadaro, «Sette pilastri dell'educazione secondo J. M. Bergoglio», La Civiltà Cattolica 4037, III (2018): 343-357.

antropológica; a importância da inquietação como motor educativo; a pedagogia da pergunta; conhecer os próprios limites; viver uma fecundidade generativa e familiar.

A par destes sete pontos, o diretor da Civiltà Cattolica regista também uma expressão que, para ele, sintetiza o desafio colocado aos educadores: «educar deve ser uma das artes mais apaixonantes da existência e requer incessantemente que se ampliem horizontes». No nosso entender, acresce ainda a necessidade de, quer no processo de ensino, quer na vivência em comunidade, empreendermos um novo olhar sobre o outro. Só desta forma poderemos começar a dar resposta aos desafios colocados pelo Santo Padre e alcançar o verdadeiro propósito de constituirmos todos juntos, uma grande família humana.

Vejamos no ponto seguinte, com mais detalhe, as caraterísticas desta Fraternidade Franciscana que continua a ser fonte de inspiração para todos aqueles que sonham com a Fraternidade universal, e que uma vez respeitada pode efetivamente assumir-se como pedra angular de uma nova ordem social.

2.3. A Fraternidade segundo São Francisco de Assis

Comecemos por referir que a palavra *fraternitas* foi a escolhida por Francisco de Assis para designar a sua ordem e usa-a, sobretudo, nos documentos normativos, referindo-se à Ordem dos Irmãos Menores (Ordo fratrum minorum (1Re 8; 8,1; 9,2; 12,3; 2Re 5,4; 18,2; 19,2; Testamento, 27; 33). Ao escolher esta designação, preferindo-a claramente ao termo *communitas*, dantes empregada para designar as relações intracomunitárias no seio da vida monástica. A sua intenção, ao fazê-lo, era a de que os "irmãos menores" não se regessem pelo regime da *comunitas medieval* (*cor unum et anima una*), mas sim pela *fraternitas evangélica*. Ainda que, o ideal monástico da «comunidade» também se inspire no Evangelho e no modelo da primitiva comunidade apostólica (Act 4, 35), para São Francisco era importante propor e seguir um caminho diferente, colocando ênfase não na coletividade, mas em cada irmão, e na sua particularidade, fazendo do amor recíproco entre todos a "regra" de ouro da Fraternidade.

Antes demais, deixemos claro que, São Francisco de Assis compreendeu a Fraternidade numa visão muito ligada à fé, visão esta decorrente do seu processo de conversão, que reconhece como dom divino cedido de forma quase imerecido. Reconhece também como dom os irmãos que o seguem na sua jornada, acolhendo neste grupo qualquer pessoa que se revele

«fiel e devoto», capaz de «obter de Deus grandes graças»[65], fazendo da vida fraterna o seu maior e real objetivo, e deixando assim, nesta esfera um exemplo de vida valioso.

Para São Francisco a fé em Deus era e é o que nos leva a amar o outro como parte de nós mesmos, a sentirmo-nos mutuamente responsáveis e a cuidar juntos da nossa casa comum. Para ele a Fraternidade humana estende-se a todas as criaturas, porque «tudo está relacionado». Nesta perspetiva, devemos passar de uma visão utilitária para uma visão contemplativa, capaz de admirar o mistério do Outro, dos outros e da criação, pois, no seu entender, as criaturas são também nossas irmãs. Esta Fraternidade plena estará completa no final da nossa peregrinação, quando «Deus seja tudo em todos» (1Cor 15,28).

A propósito do que é ser irmão, Isidro Lamelas enumera um conjunto de características daquelas que, no seu entender são as características da Fraternidade franciscana, as mesmas que inspiraram o Papa Francisco na escrita das Encíclicas acima mencionadas. Debrucemo-nos-emos, a partir daqui, sobre elas explicando-as do ponto de vista do referido autor[66].

Um olhar atento sobre as palavras, mas sobretudo sobre as suas ações de São Francisco permite-nos verificar que a primeira caraterística que este propõe é a igualdade. A intenção do santo de Assis não era apenas criar mais uma Ordem, mas sim uma Ordem composta de irmãos, respeitando assim a vontade de Deus. Falamos, portanto, de uma Fraternidade de iguais, onde «ninguém se chamasse prior, mas que todos sem exceção se chamassem irmãos menores» (Re 6,3).

Deixemos claro que para ele, irmão menor era

> «Aquele que tiver a vida e as qualidades destes santos frades: a fé de Frei Bernardo, a simplicidade e a pureza de Frei Leão, a cortesia de Frei Ângelo, o aspeto gracioso e o senso natural com a fala bonita e devota de Frei Masseu, a mente elevada em contemplação que Frei Egídio, a virtuosa e constante oração de Frei Rufino, a paciência de Frei Junípero, o vigor corporal e espiritual de Frei João das Laudes, a caridade de Frei Rogério e a solicitude de Frei Lúcido» (*Espelho da Perfeição*, 85).

Não quer isto dizer que São Francisco pretendia alcançar uma Ordem perfeita, mas sim uma Ordem capaz de incluir as diferenças, exaltar a originalidade e as qualidades de cada um, sendo que é desta inclusão que resulta a «Fraternidade verdadeira» e a real convivência em comunidade. Em bom rigor era este o entendimento da proposta de São Francisco: sem anular

---

[65] Cf. Francisco de Assis, «Legenda dos três companheiros», Acedido a 10 de outubro de 2022, https://www.capuchinhosrs.org.br/cboeste/franciscanismo/fontes-biograficas/legenda-dos-tres-companheiros/legenda-dos-tres-companheiros

[66] Cf. Província Portuguesa da Ordem Franciscana, «O que é ser irmão? Ou a Fraternidade de Francisco de Assis», Acedido a 10 de outubro de 2022, https://ofm.org.pt/noticias/o-que-e-ser-irmao-ou-a-fraternidade-de-francisco-de-assis/

as diferenças de cada pessoa, considerar todos da mesma forma, pela igual dignidade da sua igual condição de irmãos. Esclareçamos, a partir daqui que, esta igualdade não reside apenas na igualdade como fim, mas no total respeito pela diferença e unicidade de cada irmão. Iguais, enquanto filhos de Deus e irmãos de todos, mas diferentes porque assim escolhidos e chamados por Deus.

No tempo em que funda a sua Ordem a sociedade estava hierarquicamente estratificada e as diferenças entre os «maiores» e os «menores» eram abissais e intransponíveis. É neste contexto que apela aos seus irmãos para que «sejam menores!». Vejamos que a missão a que Francisco se propunha contemplava a promoção de uma forte mudança social a partir do Evangelho, sustentada na descoberta do Pai, Pai de todos os homens, consequentemente todos irmãos. A intenção deste era a de que ao se assumirem todos como «irmãos menores» todos se reconhecessem efetivamente como filhos do mesmo Pai, irmãos de Cristo, sem distinção hierárquica ou diferenciação de *status*. Destas relações, resultariam atitudes de confiança e dependência, o espírito de infância, o encanto e gratidão, a ternura e cortesia, a generosidade sem limite, a felicidade do coração, a alegria de viver para narrar e cantar as obras do Pai. Tudo isto constitui a pobreza franciscana, que não consiste só na escassez de bens materiais, mas no conjunto destas virtudes. Por isso, ela é fonte de alegria genuína (*Exort*. 21,1).

O amor de São Francisco provinha de Cristo[67] e esse amor permitia-lhe estabelecer relações próximas com todos aqueles com quem se cruzava, encorajavando-o a ir mais longe, atravessando fronteiras, derrubando muros e vencendo preconceitos. O amor de Deus é a palavra chave de tudo o que em Francisco parece grandioso. Assim pra Francisco, por ser proveniente de Deus, o amor verdadeiro só pode ser universal e aberto a todos (FT 6).

Outra caraterística fundamental da Fraternidade «franciscana» é a reciprocidade. Ao falar das relações entre os irmãos São Francisco usa frequentemente expressões como: entre si (*inter se*), mutuamente (*invicem*), reciprocamente (*vicitudinaliter*), uns aos outros (*inter se; inter alterius*). Toda a vida fraterna se deve reger pelo mandamento da caridade que, por natureza, apela à reciprocidade: amar uns aos outros como eu vos amei (Jo 15,12). A Fraternidade é uma reciprocidade, onde cada um, antes de estar em função do todo, existe e vale por si nas relações recíprocas de cada um relativamente aos outros: *altar alterius*. Não admira, por isso, que Francisco nunca fale da Fraternidade como universal abstrato, mas sempre de irmãos concretos que se encontram e convivvem entre si, na lógica do dom. Só

[67] Cf. Província Portuguesa da Ordem Franciscana, «O que é ser irmão? Ou a Fraternidade de Francisco de Assis», Acedido a 10 de outubro de 2022.

mediante o reconhecimento individual é que podemos viver inseridos em comunidades saudáveis, que se respeitam, que se entreajudam e que se dignificam entre si.

A reciprocidade fraterna aplica-se também ao "voto" da obediência. Na Fraternidade franciscana não há superiores e súbditos, mas irmãos que se obedecem reciprocamente à imitação de Cristo: «Nenhum dos irmãos faça mal ao outro, ou do outro diga mal. Antes, com caridade de espírito, de boamente sirvam e obedeçam uns aos outros. Que esta é a verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo» (1Re 5,13). Como tal, para Francisco, a verdadeira obediência era compreendida como comunhão de amor que leva a «dar a vida pelos irmãos»: «Quem antes quer sofrer perseguições, que abandonar o convívio dos irmãos, esse vive verdadeiramente em perfeita obediência, porque dá a sua vida pelos seus irmãos (Jo 15, 13)» (Exort. III,9) Cf. 1Jo 13,16.

Outro princípio basilar, segundo S. Francisco, é a subsidiariedade, baseada na confiança e no compromisso mútuo. Sendo uma Fraternidade de irmãos "pobres" e "menores" por opção, todos os irmãos necessitam uns dos outros. Por isso, lembra constantemente Francisco que «os irmãos devem manifestar confiadamente uns aos outros suas necessidades, para que lhe procurem e lhe tragam o que for necessário» (1Re 9,16). Viver a Fraternidade é, portanto, assumir a não auto-suficiência, e um ato de fé e confiança nos irmãos, tal como proposto no entendimento de comunidade fundamentado no ponto um. Exteriorizar perante os irmãos as próprias «necessidades» constitui a expressão mais autêntica da condição mendicante que é própria de todo o homem que se sabe incompleto, imperfeito e peregrino da plenitude, escreve Isidro Lamelas[68].

A par da subsidiariedade está a oblatividade, que se traduz no ato de dar e receber. Do primeiro caso entenda-se a óbvia partilha de bens materiais, não sendo porém esta partilha a mais importante, pois nem sempre o dar coisas significa «dar-se» e partilhar a vida. Por isso, é do segundo caso, da partilha do dom de si que se alcança e constrói a verdadeira comunhão fraterna. É este dar e receber que garantem que os membros da Fraternidade, sejam realmente pedras vivas na edificação desta casa em constante (re)construção.

Encontramos na misericórdia outra das caraterísticas da Fraternidade Franciscana. São Francisco, conhecendo bem a realidade humana, sabia que a fragilidade do ser humano constitui um entrave à comunhão, o que leva à procura do caminho mais fácil: o do julgamento e da rejeição do outro. Como forma de reparação deste grande mal, Francisco propõe mais uma

[68] Cf. Província Portuguesa da Ordem Franciscana, «O que é ser irmão? Ou a Fraternidade de Francisco de Assis», Acedido a 10 de outubro de 2022.

vez a procura da solução no Evangelho: «E façam entre si como ensina o Senhor: tudo o que querem que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles (Cf. Mt 7,12) e o que não queres que te façam, não o faças aos outros» (1Re 4,4-5). A partir daqui fiquemos com mais uma das grandes notas a reter em relação à fonte de inspiração da Fraternidade franciscana: todas as respostas provém do Evangelho.

Por último, encontramos na alegria outra das carterísticas da Fraternidade franciscana, alegria esta também proveniente do Evangelho: «Tu és gozo e alegria» (LD 4). É na verdade na possibilidade de escuta e partilha das «palavras e obras» do Senhor, que São Francisco encontra verdadeiros motivos de alegria: «Bem-aventurado o irmão que não sente satisfação e alegria se não nas santíssimas palavras e obras do Senhor e com elas leva, com gozo e alegria, os homens ao amor de Deus» (Salmos, 1, 1-4). Neste sentido, pobreza ou outra forma de ascesse sem alegria não fazem sentido na vida franciscana.

Uma vez cientes destas características que dão forma àquela que foi a Fraternidade de São Francisco de Assis, para aquela a que, frequentemente, somos chamados a fazer por cumprir, e a dar a conhecer aos mais novos, que procuram estabelecer relações de igual para igual, na procura do respeito pelos seus direitos, rumo a algo maior, que podemos traduzir no princípio do bem comum, parece-nos lícito afirmar que estabelecer relações individuais e de grupo, que assentem nestas características, permitirão ao mundo encaminhar-se para o alcance daquela que é a Fraternidade universal. Quando tal meta for devidamente alcançada e fizer parte das comunidades do nosso mundo poderemos, com certeza, falar de uma nova ordem social muito mais rica, muito mais capaz, muito mais respeitadora/integradora, muito mais feliz, muito mais unificada enquanto uma só humanidade.

2.4. Fraternidade universal

Na *Fratelli Tutti* vemos a Fraternidade desenvolvida como amizade social, envolta no sonho de alcançarmos uma só humanidade. Apela o Papa Francisco: «Sonhemos como uma única Humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos. Não nos achemos melhores do que os outros, antes responsáveis pelos outros». Segundo o Compêndio da Doutrina Social da Igreja[69], citado pelo

[69] Cf. João Paulo II. «Compêndio da Doutrina Social da Igreja». Acedido a 21 de outubro de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html

Papa, o amor social corresponde a uma «força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, desde o interior, estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos». Deste modo, constituir-se-à como boa política aquela que promover a construção da comunhão entre humanidade, contribuindo para o desenvolvimento de projetos comuns, diferente daquela que tem vigorado, assente numa competitividade que afeta negativamente as relações e a convivência entre os individuos.

Podemos traduzir este amor social num conjunto de atos de caridade que sustentam instituições mais sólidas e solidárias, a ponto de garantir que doravante não se encontre o próximo numa situação de miséria. Para tal, é necessário fomentar nas comunidades a cultura do diálogo, da reconciliação e da paz, e motivá-las para agir em prol do bem comum e dos mais desfavorecidos, e ainda na proteção da nossa casa comum. Será desta forma que conseguiremos falar numa só humanidade e num mundo universalmente fraterno.

Paralelamente, vemos trabalhada e desenvolvida esta dimensão da Fraternidade universal na *Laudato Si* (Cf. LS, 89-92), que está também presente no livro proteger a criação do Papa Francisco, um compêndio de reflexões sobre o estado do mundo e sobre o assegurar do respeitos dos Direitos Humanos a todo e qualquer indivíduo. Neste livro, afirma o Santo Padre que

> «os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz efémera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios».

Há 50 anos, o concílio Vaticano II apontou como entendimento do bem comum «o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar, mais plena e facilmente, a própria perfeição» (Gaudium et Spes, 26). Recorrentemente, e cada vez com mais frequência ouvimos falar na procura pelo bem comum, pelo alcance de uma unidade, que garanta o respeito pelos direitos universais de todo e qualquer ser humano.

Recorrentemente, o Papa Francisco alerta para o perigo de facilmente se confundir bem comum com bem-estar. No seu entender, é muito fácil habituarmo-nos às desigualdades sociais, perdendo de vista o ideal do bem comum, procurando apenas o bem-estar, sobretudo quando somos nós que dele desfrutamos. É necessário que se entenda o bem comum como mais do que a soma de interesses individuais e passar do que é melhor para um, àquilo que é melhor para todos Assim, tanto para que se alcance o bem comum como a Fraternidade universal devemos estar cientes das reais implicações destes conceitos, sobretudo do respeito

pela sacralidade de cada vida humana, de cada homem e de cada mulher. Compreender e respeitar este princípio exige

> «um grau superior de sabedoria, que aceite a transcendência, própria de cada um, renuncie à construção de uma elite omnipotente e entenda que o sentido pleno da vida individual e coletiva está no serviço desinteressado aos outros e no uso prudente e respeitoso da criação para o bem comum. Repetindo as palavras de Paulo sexto, «o edifício da civilização moderna deve construir-se sobre princípios espirituais, os únicos capazes não apenas de o sustentar, mas também de o iluminar e de o animar» (Discurso aos representantes dos Estados, 4/10/1965, número 7).

Recentemente, na homilia que realizou, durante a missa pela paz e justiça, celebrada no estádio nacional do Bahrein, em Awali, o Papa Francisco apelou a todos os presentes «Não sonhemos idealisticamente com um mundo animado pela Fraternidade, mas comprometamos-nos a viver concreta e corajosamente a Fraternidade universal, perseverando no bem mesmo quando recebemos o mal, quebrando a espiral da vingança, desarmando a violência, desmilitarizando o coração». Anteriormente, num documento assinado em Abu Dhadi, entre o próprio e Grande Imam de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyib, sobre a Fraternidade humana pela paz mundial e pela convivência comum, este firma, mais uma vez, o pedido para que os homens e mulheres do mundo redescubram e difundam «os valores da paz, da justiça, da bondade, da beleza, da Fraternidade humana e da convivência comum». Na sólida certeza de que «entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno [está] uma consciência humana anestesiada e o distanciamento dos valores religiosos, assim como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas»[70].

No encerramento do Congresso Missionário 2022 sobre «Fraternidade sem fronteiras», realizado na Universidade Católica em Lisboa, o cardeal Tolentino Mendonça fez uma reflexão sobre «A Fraternidade e a Reconstrução da Esperança» onde defendeu «uma ordem internacional qualificada eticamente, como exercício de responsabilidade, em vez da normalização do egoísmo e da indiferença». Nas palavras deste «A amizade social é a argamassa da esperança», sendo heróis do futuro «aqueles que souberem esquecer a lógica dos seus interesses e se decidam a romper o cerco atual da indiferença, sustentando amigável e universalmente, uma palavra densa de verdade humana».

Todos estes apelos remetem-nos para a conclusão de que, tal como afirma Aquini[71], a Fraternidade «compromete o homem a agir de forma que não haja cisão entre os seus direitos

[70] Papa Francisco, «A fraternidade universal». Acedido em 20 de setembro de 2022. https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588732-a-fraternidade-universal

[71] Marco Aquini. «Fraternidade e direitos humanos». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Antonio Maria (Org.). BAGGIO (Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008), 138-139.

e os seus deveres», isto é mais do que um valor ou ideal, é necessário que olhemos para a Fraternidade como uma lei e a ssumamos enquanto tal, no sentido de ela alcançar uma dimensão universal. Assim, é necessário que todos assumam perante os outros um dever de cooperação mútua, na procura do bem comum e não apenas do bem-estar, usufruindo, quando tal, de uma harmonia social mais plena.

Foi neste sentido que apresentamos o entendimento de São Francisco de Assis nas páginas anteriores da Fraternidade como dom e tarefa, ou seja, uma graça divina que requer conversão e esforço. No entender do Santo de Assis, este processo de conversão e comprometimento será tanto mais viável uma vez experimentada a gratuidade divina. Ao deixar-se guiar pelo Espírito, cada indivíduo será capaz de reconhecer que todos somos infinitamente amados pelo Pai e, portanto, dignos e iguais. Esta experiência ajudará a superar qualquer pretensão de superioridade ou privilégio, uma vez que tudo é um dom que deve ser administrado de forma responsável, pondo-o ao serviço dos outros.

Foi na mensagem que escreveu para a Quaresma[72], em 2017, que o Santo Padre Francisco lembrou a parábola do rico e de Lázaro[73] para nos oferecer a imagem do outro como um dom, servindo-se do exemplo de Lázaro. Nas palavras do Santo Padre, Lázaro ensina-nos que o outro é um dom, pois na sua imagem de pobre que mendiga pelos restos do homem rico, reflete um convite e à conversão não só do rico, mas de todos quantos leem esta parábola. Lázaro convida-nos a abrir a porta do nosso coração ao outro, seja este outro alguém que nos é próximo ou mesmo alguém desconhecido, pois em qualquer um dos casos o outro será sempre imagem do rosto de Cristo.

Nesta mensagem o Santo Padre refere que cada vida que connosco se cruza é um dom e como tal merece aceitação, respeito e amor. Lembra ainda que a Palavra de Deus é fundamental para que consigamos realizar este reconhecimento e aceitar acolher aquele que de nós precisa. E para isso, a nossa atenção não pode apenas recair sobre a imagem de Lázaro, mas também do rico opulento, pois a parábola coloca em evidência, de forma clara e explicita os desafios que este tem de enfrentar, em função da sua atitude avarenta, egoísta, o amor ao dinheiro, a vaidade e a soberba.

A este propósito Márcio Costa[74], numa introdução ao pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas[75]. regista que «o rosto do Outro recorda as obrigações do «eu»». De facto,

[72] Esta mensagem para os cristãos foca-se em três pontos essenciais: «o outro é um dom», «a Palavra é um dom» e «o pecado cega-nos».
[73] Cf. LC 16, 19-31.
[74]Cf. Márcio Luis Costa. *Lévinas*: *uma introdução,* Trad. J. Thomaz Filho. (Petrópolis: Vozes, 2000).
[75] Filósofo que apresenta a ética como busca do sentido do humano a partir da alteridade, do rosto do outro.

de acordo com o filósofo «o rosto pede-me e ordena-me»[76], quer ele com isto dizer que o eu é responsável pelo outro, num entendimento em que tal responsabilidade não deve esperar reciprocidade. Para o filósofo falamos de uma responsabilidade total, ou seja «(…) o eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros.»[77] de forma que ela não cessa. É perante este entendimento que Lévinas propõe um novo pensamento ético na filosofia contemporânea: a ética da alteridade. Ainda neste sentido acrescenta Francesc Torralba: «A pessoa é a janela de acesso a Deus, o ser que transparenta de modo mais diáfano possível a majestade de Deus. Crer em Deus é entrever Deus em todos os seres do mundo, mas especialmente no ser humano. Isto têm enormes consequências na vida prática, social, política e económica».[78] Nas palavras de Enzo di Bose na sua alteridade, os outros são «diferentes», muitas vezes capazes de nos contradizer. O outro não se revela sempre «belo», não gera necessariamente coisas, ou a atração ou a curiosidade. É necessário, por isto, considerar o outro com simpatia. Nas palavras do autor,

> «Ter uma atitude de simpatia significa, num primeiro tempo, aceitar não compreender o outro, procurando, ao mesmo tempo, compartilhar-lhe os sentimentos, na convicção de que a verdade do outro tem a mesma legitimidade que a minha. Isto não significa a inexistência da verdade ou a equivalência de todas as verdades. Cada um pode manifestar a sua verdade com humildade, e deverá estar disposto a receber dos outros a verdade que sempre nos precede e supera. Mesmo quando estamos convencidos de que a nossa verdade dá sentido à nossa vida. As perguntas do outro tornam-se as minhas, as suas dúvidas sacodem as minhas certezas, as suas convicções interpelam as minhas. Então descobriremos que no diálogo conseguimos chegar a pensamentos nunca antes pensados»[79].

Por sua vez a simpatia implica a empatia, o que nos leva a querer sair ao encontro do outro, colocarmo-nos no lugar dele, de o compreender a partir de dentro, fundamentando tal vontade na nossa comum condição humana. Para o autor,

> «A empatia permite perceber que a existência, por natureza, nunca é isolada, que «nenhum homem é uma ilha»: existe só na comunicação e na consciência da existência dos outros. O egocentrismo, a indiferença, o cinismo, o rancor são vencidos por este sentimento: dá-se, assim, espaço ao outro passando do medo ao acolhimento, portanto à abertura ao encontro.»[80]

Um encontro que favorece o diálogo, não um diálogo superficial, mas sim fecundo e de enriquecimento mútuo. Um diálogo que me permite um outro olhar sobre o outro, que me

[76] Cf. Emmanuel Lévinas. *Ética e infinito*. Trad. João Gama. (Lisboa: Edições 70, 1982), 89.
[77] Cf. Lévinas, 90.
[78] Francesc Torralba, *Y, a pesar de todo, creer* (Madrid: Editorial PPC, 2018), 35.
[79] Enzo Bose. «O outro como revelação de um dom». Acedido em 10 de junho de 2022. https://www.paroquiaderamalde.pt/wrdp/o-outro-como-revelacao-de-um-dom/
[80] Enzo Bose. «O outro como revelação de um dom».

aproxima dele e que põe fim aos preconceitos, permitindo a descoberta simultânea do que há em comum, bem como do que falta a cada um.

> «O espaço intermédio entre os dois rostos é a terra de ninguém que espera ser cultivada e tornada fecunda por palavras de acolhimento e reconhecimento. Esta terra do meio é o espaço do diálogo. E dialogando, dois rostos encontram-se um diante do outro, numa proximidade capaz de abrir à vida. Ocorre assim a contaminação e a deslocação das fronteiras: o outro, que eu colocava numa dimensão remota, revela-se muito mais próximo e semelhante a mim do que eu imaginava. A fronteira não é anulada, mas de lugar de conflitos e mal-entendidos torna-se lugar de pacificação e de encontro.»[81]

O autor esclarece ainda que este diálogo favorece o reconhecimento do dom, torna possível a nossa própria existência, pois «Com palavras e gestos faz aflorar a interioridade que está em nós, e faz-nos o grande dom de nos revelarmos a nós próprios de um modo novo». Na mesma linha de pensamento, para além de um dom, este entendimento baseado no diálogo supõe uma tarefa, a de juntos, construirmos algo novo, algo que dê resposta às necessidades de outros e até do mundo. Assim, falamos de uma Fraternidade que está em constante construção, dependente do reconhecimento de cada um como filho de Deus, inserido numa comunidade de iguais a quem deve servir e prestar auxílio. É, no nosso entender e no entendimento dos autores mencionados, no cumprimento desta tarefa que se alcançam os maiores dons.

Para o Papa Francisco este lugar de reconhecimento do outro como irmão, é um dos contextos privilegiados para a real experiência da vivência fraterna. Viver numa comunidade onde se reconhecem ligações comuns, sustentadas por um projeto de amizade e de amor, faz-nos reconhecer e experimentar o sentimento de pertença que não raras vezes nos leva a querer agir, a querer prestar auxílio, a querer ser suporte do outro, garantir a resposta às suas necessidades no contexto das nossas possibilidades.

Vivendo numa perspetiva de abertura ao outro, de comunhão de diferenças, de partilha de dons, descobrimos a nossa filiação comum e, consequentemente, ambicionamos à descoberta do Pai, efetivamos o reconhecimento de Jesus como irmão, querendo, tal como Francisco, imitá-lo e seguir vivendo segundo os seus ensinamentos. Numa das suas catequeses sobre a irmandade, depois de cantar o salmo «Oh! Como é bonito e como é doce que os irmãos vivam juntos!» (Sl 132, 1), o Papa Francisco, lembra os desafios não silenciosos e os esforços necessários a vivência da Fraternidade, referindo-se a esta como «verdadeira cruz e delícia de experiência humana» e mais uma vez recorda que até Sagrada Escritura, que nos oferece páginas encantadores sobre a Fraternidade, também se enche de contos dramáticos, de inveja e

[81] Enzo Bose. «O outro como revelação de um dom».

de divisão fraterna. Lembra ainda que, por vezes, entre os irmãos o bem entristece, em vez de gerar gratidão, provoca ciúme, inveja e rivalidade.

Reconhecemos que a sabedoria bíblica nos convida a escolher a Fraternidade como uma vocação a cumprir, como um direito que devemos reivindicar, mas também como uma missão na qual, devemos procurar ser ativos e responsáveis, não uns mais que outros, mas todos igual e genuinamente implicados. Será mediante este entendimento que a relação entre irmãos frutificará a relação entre todos, não em termos de exclusividade cristã, mas ao serviço de todos os homens. Só deste modo poderemos falar e propor o alcance de uma Fraternidade universal.

No nosso entender a visão acima descrita congrega também para a escola e para a forma com educamos os nossos alunos configurações muito concretas de atuação e de entendimento do outro. A escola, enquanto instituição de primeira instância, deve garantir que os alunos, independentemente das suas diferenças (sejam elas do tipo que forem) se revejam no rosto do outro, se reconheçam como irmãos e compreendam as implicações de tal reconhecimento, a ponto de estarem preparados para agir, ao serviço uns dos outros e em benefício de qualquer um. É neste sentido de uma só humanidade capaz e responsável e mediante os grandes problemas, sobretudo ecológicos, que assolam o nosso mundo, que o Papa Francisco lança o apelo da Fraternidade universal articulado com o de protegermos também a nossa casa comum.

2.5 Proteger a Criação

Recuperando a Fraternidade proposta por São Francisco de Assis, e o trabalho desenvolvido pelo Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, compreendemos que o conceito da Fraternidade tem e deve ser ampliado para o contexto da criação. A responsabilidade do Homem não se esgota no estar atento ao outro dentro da sua comunidade, mas sim estar atento a todos e à casa que em comum habitam.

Perante a grave crise socioambiental que vivemos, a encíclica *Laudato Si*, afirma-se como um convite à conversão ecológica, criticando a visão consumista do ser humano, que gradualmente destrói os recursos disponíveis no nosso mundo, que deviam ser de todos e para todos e não apenas para alguns. Esta visão compromete o princípio atrás descrito de bem comum, inviabilizando, e promovendo apenas o bem-estar de alguns grupos socioeconómicos mais favorecidos. É no assumir desta preocupação que o Papa Francisco aponta algumas soluções mais sustentáveis para o nosso mundo, para que se procure alcançar uma relação mais

estreita entre aquelas que são as questões sociais e as questões ambientais, de tal forma articuladas que a divisão dos bens comuns, seja feita em prol de vidas mais desprotegidas e ainda a promoção de um estilo de vida mais simples, que valorize os pequenos gestos e que seja promotora de uma relação mais respeitosa com todos os seres vivos, tal como proposto por São Francisco de Assis.

Nesta Encíclica, o Papa Francisco enumera alguns princípios fundamentais sobre o entendimento da casa comum e dos deveres que todos devemos assumir para com ela, com base no entendimento de que as comunidades e a natureza vivem em relação, assim, isto «impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos» (LS, 139).

O primeiro princípio é já este de denominar, propositadamente, o nosso planeta de casa comum, englobando neste conceito já uma série de implicações para todos quantos habitam o nosso planeta. Neste documento, que se assume como mais um convite à conversão da humanidade, desta vez, na esfera da mãe natureza, recorda o Cântico das criaturas de São Francisco de Assis, sublinhando que este recorda-nos que «a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços» (LS, 1). A nossa casa comum assume-se como o lar de todos os seres humanos em relação com todos os elementos da criação, e é da qualidade desta relação que alcançamos diferentes níveis de qualidade de vida, a este respeito relembra-nos o Santo Padre: «O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos» (LS, 2).

Este princípio de estreita relação entre os seres humanos e os elementos da criação, e as diferentes sinergias que se geram a partir daqui, leva, no entendimento do Papa, à proposta de uma ecologia integral. Esta ideia de ecologia integral, por sua vez, leva a que reconheçamos que, efetivamente, tudo está ligado no nosso mundo e em constante relação, levando a que os problemas atuais façam requerer um novo olhar sobre o mundo, que se debruce sobre todos os aspetos da crise em que vive a humanidade: humano, social e ambiental (LS, 137). É neste contexto que o Papa apela mais uma vez ao bem comum, princípio que, tal como explicado anteriormente, desempenha um papel central unificador e pacificador, no âmbito da ética social.

Da mesma forma, que o Evangelho nos convida a ser guardiões uns dos outros, O Papa Francisco convida-nos agora a sermos também guardiões do nosso planeta, pois «se o ser humano se declara autónomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base da sua existência», porque «em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus

na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza» (LS, 117). Assim, aceitar e corresponder à vocação de guardiões da obra criadora de Deus, não pode ser entendido como algo irrelevante, mas sim parte essencial duma existência virtuosa (LS, 217).

A proposta do Papa Francisco expressa na *Laudato Si* leva-nos a compreender que «A crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior», mas também uma conversão comunitária, pensada para «criar um dinamismo de mudança duradoura» (LS, 219). Mediante esta conversão, assente no cuidado da casa comum e no entendimento do ser humano como guardião dos seus irmãos e da natureza, encontraremos o caminho certo que, devidamente trilhado e compartilhado, nos permitirá alcançar a verdadeira Fraternidade universal.

O Papa Francisco afirma que a humanidade precisa mudar, tomando consciência, tal como demonstramos nos primeiros pontos deste relatório, que temos uma origem comum, uma recíproca pertença e um futuro para partilhar por todos e com todos. Esta tomada de consciência, permitirá o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração, na opinião deste, da qual partilhamos integralmente.

Neste sentido, da mesma forma que apontámos a Fraternidade como um dom e uma tarefa, apresentamos, agora aqui também, a casa comum como um bem de todos e ao mesmo tempo uma tarefa para todos quantos nela habitam. No nosso entender, a assimilação gradual dos conceitos, apresentados ao longo deste ponto dois, permitem um olhar de esperança sobre o mundo em que vivemos e sobre todos aqueles que nele vivem. Se nos entendermos membros de uma comunidade, tal como explicado no primeiro ponto, e assumirmos as reais implicações dessa visão, facilmente acedemos e nos dispomos à construção de um mundo mais fraterno.

Mais, se nos reconhecermos como seres iguais em dignidade, merecedores dos mesmos direitos e cumpridores dos mesmos deveres poderemos mais facilmente falar de uma Fraternidade universal e de uma única humanidade, sem barreiras, sem preconceitos, sem desigualdades, sem superiores. Esta visão levará consequentemente à necessidade de protegermos a nossa casa comum, a defendermos, e encararmos como herança para as gerações futuras. Foi este o percurso que procurámos realizar com os alunos da PES, promovendo a cada aula atividades que facilitassem a compreensão destes conceitos, mas sobretudo a visão prática destas implicações para as nossas vidas, fazendo sobressair, acima de tudo, as mais valias do alcance de uma ordem social, nestes princípios alicerçada. Se cada um de nós assumir a responsabilidade que lhe compete e estiver atento às necessidades do outro, fazendo por lhe

providenciar o necessário, dentro das suas possibilidades e capacidades, estaremos, certamente, a caminhar rumo a um mundo mais justo, mais fraterno e mais sustentável.

Assim, estaremos também a cumprir a missão que São Francisco de Assis já havia proposto aos seus irmãos aquando da criação da sua ordem e que firmou como exemplo para toda a humanidade.

3. Proposta Pedagógica

A escola é uma das instituições que, para além de promover uma língua, uma cultura e sobretudo uma maneira de ser e de estar no mundo integra outras línguas, outras culturas e outras formas de ser e estar. Nos dias que correm, as comunidades escolares integram cada vez mais indivíduos com diferentes formas de percecionar o mundo, o que faz dela uma comunidade cada vez mais alargada. Isto exige às escolas a capacidade de promover sinergias que integrem essas diferentes conceções e formas de olhar para o mundo.[82]

3.1 Enquadramento da proposta pedagógica

É na comunidade escolar e na consequente abertura à comunidade local que podemos assumir a escola como um agente capaz de transformar o meio, na medida em que o impulso para o reconhecimento da importância do amor fraterno parte de um contexto singular para outros plurais. Caberá assim à escola reconhecer e empreender a sua missão integradora na sociedade e ainda de transformadora do meio, de forma a otimizar a riqueza de uma autêntica comunidade educativa expressa nas suas relações e, até mesmo, nas suas propostas de atividades.

É certo que os indivíduos se tornam pessoas por meio da educação que recebem, uma vez que estar inserido numa comunidade contribui não só para o processo de humanização, mas também para o desenvolvimento e enriquecimento da sua personalidade. Tanto para um, quanto para o outro processo, a forma como o indivíduo se encara a si próprio e ao outro torna-se determinante e conducente das suas ações, tal como fundamentamos no ponto final do capítulo anterior.

[82] Cf. Hugo Couto. A Fraternidade na comunidade escolar. (Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2012). https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/65999/3/28017.1.pdf

O desenvolvimento de dinâmicas hostis, concretizadas nas relações entre os diferentes agentes no processo educativo, levarão a uma visão negativa e à promoção de uma competitividade excessiva entre estes. Por outro lado, o desenvolvimento de dinâmicas mais harmoniosas e mais centradas no papel e na importância do outro levarão consequentemente à promoção de uma relação mais saudável eficaz entre os diferentes membros da comunidade educativa. Vejamos que só poderemos falar em comunidade educativa quando forem ultrapassados os interesses dos grupos particulares, assumindo estes como parte integrante de um todo.

Do capítulo anterior podemos resumir a comunidade como um local de proteção e segurança, onde os seus membros são reconhecidos como iguais e a Fraternidade como um princípio de construção social no qual o outro, que podemos definir como irmão, não é diferente de mim, mas um outro eu mesmo.[83] Entendidas desta forma, e estando presentes na construção identitárias, promovem uma vivência partilhada assente na reciprocidade interpessoal. Contudo, essa relação pode também ser negativa e pode levar a ver o outro como aquele que é diferente de mim. Se assim for, o outro facilmente será visto como um inimigo ou um adversário.[84] Ainda assim, se a Fraternidade for entendida no seu pleno sentido cristão e se for respeitada a sua relação com os ideais de liberdade tidos igualmente como pilares éticos capazes de encorajar processos solidários, estarão reunidas as condições para através dela interpretar e transformar o mundo a partir da experiência realizada em comunidade.

Movidos por estas crenças, procurámos elaborar planificações para a unidade letiva 4 - Construir Fraternidade - enriquecidas com atividades que levassem os alunos a reconhecer a sua condição de seres iguais em dignidade, ao mesmo tempo que promovíamos a noção de que o facto do «outro» ser o espelho de um «eu», trazia responsabilidades acrescidas na interação e na forma como nos relacionávamos enquanto grupo. Mediante a solidez destas aprendizagens procurámos então introduzir os conceitos de comunidade e de Fraternidade, no entendimento exposto no ponto 3 deste trabalho, não deixando que os alunos esquecessem de que o «outro» que comigo vive é um dom oferecido por Graça divina.

Ainda assim, no nosso entender, era determinante que os alunos compreendessem que estas aprendizagens não deviam estar encerradas no contexto da sala de aula, tão pouco que diziam respeito apenas às aulas de EMRC. Era para nós importante que todos compreendessem

[83] Cf. Daniela Ropelato, «Notas sobre participação e Fraternidade», 103.
[84] Cf. Tozi, «A Fraternidade é uma categoria política? ». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Antonio Maria (Org.). BAGGIO (Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008), 63.

que, mesmo no seio da sua comunidade escolar, pessoas diferentes, com características e personalidades diferentes, com crenças e ideologias diferentes, com gostos e interesses diferentes se podiam unir na concretização de uma atividade que jamais deixasse esquecer, a todos quantos compõe esta comunidade escolar, o verdadeiro sentido da Fraternidade, e as reais implicações destas para o alcance de algo maior enquanto grupo, enquanto escola e enquanto membros de uma comunidade.

Para alcançar este objetivo, no final do ano letivo, procuramos colocar em prática as aprendizagens provenientes da pesquisa realizada para compor este relatório e implementar na prática uma atividade capaz de expressar perante a comunidade educativa a nossa condição de irmãos. Assim, e com o objetivo de levar estas aprendizagens para fora do contexto da sala, propusemos a participação de toda a comunidade escolar (pessoal docente e não docente, alunos de EMRC e alunos de DPS de todas as turmas de 1.º e 2.º ciclo) na construção de um mural sobre a Fraternidade a expor no corredor de acesso a todas as salas do edifício, conforme abaixo descrevemos.

3.2 Planificação da proposta pedagógica[85]

Mediante o princípio de que todos podemos realizar algo incrível no mundo em que vivemos, tendo sido inclusivamente esta a síntese que os alunos escreveram na aula deste dia, propusemos a construção de um mural sobre a Fraternidade, que mais do que uma atividade de sala de aula seria uma atividade de escola. Reunindo todas aquelas que tinham sido as aprendizagens realizadas até ao momento, no decorrer da lecionação desta unidade letiva, lançámos o desafio aos alunos de elaborarem mensagens, que deviam escrever no centro de uma bola de sabão. Estas bolas, em conjunto com a silhueta de duas crianças deviam culminar na realização de um painel onde se veem duas crianças a soprar bolas de sabão de cores e tamanhos diferentes, numa verdadeira corrente de Fraternidade e sentimentos positivos à entrada da escola.

Desde que a ideia foi apresentada ao professor cooperante, este manifestou logo grande entusiamo e aceitação para que a atividade se realizasse e prontamente se disponibilizou a estender a proposta a todas as turmas, mediante a aceitação do Conselho Executivo que cedo

[85] A planificação desta atividade encontra-se na integra no capítulo I deste relatório, diz respeito à aula de 6 de maio, representando a lição n.º 19.

apoiou também a realização da atividade e disponibilizou o espaço e os materiais necessários para a concretização da mesma.

Para garantirmos o envolvimento de toda a comunidade escolar, independentemente da sua confissão religiosa acordámos que: todos os alunos de EMRC deviam elaborar uma bola de sabão, incluindo nesta uma frase sobre o sentido/significado de Fraternidade e decorá-la de acordo com a sua criatividade; os alunos do 1.º ciclo deviam imprimir a sua impressão digital numa bola mais pequena disponibilizadas para o efeito; os alunos de DPS receberam mandalas diferentes para colorir também de acordo com o seu gosto, (depois de esclarecidos quanto ao significado de Mandala), tal como o pessoal docente e não docente; os membros do núcleo (professoras estagiárias e professor cooperante) em bolas de diferentes cores e de tamanho mais reduzido deviam ainda escrever sentimentos/emoções positivas diferentes e decorá-las conforme o seu gosto pessoal[86].

Em primeiro lugar, após autorização formal para a realização da atividade, elaboramos um comunicado que a assessora do Conselho Executivo fez chegar a todos os titulares de turma e ainda ao pessoal não docente. Posteriormente, elaborámos uma caixa para que todos colocassem lá as suas Mandalas, que ficou ao cuidado da funcionária da Biblioteca, que prontamente se disponibilizou também para o assumir desta tarefa.

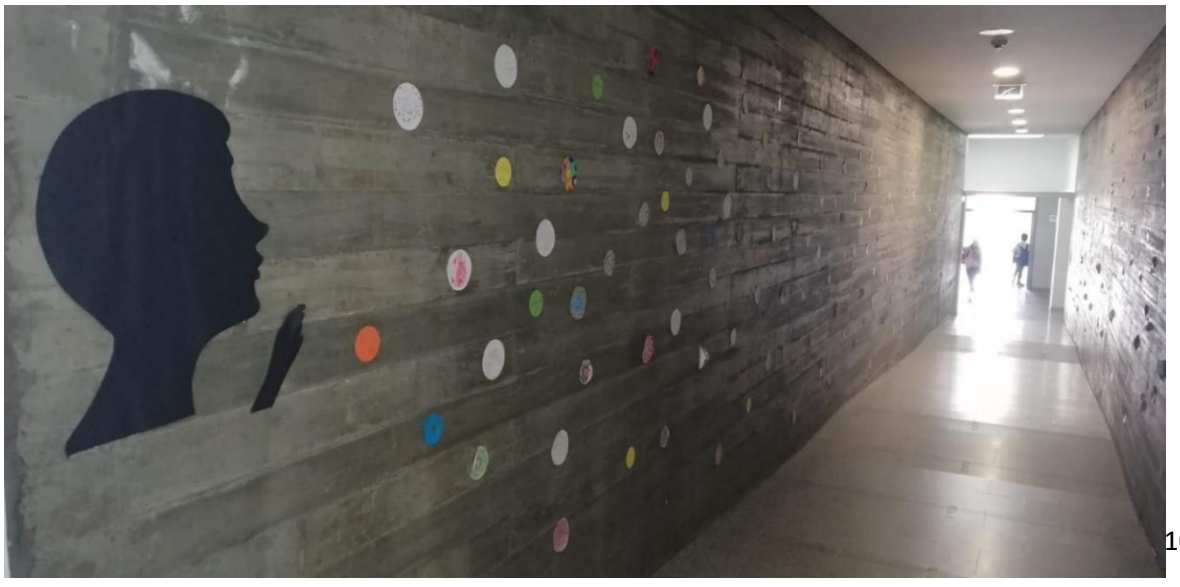
Em contexto de aula lembrei aos alunos que a Fraternidade não é uma invenção do nosso tempo, ou um conceito inovador com vista à mudança do mundo em que vivemos, e sim, algo que já vem sendo proposto desde a existência dos primeiros cristãos e da igreja primitiva. Assim, aproveitei para falar de exemplos como Nelson Mandela, Martin Lutter King e Madre Teresa de Calcutá, tal como previsto na minha planificação. Para garantir o fator surpresa, partilhei como os alunos que tinha guardado um nome para descobrirmos juntos de alguém que tinha se tinha dedicado, de forma muito nobre também, a apelar a que o mundo voltasse a ser um lugar fraterno: Malala Yousafzai.

A partir do exemplo da Malala esclareci os alunos de que para promovermos a vivência fraterna no mundo inteiro, devemos, primeiro, consciencializarmo-nos daquilo que podemos fazer a título individual e da importância que tal assume ao nosso redor. Foi neste sentido, que desafiei os alunos a escreverem as suas mensagens e a decorarem as suas bolas de sabão, para que estas fossem «sopradas» para o mais longe possível da nossa sala, contagiando e motivando outros a serem fraternos.

[86] A escolha destas palavras foi feita mediante a elaboração de um *padlet* onde o núcleo escreveu diferentes palavras tendo depois procedido a uma votação com o objetivo de escolher as palavras que reuniam maior sentido para o grupo. O *padlet* encontra-se disponível no link https://padlet.com/pcostaemrc/a7wr9zf9oig6cfqc.

O envolvimento da comunidade escolar foi notório pelo número de bolas/mandalas que nos foram feitas chegar e os comentários tecidos ao resultado final, bastante positivos. Frequentemente, encontrámos professores/alunos/assistentes a procurar o resultado do seu trabalho no lugar da exposição. Um lugar antes sombrio e desprovido de energia que agora se encontrava inundado por cor e palavras positivas que permitem uma visão muito diferente aquando da entrada na escola pela manhã e também na saída, no período da tarde.

Conseguimos, desta forma, aproximar todos os indivíduos que pertencem a esta comunidade escolar, mostrando que é mais o que nos une, enquanto seres humanos, e que independentemente das nossas crenças, juntos podemos construir algo que se reveste de sentido para todos, ainda que de diferentes formas.



3.3 Balanço final da implementação desta atividade

Poder colocar em prática as aprendizagens realizadas ao longo da pesquisa que sustentou este trabalho, e acima de tudo poder proporcionar aos meus alunos a visão prática deste conceito, foi algo que me deixou francamente feliz. Por mais que saísse da sala convencida do sucesso das planificações, ainda que com algumas limitações ou tomada de consciência de pontos a melhorar, poder promover uma atividade desta natureza, permitiu-me verificar as aprendizagens destes alunos de outra forma.

Para além disto, poder motivar outros agentes educativos a envolver-se neste projeto, mostrando aos alunos que, de facto, é possível levar as pessoas a realizar um ato de serviço desinteressado, que apenas tem como objetivo a satisfação geral, a partilha e troca de experiências e aprendizagens foi sem dúvida uma das grandes mais-valias da PES. Mais do que o resultado final, ainda que este tenha sido muito positivo, todo o processo ajudou a consolidar as aprendizagens realizadas ao longo de todas as aulas qua realizei com este grupo de alunos.

Saber ainda que, mesmo depois de deixar a escola, a nossa presença e o trabalho levado a cabo por estes alunos e por este grupo de pessoas continua a marcar esta comunidade escolar, lembrando aos que participaram neste projeto o quão profícuo foi este trabalho e ainda contagiar os novos alunos que de certo ingressarão nesta escola e se questionarão sobre o porquê daquelas palavras, aqueles desenhos, aquelas bolas serem parte integrante decorrer do corredor que lhes permite o acesso à escola. Poder partilhar também com pais e encarregados de educação o sucesso das aprendizagens dos seus educandos foi algo francamente satisfatório.

Acredito que todo este trabalho de consciencialização a respeito da importância da Fraternidade para o mundo, que começou dentro desta escola, proporcionou uma experiência genuinamente humana, a ponto de todos quantos frequentam esta unidade orgânica quererem revisitar e experimentar, propondo algo semelhante, ou assumindo alguns dos comportamentos sugeridos tão simples como sorrir ou abraçar.

Acreditamos que desta forma conseguimos promover o reconhecimento da humanidade como espaço de auto responsabilização, de reconhecimento de fragilidades, de respeito pelos Direitos Humanos, sem que haja uma visão de superioridade, apenas de um conjunto de pessoas, que por mais diverso que seja, não deixa de ser igual.

Conclusão

Neste momento conclusivo do trabalho parece-nos lícito subrescrever a afirmação de Maria Inês Andrade de que é

> […] na Fraternidade que o ser humano se projeta na exterioridade e se reintegra como Espírito, uma vez que, ao se exteriorizar o ser humano, é e, sendo nessa práxis se desdobra, enquanto homem pela mediação da natureza vê o outro como outro de si e sendo livre sabe que o outro também é livre. É na Fraternidade que o homem sabe da igualdade e da liberdade, na conciliação com sua própria natureza se pensando nela.[87]

A partir da experiência em comunidade e da vivência em Fraternidade, a Humanidade conseguirá criar vínculos efetivos e concretizar conhecimentos e aprendizagens compartilhadas, mediante os quais será possível firmar as mudanças necessárias rumo ao bem comum e à Fraternidade universal, potenciando capacidades e encarando uma forma mais sustentável de vida. Poderá também compreender e tentar corresponder às fragilidades do outro, procurando resolver grande parte dos seus anseios. A Fraternidade como base de conduta, desvincula o ser humano de uma visão individualista e remete-o para a visão de comunidade, que o leva a pensar no outro, com outra sensibilidade e responsabilidade.

Pudemos testemunhar estas afirmações no decorrer da prática letiva sobre a qual se reporta este Relatório Final. Se é verdade, que foi fácil na primeira aula, propor aos alunos que reconhecessem a sua individualidade, através da dinâmica de pintura do sal grosso, para que ainda nessa aula, reconhecessem também que, pese embora as diferenças de cada um, compúnhamos um todo muito mais rico e dotado de múltiplas capacidades, quando estávamos juntos (verdade comprovada a partir da junção das diferentes quantidades de sal, de diferentes cores, numa garrafa de vidro) é igualmente verdade que foi com a mesma facilidade que a turma reconheceu as grandes valias do trabalho em equipa, e a necessidade de se assumirem como um todo, uma pequena comunidade digamos, para o alcance de um objetivo comum, por exemplo na realização da dinâmica da ilha do Tesouro.

No decorrer deste percurso, foi ainda possível demonstrar aos alunos a dificuldade do ser irmão, tal como expusemos no ponto 2 deste trabalho, partindo da referência a Abel e Caim, através da realização da dinâmica o Cruzeiro de EMRC. Acreditando estar claro, para os

[87] Cf. Maria Andrade. *A Fraternidade como Direito Fundamental entre o Ser e o Dever Ser na Dialéctica dos Opostos de Hegel*. (Coimbra: Almedina, 2010), 101.

alunos, que todos somos seres iguais em dignidade, que a nossa riqueza se amplia perante a nossa união, esta dinâmica permitiu-nos compreender que nem sempre, independentemente da situação, é fácil para os alunos reconhecerem a importância de atuarem e se comportarem como uma verdadeira comunidade. No alcance do objetivo da dinâmica da ilha do Tesouro, durante um problema que é colocado logo à partida, e para o qual não se vislumbrava uma solução aparente centrada no indivíduo, foi fácil para os alunos apelarem à junção do grupo. Contudo, nesta tarefa, tal como foi apresentada, levando a crer que se tratava de uma missão aparentemente simples, centrada no «eu», só no final da realização da atividade é que os alunos compreenderam que se tivessem desenvolvido a tarefa pensando no grupo, e não apenas em si, teriam alcançado um resultado completamente diferente, terminando a tarefa com um grau de sucesso muito superior àquele com que na prática terminaram. O mesmo aconteceu com a dinâmica «O feitiço vira-se contra o feiticeiro» onde os alunos, facilmente, propuseram tarefas que constrangessem os colegas, reconhecendo o seu erro quando perceberam que as tarefas deviam ser realizadas pelos próprios e não pelos colegas da turma. Ainda assim, consideramos que foi a partir da realização destas aulas que os alunos ampliaram realmente o conceito de Fraternidade, tomaram consciência das suas reais implicações, assumindo-a, de verdade e simultaneamente, como um dom e uma tarefa.

Sustentados pelas aprendizagens efetivadas a partir da concretização destes conhecimentos foi mais fácil trabalhar com a turma a importância do grupo, sugerindo o entendimento de comunidade, e das experiências conjuntas, que levavam também à procura da compreensão do «eu» e do «outro» para uma verdadeira vivência fraterna. Aqui, foi determinante os exemplos reais apresentados, sobretudo o de São Francisco de Assis, que nos permitiu trabalhar as características da Fraternidade, remetendo para a necessidade de ampliarmos o amor de Cristo vivido nas comunidades cristãs, para as restantes comunidades do mundo, mas principalmente para a nossa escola. Foi igualmente importante a apresentação do exemplo da Malala, que com o seu lápis mágico sonhava ter o dom de poder mudar o mundo, no sentido de explicar que a juventude destes alunos nunca seria um entrave à realização de uma mudança necessária nas suas comunidades, nem a falta de eventuais recursos ou poderosas matérias primas, pois o necessário todos possuíam traduzido na consciência de que representamos uma só humanidade, vivemos numa casa comum que apenas carecem da nossa verdade, da nossa bondade, da nossa alegria, da nossa misericórdia, da nossa caridade, do nosso exemplo. Permitiu ainda mostrar que enquanto cristãos temos o nosso grande exemplo em Jesus Cristo, mas que esse exemplo não é exclusivo da comunidade cristã, é sim o princípio e deve ser motivação para que o levemos a todas as comunidades do mundo, perseguindo o

alcance do objetivo que constitui a Fraternidade universal, centrada no bem comum e no cuidado com a criação.

Neste sentido e sem descurar do nosso horizonte enquanto futuros profissionais de educação, afirmamos concordar com o pensamento de Buber ao afiançar que a comunidade escolar se configura como um tecido social extremamente rico enquanto lugar de afirmação recíproca. Relembremos que para o autor «comunidade é a expressão e o desenvolvimento da vontade original, naturalmente homogénea, portadora de vínculo, representando a totalidade do homem».[88] Torna-se assim mais fácil, com base nesta perspetiva, e com este entendimento clarificado, propor, junto dos alunos, e até mesmo da comunidade escolar o desenvolvimento da Fraternidade Universal e cuidado com a criação, tendo em vista o bem comum. Pois, só a partir desta vivência Fraterna é que nós, Humanidade, seremos capazes de estabelecer vínculos entre nós e com a própria natureza, rumo a uma forma de vida mais sustentável. Sendo que entendemos aqui o «nós», na visão de Zygmunt Bauman, da qual partilhamos inteiramente, e que faz com que as comunidades avancem quando conseguem alargar as fronteiras da inclusão e erradicar qualquer forma de exclusão.

Relativamente às questões colocadas inicialmente nomeadamente: o porquê de ser tão difícil os alunos compreenderem o conceito de fraternidade e o porquê de munidos já deste conceito ser tão difícil para eles aplicá-lo em situações e contextos reais de vivência, que podiam e deviam ser de fraternidade o trabalho desenvolvido permite-nos agora emitir algumas conclusões. Em primeiro lugar, o sentido de pertença a uma comunidade, que atualmente não se esgota numa única comunidade, dificulta a visão de grupo e de ação perante este como seu membro integrante e não apenas como indivíduo. A forma como motivamos os alunos para as aprendizagens e verificação destas a título individual, mediante um instrumento de avaliação individualizado e nalguns casos até personalizado, leva ao reforço da crença de que devemos agir cada um por si. Se recuperarmos a ética da alteridade de Lévinas que nos lembra de que o rosto do «outro» me recorda as obrigações do «eu» entendemos que, por vezes, é difícil, sobretudo junto dos alunos mais jovens, confrontar-se e tentar gerir certas situações em que o «eu» e o «outro» facilmente entram em conflito. Da mesma forma que se torna difícil o exercício de nos colocarmos no lugar do outro procurando, por um lado, entender os seus comportamentos e atitudes, por outro assumir um determinado comportamento ou atitude no lugar de outras. Verificámos ainda que, nestas idades, começa a surgir a necessidade de os alunos firmarem alguns aspetos da sua personalidade e empreenderem um caminho de busca

[88] Cf. Martin Buber. *Sobre comunidade*. (São Paulo: Editora Perspetiva, 1987), 50.

pela resposta de quem são, levando a que alguns deles, fruto de algumas situações que surgem até no seio das comunidades escolares, tenham uma visão diminuta de si e das suas capacidades, a nosso ver, tal dificulta o reconhecimento do outro como um dom, pois em primeiro lugar, para que tal acontecesse os alunos tinham de reconhecer que eles próprios são um dom, o que nem sempre acontece nestas idades.

Estas conclusões transportam para o espaço educativo sérias implicações e necessidades pedagógicas que devem estar contempladas nas planificações das nossas aulas, para que consigamos efetivar o percurso que aqui propomos de nos reconhecermos membros de uma comunidade maior, apelando assim ao desenvolvimento de atitudes fraternas e para o cuidado com os outros e para com a natureza que nos envolve. Assim, mediante a experiência resultante desta prática e desta investigação, convidamos os professores pensarem na importância de, através de dinâmicas, preferencialmente práticas, ajudarem os alunos a compreender a visão de grupo/comunidade, a consciencializa-los das implicações dessa pertença, promoverem o desafio de resolverem problemas onde o trabalho de equipa se afirma como o meio mais capaz de solução, apresentarem aos alunos exemplos concretos desta visão, com pistas concretas de atuação e estarem disponíveis para ouvir e aceitar as propostas dos alunos decorrentes da realização destas atividades, concretizarem novas metodologias de avaliação que contemplem a visão do grupo, a disponibilidade para a partilha e para a entreajuda na procura de soluções com vista ao bem de todos. Recuperemos, a este propósito, as indicações do Papa Francisco, elencadas no ponto dois deste Relatório, de que para educar devemos integrar, devemos acolher e respeitar as diversidades, enfrentar a mudança antropológica, considerar a importância da inquietação como motor educativo e a importância da pedagogia da pergunta.

Acreditamos que quanto mais cedo começarmos a desenvolver este tipo de trabalho com os nossos alunos, mais cedo também começaremos a educar indivíduos que com esta formação de base se constituem adultos cientes da necessidade de agirmos desta forma uns para com os outros e para com o nosso mundo. Promoveremos, desta forma, os princípios fundadores de uma nova ordem social que encontra na Fraternidade a sua pedra angular. Relembremos que é a partir da pedra angular que se define a colocação das outras pedras, é ela que alinha a construção em curso, assumindo-se como o fundamento e suporte dessa construção.

Uma vez terminado este trabalho e colocando-o em retrospetiva, parece-nos certo afirmar que, a reforma social e as mudanças que todos nós, de alguma forma, queremos ver no mundo, carecem do fundamento da Fraternidade, para alinhar todos os outros de forma a

alcançarmos o projeto de Deus para a humanidade: a felicidade. Contudo, para que a Fraternidade se assuma efetivamente como pedra angular de uma nova ordem social é preciso que todos nós assumamos e concretizemos um passo de coragem, que recai sobre o mandamento do amor, assente na confiança e no assumir da responsabilidade que temos uns para com os outros e para com o nosso mundo. Atualmente, esta proposta surge muito bem fundamentada nos diferentes documentos eclesiais, nos apelos constantes do Papa Francisco à introdução do mandamento do Amor Fraterno nas diferentes sociedades do mundo e, até mesmo, na procura pela abertura da Igreja ao novo, ao diferente e aos próprios jovens. Cabe-nos a nós, formadores e formandos cristãos, assumir este passo, para que outros se sigam rumo ao cumprimento deste mandamento e ao alcance de uma humanidade fraterna.

Assim, em jeito de conclusão, podemos afirmar que a Fraternidade que aqui propomos, de inspiração assumidamente cristã e, de algum modo, também franciscana (de Francisco de Assis e de Francisco de Roma) é aquela que assenta na coragem de nos entregarmo-nos aos outros sem condições e sem esperar recompensas, é a proposta por Jesus de conseguirmos ver no «Outro» o rosto do Filho de Deus que devemos amar. E amar o outro não é fazer apenas gestos de bondade, amar o outro exige muito mais de nós: exige que o problema do outro seja o nosso problema, que a fome do outro seja a nossa fome, que a solidão do outro seja a nossa solidão, que a dor do outro seja a também a nossa dor. Quando isto acontecer e formos capazes de sair das escolas, das paróquias, da comunidade em geral, quando conseguirmos sair de nós mesmos, da nossa zona de conforto, alcançaremos a Fraternidade que Deus nos pede como filhos amados e como irmãos, que se reconhecem uns aos outros como filhos do mesmo Pai. Quando isto acontecer estaremos em condições de assumir a oração atribuída a São Francisco de Assis como um guia dos nossos passos:

«Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna. Ámen».

Bibliografia

Fontes e documentos

Ambrosio, Juan. «Avaliar em EMRC. Pistas para um caminho». Apontamentos da disciplina de Currículo, Planificação e Avaliação. Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Teologia. Manuscrito não publicado. Acedido a 10 de dezembro de 2021.

Assembleia Geral da ONU. «Declaração Universal dos Direitos Humanos». Acedido a 12 de maio de 2022. https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos

Comissão Nacional da UNESCO. «Educação para o século XXI». Acedido a 10 de outubro de 2021. https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/educacao-para-o-seculo-xxi

Concílio Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de1965).

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

Delors, Jacques, In'am Al-Mufti, Isao Amagi, Roberto Carneiro, Fay Chung, Bronislaw Geremek, William Gorham, Aleksandra Kornhauser, Michael Manley, Marisela Padrón Quero, Marie-Angélique Savané, Karan Singh, Rodolfo Stavenhagen, Myong Won Suhr, Zhou Nanzhao. *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Traduzido por José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora.

Direção-Geral da Educação. «Aprendizagens Essenciais». Acedido a 15 de janeiro de 2022. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf

Direção-Geral da Educação. «Avaliação». Acedido a 10 de dezembro de 2021. https://www.dge.mec.pt/avaliacao-0

Francisco de Assis. «Legenda dos três companheiros». Acedido a 10 de outubro de 2022. https://www.capuchinhosrs.org.br/cboeste/franciscanismo/fontes-biograficas/legenda-dos-tres-companheiros/legenda-dos-tres-companheiros

Martins, Guilherme d'Oliveira, Carlos Gomes, Joana Brocardo, José Pedroso, José Carrilo, Luísa Silva, Maria Encarnação, Maria Calçada, Rui Nery e Sónia Rodrigues. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017.

Papa Bento XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009).

Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*. A Alegria Do Evangelho (24 de novembro de 2013).

Papa Francisco. *Fraternidade: princípio regular da ordem económica*. Mensagem por ocasião da assembleia plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais» (24 de abril, 2017). Acedido a 2 de setembro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/april/documents/20220429-plenaria-scienze-sociali.html

Papa Francisco, *Fratelli Tutti*. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (Águeda: Paulinas Editora, 2020).

Papa Francisco, Louvado Sejas. Carta Encíclica *Laudato Si'* (24 de maio de 2015).

Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Acedido a 21 de outubro de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html

Isidro Lamelas. «O que é ser irmão? Ou a Fraternidade de Francisco de Assis». Acedido a 10 de outubro de 2022. https://ofm.org.pt/noticias/o-que-e-ser-irmao-ou-a-fraternidade-de-francisco-de-assis/

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Gráfica Almondina, 2014.

Urbano, Elisa, Sérgio Martins e Mónica Pires. *Conta comigo!* Lisboa: Fundação SNEC, 2021.

Estudos e ensaios

Ambrósio, Juan. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares». *Pastoral Catequética* 31-32 (2015): 63-81.

Anastasiou, Léa e Leonir Pessate Alves. *Processos de Ensinagem na Universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.* Bom Retiro: Univille, 2005.

Andrade, Maria. *A Fraternidade como Direito Fundamental entre o Ser e o Dever Ser na Dialéctica dos Opostos de Hegel*. Coimbra: Almedina, 2010.

Aquini, Marco. «Fraternidade e direitos humanos». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Organizado por Antonio Maria. BAGGIO. Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008.

Arends, Richard I. *Aprender a Ensinar*. 7th ed. Madrid: McGraw Hill, 2008.

Bauman, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Bessa, Nuno. *Os textos bíblicos na aula de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.
https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16977/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final%20Nuno%20Bessa.pdf;

Bose, Enzo. «O outro como revelação de um dom». Acedido em 10 de junho de 2022. https://www.paroquiaderamalde.pt/wrdp/o-outro-como-revelacao-de-um-dom/

Buber, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Editora Perspetiva, 1998.

Costa, Carlos. *A aventura de fazer o jornal na escola*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2014.

Costa, Márcio Luis. *Lévinas*: *uma introdução.* Traduzido por J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

Couto, Hugo. *A Fraternidade na comunidade escolar*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2012. https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/65999/3/28017.1.pdf

Cunha, Laura Da Silva. «Um estudo sobre a importância da dinâmica de grupo no processo de aprendizagem de professores». Acedido a 6 de junho de 2022. http://revistaeletronica1.hospedagemdesites.ws/revistaeletronicarh/pasta_upload/artigos/a33.pdf

Duque, João. «Salvar a Fraternidade», *Brotéria* 2 (2022), 147-155.

Dujarier, Michel. *L'Église-fraternité, I. Les origines de l'expression «adelphotès-fraternitas» aux trois premiers siècles du christianisme*. Paris : Ed. du Cerf, 1991.

Dujarier, Michel. *L'Église fraternité en Chist notre frère*. Em *Les Pères et la naissance de l'ecclésiologie*, A.-M. Vannier. Paris, 2009: 22-25.

Francesca Sabatinelli e Mariangela Jaguraba. «Dom Paglia: fraternidade universal, promessa fracassada da modernidade». Acedido a 18 de julho de 2022. https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/dom-vincenzo-paglia-santo-egidio-madri.html

Freire, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

Gadotti, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire.* São Paulo: Scipione, 199: 59.

Gómez, Peres. *La cultura escolar em la sociedad neoliberal*. Madrid: Morata, 1999: 11.

Gómez, Peres. «A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula». Em *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000: 57.

Lévinas, Emmanuel. *Ética e infinito*. Traduzido por João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982: 89.

Libâneo, José Carlos. *Didática.* São Paulo: Cortez, 1994.

Lima, José. *As culturas colaborativas nas escolas: Estruturas, processos e conteúdos*. Porto: Porto Editora, 2002.

Mendonça, José Tolentino. *O que é amar um país. O poder da esperança*. Lisboa: Quetzal Editores, 2020.

Mendonça, José Tolentino. *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e não crentes*. Águeda: Paulinas Editora, 2011.

Núnez, Martín. «A fraternidade na encíclica *Fratelli tutti.* Raízes Franciscanas». *Eborensia* 55 (2021): 199-220. https://antonianumroma.org/public/pua/bibliografia/3pgs_Eborensia_Fraternity-FT.pdf

Olaizola, José María. *En tierra de todos*. SalTerrae, 2012.

Papa Francisco. *Proteger a Criação. Reflexões sobre o estado do mundo*. Braga : Sol nascente, 2016.

Pena, Alexandra. «“Toda vida atual é encontro”: contribuições de Martin Buber para a Educação». *Educação* 42, 3 (2019): 506–513. https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.3.29874

Pereira, Paula. *Amor e conhecimento. Reflexões em torno da razão pedagógica*. Porto: Porto Editora, 2000.

Ratzinger, Joseph. «La fraternità Cristiana». *Giornale di teologia* 311(2005): 26.

Redfield, Robert. *Little community and peasant society and culture.* Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Rios, Terezinha Azeredo. «Competência ou competências - o novo e o original na formação de professores». Em *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos.* Editado por Rosa DEG Souza, VTC. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Ropelato, Daniela. «Notas sobre participação e Fraternidade». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Organizado por Antonio Maria. BAGGIO. Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008, 106.

Sá Carvalho, Cristina. *Curso Geral de Catequistas – Psicologia.* Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2004.

Spadaro, António. «Sette pilastri dell’educazione secondo J. M. Bergoglio». *La Civiltà Cattolica* 4037, III (2018): 343-357.

Sequeri, Pierangelo et al.. «SALVAR A FRATERNIDADE – JUNTOS. Um apelo à fé e ao pensamento». Acedido a 30 de junho de 2022. https://www.academyforlife.va/content/pav/en/salvare-fraternita/il-documento/il-testo/il-testo-pt.html.

Tozi, «A Fraternidade é uma categoria política?». Em *O príncipio esquecido: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Organizado por Antonio Maria. BAGGIO. Cidade Nova: Vargem Grande Paulista: 2008, 63.

Torralba, Francesc. *Y, a pesar de todo, creer*. Madrid: Editorial PPC, 2018.

Tönnies, Ferdinand. *Community and Civil Society*. Cambrigde: Cambrigde University, 2001.

Uribe, Fernando. «La fraternidad en la forma de vida propuesta por Francisco de Asís». *Selecciones de Franciscanismo* 32 (2003): 236-249.

Vaz, Armindo. «Caim e Abel: mito e mensagem». *Revista Bíblica* 375 (2018): 18-21.

Vatican News. *"Salvando a Fraternidade-Juntos", por uma Igreja aberta ao mundo*. Acedido a 18 de julho de 2022. https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-06/fraternidade-apelo-teologia-igreja.html